

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 9 a 15 de dezembro de 1960 Nº 93

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges

O desastre do professor Guerreiro Ramos

O PROF. GUERREIRO RAMOS, num esforço de interpretação das eleições de 3 de outubro, publicou uma série de artigos no jornal «Última Hora». Alguma coisa tem dito, a propósito, sobre a atividade dos comunistas e a candidatura do marechal Lott, que agora considera um desastre. Mas nosso redator Renato Guimarães, em artigo na 5ª página do 2º caderno, acha que o desastre é do ilustre professor.

Melhores salários exigem aeronautas e aeroviários

OS TRABALHADORES aeronautas e aeroviários de todo o país continuam empenhados na campanha salarial, e a alegação das empresas de aviação comercial, de que não dispõem de meios para atendê-los, poderá levá-los, como no ano passado, a deflagração de uma nova greve geral. Leia reportagem na 2ª página deste caderno.

URSS publica atlas da face oculta da Lua

QUASE ao mesmo tempo que enviavam ao espaço uma outra nave espacial com duas cadelas e alguns vegetais e animais, os cientistas soviéticos publicaram um atlas da face oculta da Lua. O atlas foi elaborado a partir das fotografias tiradas pelo foguete que contornou a Lua meses atrás e estudadas por uma equipe de especialistas. 8ª página do 1º caderno.

O massacre dos camponeses em Cochabamba

A REFORMA agrária boliviana parou no meio do caminho e deixou aos próprios camponeses a tarefa de empunhar as armas em defesa de suas terras contra os latifundiários, e, como aconteceu em Cochabamba, contra o próprio exército, chamado em defesa da oligarquia. Calcula-se que quase cem camponeses morreram na cidade de Cliza. 7ª página do 1º caderno.

Povo brasileiro na batalha em defesa de Cuba

DISCURSOS de deputados e senadores, pronunciamentos de câmaras legislativas estaduais e municipais, além de comícios e atos públicos promovidos por entidades sindicais e estudantis em todo o país, levam ao povo cubano o calor da solidariedade do povo brasileiro à sua luta contra o imperialismo. 3ª página do 2º caderno.

Revolta contra a chibata

SEM QUE os círculos oficiais tomassem conhecimento, transcorreu em novembro último o 50º aniversário do levante dos marinheiros contra o regime de chibata na Marinha brasileira. Na 3ª página do 2º caderno o leitor encontrará uma resposta evocativa da corajosa luta dos marujos e seu líder, João Cândido (foto), hoje com 80 anos de idade.

Primeiro dia: suborno e corrupção

UM NEGÓCIO vergenhoso, patrocinado pessoalmente pelo sr. Carlos Lacerda e dirigido pelo seu líder Amaral Neto — eis o que foi a eleição para a mesa da Assembléia Constituinte da Guanabara. Para assegurar a vitória do seu candidato, o governo lacerdistas pôs em prática, sem nenhum escrúpulo, todos os recursos que as vestais udenistas tanto condenavam com fingida indignação, na atual Câmara de Vereadores. Como denunciou o sr. Levi Neves, os votos estavam marcados pelo líder do governo. Era a forma de controlar os deputados que se venderam ao governo: Miécimo da Silva, Sami Jorge, Amando Fonseca, Atila Nunes e Silbert Sobrinho, em troca de favores e privilégios contrários aos interesses do povo. Era o primeiro dia de governo do sr. Lacerda. (Texto na 6ª página do 1º caderno).

Rádio e TV têm gente como a gente

DANDO tudo de si, e muitas vezes até um pouco mais, os grandes cartazes do rádio e da televisão levam uma vida completamente diferente daquela que a imaginação de muitos, alimentada pelos «romances» divulgados por publicações especializadas, constrói. Astros e estrelas pagam caro o preço da fama. Trabalham noite e dia, são verdadeiros globe-trotters que correm o Brasil de Norte a Sul para levar ao público de que são ídolos o calor de suas interpretações. Verinha Nunes (foto), é um pouco disso. Televisão tornou-a mais popular, e hoje ela divide o seu tempo entre o vídeo e a ribalta, encontrando, raramente, um momento de folga para tomar seu banho de sol. Na 1ª página do 2º caderno o leitor encontrará a primeira de uma série de reportagens sobre a vida dos que trabalham no rádio e na tevê.



LACERDA TOMA POSSE: ESPALHA O SUBORNO E ANUNCIA GOVERNO DE ÓDIO E VINGANÇA

O GOVERNO do sr. Carlos Lacerda, empossado segunda-feira, nasce sob o signo do ódio, da violência e do suborno. Em seus discursos, no Palácio Tiradentes e no Palácio da Guanabara, o novo governador não fez senão ameaças: ao funcionalismo do Estado, aos nacionalistas e aos comunistas. No dia seguinte, depois de nomear o espancador Cecil Borer para a polícia política, verificava-se uma brutal arbitrariedade: a prisão de um servidor do IAPM que, em conversa entre amigos, lembrava ter sido o sr. Lacerda eleito apenas por um quarto dos votos dos cariocas. (Textos na 1ª, 3ª e 6ª páginas do 1º caderno).



Lacerdismo no Poder

ORLANDO BOMFIM JR.

UM DIA apenas de governo bastou para mostrar o que significa o sr. Carlos Lacerda no poder. Já antes havíamos assistido ao espetáculo, ridículo e ao mesmo tempo esclarecedor, de sua viagem ao exterior. Foi à Ásia para solidarizar-se com Chiang Kai Chek, a desfrutável boneco que ainda ocupa a ilha de Formosa. Intrameteu-se nos problemas da África para defender o colonialismo e condenar a heroica Argélia. Tratando da questão da América, chegou a pousar de rotundo e imberbe anti-Fidel Castro... E, além disso, andou cortejando, aqui e ali, os magnatas dos monopólios, assegurando-lhes que para eles as portas do Estado da Guanabara estarão escancaradas, tanto para que possam entrar como para que possam levar o produto da exploração de nossas riquezas e de nosso povo.

SÃO IGUALMENTE reveladores os discursos pronunciados pelo sr. Carlos Lacerda ao assumir o governo, no ato de posse e no de transmissão do cargo. Nenhum plano concreto para a solução dos inúmeros e graves problemas que afligem a vida do carioca. Apenas denúncias, no conhecido estilo de agitador demagogo, e promessas vazias e soltas, desligadas de qualquer delineamento, mesmo geral, de um trabalho sério e construtivo. Agora isto, ameaças. Ameaças a céus e terras. Naturalmente excluídos, dos céus e terras, a Light, a Telefônica, os exportadores de café que sonham impostos, os negociantes da carestia e todos os demais membros da camarilha que financiou a campanha do fundador do Clube da Lanterna.

COMO NÃO podia deixar de ser, nós, comunistas, recebemos a nosso quinhão. E mais de uma vez. Mas é claro que não iremos, por isso, perder o sono. Os fatos estão aí para mostrar o rumo do futuro, também em nossa pátria. A volta do espancador Borer para o comando do aparelho de repressão policial jamais significará que o emprego da violência fará voltar para trás a roda da História. Aliás, o sr. Lacerda afirmou, no seu discurso de posse, que o comunismo, «na sua forma atual, se disfarça de nacionalista e populista,

de anticolonialista e pacifista.» Pois é exatamente aí que bate o ponto. Aí se revela a verdadeira face — sem disfarce, ou mal disfarçado — do anticomunismo. É o pretexto para a reação contra a luta pelas reivindicações populares, pela emancipação nacional e em defesa da paz. É, pois, a arma dos que pretendem se opor ao avanço de nosso povo no caminho que leva à solução de seus mais decisivos problemas. E não há dúvida de que esse caminho será trilhado, transpondo-se qualquer barreira.

O PRIMEIRO dia de governo Lacerda revelou, também, o que existe de fanático na sua trombeteada defesa da moralidade política. Foi sob o signo da mais despuddorada corrupção que o situacionismo conseguiu eleger sua chapa para a mesa da Assembléia Constituinte. Houve escandalosa negociação de votos. Chegou-se ao requinte da marcação de cédulas para se comprovar que os traficantes cumpriram a promessa e fizeram jus à retribuição.

TIVEMOS, assim, uma demonstração do que significa o lacerdismo no poder. De seus processos e de suas intenções. E são esses processos e essas intenções que o sr. Carlos Lacerda, falando com empáfia de ditador, quer impor ao povo da Guanabara. Afinal, quem representa ele? Recebeu os votos de 1/4 apenas do eleitorado. Sua política ultra-reacionária e antipopular, histórica e também estéril, foi repudiada nas urnas pela maioria esmagadora da população. Só essas circunstâncias bastariam para que qualquer político, embora medrosos de bom-senso, sentisse pelo menos a pulga atrás da orelha. Mas o herói do «Almirante Tamandaré» não é homem dessas coisas. Quer impor seu ultra-reacionismo a ferro e fogo. Promete até transformar seu governo numa fogueira. Delírio de voluntarista, como se vê, que no fundo tem pelo povo completo desprezo. Mas outras são as aspirações e a vontade do carioca, que há de saber unir suas forças e buscar, na luta organizada e serena, com apoio nos que dignamente o representam na Assembléia Constituinte, os meios e formas de encaminhar a solução dos seus asfixiantes problemas.

Dois cadernos
14 páginas

10

GRUZEIROS

Na Luta, Trabalhadores Ganham Melhores Salários

GERALDO RODRIGUES DOS SANTOS

Principalmente nos últimos seis meses os trabalhadores de São Paulo lançaram-se a grandes lutas. Ganham salários com poder de compra excessivamente diminuído, eles sentiram como nunca a necessidade de luta para a melhoria de sua situação angustiosa. Do desassossego, partiram para as grandes assembleias sindicais que deliberaram democraticamente sobre o caminho a tomar.

Assim, a característica do movimento operário nessa fase é marcada por um crescente movimento de massas, numa demonstração clara contra a política do governo. Desde antes da campanha eleitoral e em seguida verificamos um impetuoso aumento das lutas operárias pela conquista de melhores salários e contra a carestia. Uma particularidade é que tais lutas ocorreram com maior vigor no Estado em que teve origem a candidatura de Jânio Quadros. Fica com isso claro que as massas desde já dispõem-se não só a obter o atendimento de suas reivindicações, como também pretendem mudanças na política econômico-financeira do governo, não aceitando assim os apelos do grupo janista no sentido de aguardar a posse do sr. J. Quadros, quando então seriam solucionados os seus problemas.

Assim entendendo, os trabalhadores utilizaram com sabedoria a arma da greve para a obtenção de suas reivindicações. Os principais movimentos grevistas foram deflagrados nas categorias dos metalúrgicos de São Paulo e Guarulhos (250 mil trabalhadores) com seis dias úteis de greve; gráficos da capital (25 mil) com uma duração de 9 horas (jornais) e 36 horas (casas de obras) de paralisação; trabalhadores em calçados (20 mil operários), 5 dias; trabalhadores em frigoríficos de S. Paulo e S. André (5 mil operários) pararam durante 24 horas; os da petroquímica de Cubatão (1200 operários); da Fábrica Brasileira de Estireno, Alba S/A, Union Carbide S/A, «Copebrás», cruzaram os braços durante 4 dias. Motoristas, cobradores de empresas particulares de ônibus também pararam por 36 horas. A esses devemos acrescentar os servidores dos setores de bondes e ônibus da CMT, os ensacadores de café de Santos, os metalúrgicos de Mogi das Cruzes e outros. O total de grevistas atingiu a cifra de 306 mil trabalhadores. E, assim, como consequência da desastrosa política econômico-financeira do governo, somada à intransigência patronal frente às urgentes necessidades dos trabalhadores, foram perdidas 11 milhões seis mil e quatrocentos operários-horas de trabalho.

Várias passeatas foram realizadas. Conduzindo faixas e cartazes, milhares de trabalhadores desfilaram pelas ruas centrais da cidade. Visitaram os metalúrgicos os órgãos legislativos e a Federação das Indústrias. Despertaram o apoio de diversas camadas da população que assim tomaram conhecimento das reivindicações econômicas e políticas da classe operária. Em São Miguel Paulista, onde se localiza a Nitroquímica, operários do setor promoveram também desfiles e comícios. Os bancários, para a obtenção da vitória, além de assembleias, encontros com os representantes patronais, etc., desfilaram mais de uma semana, ao cair da tarde, no próprio reduto dos banqueiros, aler-

tando os vacilantes e advertindo os patrões.

Não foi porém necessária a greve para diversas categorias profissionais. Houve mesmo vitórias do proletariado em diversas frentes de trabalho sem o recurso à paralisação. Os têxteis, que somam cerca de 200 mil em todo o Estado, os trabalhadores em curtumes (3 mil), os vidreiros (20 mil), os da Nitroquímica (3 mil), em consequência da vitória dos metalúrgicos (40% de aumento), receberam dos patrões — já pressionados pelas assembleias sindicais — propostas mais aceitáveis. Os patrões sentiram que se não cedessem os trabalhadores dessas categorias paralisariam o trabalho com a solidariedade ativa de seus companheiros. Os bancários, por sua vez, também organizados e ativos, obtiveram vitórias.

Para o desfecho vitorioso de tantas lutas concorreu poderosamente a greve nacional dos portuários, marítimos e ferroviários pela paridade. Essa disposição de luta do proletariado teve sua expressão em São Paulo na greve da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

Outro aspecto que devemos considerar é o de que as lutas por melhoria salarial não se restringiram, nem se restringem, à indústria privada. O funcionalismo público vem-se movimentando em prol de melhores salários e vencimentos. O sr. Carvalho Pinto — sem favor a pior patrão do ano — resistiu e apela para as ameaças ou às propostas de aumentos irrisórios. Chega mesmo a superpor o Estatuto dos Funcionários Públicos à Constituição, proibindo que cidadãos no pleno gozo de seus direitos — os funcionários — reivindiquem melhores proventos. Procura abrir inquéritos administrativos contra os servidores, pelo simples fato de lutarem contra a miséria. O movimento empreendido pelos militares da Força Pública — que com energia defenderam seus direitos — é bem uma demonstração de que o governo do sr. Carvalho Pinto provoca o descontentamento de todos os que vivem de salários e vencimentos.

De um modo geral os trabalhadores, ao lado das exigências de elevação salarial, abono de Natal, etc., reclamaram do governo intervenção nos frigoríficos e a rebaixa no preço da carne, bem como respeito às liberdades democráticas, sultura de trabalhadores aprisionados (na greve da CMTC foram encarcerados perto de 600), apoio ao governo revolucionário de Fidel Castro, solidariedade ao líder camponês Joffre Correia Neto e seus companheiros. Estes, como é sabido, são os únicos presos políticos no país, com a responsabilidade, acentue-se, do governador Carvalho Pinto, o homem que seria no governo de São Paulo, segundo a propaganda eleitoral janista, justo, democrata, amigo dos trabalhadores.

As lutas não cessaram. Marcenários, aeroviários, funcionários públicos e outros protestam contra a carestia reivindicando melhor compensação salarial. Batem-se eles contra a elevação de preços, reclamando a aprovação do projeto que regulamenta o direito de greve, manifestando-se contra a restrição de lucros das companhias estrangeiras para o Exterior e por medidas que realmente possam barrar o incessante assalto à bolsa do povo.



Motores podem parar

FORÇA TOTAL PARA QUE A VITÓRIA VENHA LOGO

Aeronautas e Aeroviários: Aumento de Salários e Abono Até 24 de Dezembro

Os 21 mil trabalhadores aeroviários e aeronautas de todo o país continuam mobilizados, atentos ao desenrolar dos contenciosos que se processam entre os seus líderes, os representantes patronais e as autoridades governamentais, à procura de uma solução para o aumento salarial pleiteado pelas duas categorias profissionais.

Os aeroviários, através da realização de várias assembleias sindicais, resolveram lutar pelas seguintes reivindicações:

- 1) aumento salarial de 50%, a partir de 16 de dezembro do corrente, com um mínimo de cinco mil cruzeiros;
- 2) concessão de um Abono de Natal no valor de 10 mil cruzeiros, a ser pago até o dia 24 de dezembro;
- 3) estabelecimento de um acréscimo salarial de Cr\$ 1.000,00 por triênio de serviço.

Os aeronautas, por outro lado, após vários dias de debates, resolveram reivindicar um novo acordo nas seguintes bases: 1) aumento salarial de 50% a partir de 20 de dezembro do corrente; 2) aumento de 50% nas gratificações de equipamentos, diários, etc.; 3) concessão de um Abono de Natal na base de 50% sobre os salários pagos atualmente.

Entendimentos

Os representantes patronais se comprometeram a estudar as propostas formuladas pelos líderes dos aeronautas e dos aeroviários, mas advertiram, entretanto, que vários fatores deverão ser considerados, entre os quais a situação financeira das empresas e a necessidade de um exame para o levantamento dos recursos indispensáveis à cobertura das despesas determinadas pelos novos acordos.

A greve passada

Em dezembro do ano passado os trabalhadores aeroviários tiveram de deflagrar uma greve geral em todos os serviços de terra da aviação comercial brasileira, para conquistar o aumento salarial pleiteado pela categoria. A greve teve o mérito de resolver em três dias um assunto que vinha se arrastando há mais de um mês, através de detalhes infrutíferos.

O motivo das delongas é sempre o mesmo: as empresas empregadoras afirmam que não têm meios para cobrir os despesas decorrentes do reajustamento salarial, enquanto os representantes do Governo fogem ao exame sério do assunto.

Na esperança de encontrar uma solução amigável, é que os aeroviários e aeronautas iniciam a sua campanha salarial muito cedo, de modo a dar bastante tempo aos empregadores e ao Governo para que tomem todas as providências destinadas a resolver o problema e assim evitar que os trabalhadores

se vejam obrigados a recorrer ao recurso da greve.

Um mês antes de terminar o atual acordo salarial, já os aeroviários, do mesmo modo que os aeronautas, haviam realizado assembleias nos Estados da Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais e estabelecido a sua plataforma comum de reivindicações. Com trinta dias de antecedência foram iniciados os contactos com as autoridades e os empregadores, mas a perspectiva do impasse começa a se delinear.

O golpe das empresas

Nessa questão de reajustamento salarial os trabalhadores nas empresas de aviação comercial, os empregadores retardam deliberadamente a solução do assunto para obterem maiores vantagens do Governo. Já na primeira reunião para estudar o assunto, os representantes patronais deixaram claro que não poderão conceder qualquer melhoria salarial sem que tenham uma cobertura dos cofres públicos. As empresas não admitem nenhuma restrição em seus lucros, e jamais concordaram em tirar dinheiro dos seus próprios bolsos para pagar aos seus empregados. Ao contrário, o que elas desejam é aumentar os seus lucros à custa do aumento de salários concedidos aos trabalhadores, com subvenção governamental, ou aumento tarifário.

Dispensas na Cruzeiro do Sul

Em geral, as subvenções governamentais são concedidas na base das folhas de pagamento apresentadas pelas empresas de aviação comercial. A verba concedida pelo Governo tem o fim específico de atender às despesas com a elevação salarial daquele determinado número de trabalhadores. Mas as empresas, firmado o acordo, e iniciado o fornecimento da verba governamental, passam a demitir inúmeros de seus empregados, e a embolsar, criminosamente, o dinheiro da subvenção oficial, a eles destinados.

Esta nesse caso a Cruzeiro do Sul. Esse, pelo menos, é o sentido da denúncia que os líderes aeroviários fizeram chegar até as autoridades ministeriais. A Cruzeiro, segundo declarou à reportagem o sr. João da Silva Maia, secretário do Sindicato Nacional dos Aeroviários, já demitiu, depois da assinatura do último acordo salarial, mais de 500 aeroviários e cerca de 100 aeronautas, muitos dos quais com mais de cinco anos de casa. Outras empresas atacam do mesmo modo, sem que o Governo tome as providências destinadas não só à aplicação correta do dinheiro público, como também a defesa dos interesses e dos direitos dos operários.

Agora, quando se discute a assinatura de um novo acordo salarial, os líderes aeroviários e aeronautas estão dando maior ênfase a essas denúncias,

Aumento na Brahma: luta na Antártica e Cairu

Toda a indústria de cervejaria do Estado da Guanabara esteve às portas da paralisação, em virtude da campanha dos seus sete mil trabalhadores, que ameaçavam a deflagração de uma greve geral em defesa de melhores salários. Somente depois que os operários deram início à «operação tartaruga», que determinou uma queda de mais de 50% na produção normal das empresas, é que a Brahma viu que a greve seria mesmo o ponto final da campanha, e se decidiu a apresentar uma proposta que propiciou uma solução conciliatória.

O AUMENTO

Embora com certa relutância, os trabalhadores da indústria de bebidas aceitaram a oferta, concedendo um aumento de 38% sobre o salário mínimo de 9.600 cruzeiros, e de 36% sobre os salários dos demais operários qualificados. A Companhia Antártica Paulista, entretanto, mantém-se intransigente na oferta de um reajustamento de 35% sobre os salários resultantes do último acordo firmado em novembro de 1959. A Cairu, por outro lado, não oferece mais que 25% sobre os salários antigos.

BATALHA JUDICIÁRIA

Ao aceitarem o acordo salarial oferecido pela Brahma, os trabalhadores autorizaram a Diretoria do seu sindicato a levar para a Justiça do Trabalho a questão relativa às Companhias Antártica e Cairu. Tanto os operários como os líderes da classe entendem que os referidos empresas estão obrigadas a concederem um aumento para os seus empregados na mesma base do que foi concedido aos da Brahma. Daí terem apelado para a batalha judiciária, da qual acham que sairão vitoriosos.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Faíçal A. Assran ... Cr\$ 200,00
Operários da construção civil da Ilha do Governador ... Cr\$ 300,00

Defende Teu Direito

Salário maternidade

A mulher gestante só está obrigada a apresentação do atestado médico passado por instituição oficial, a que se refere o art. 392, § 1.º, e art. 375 da C.L.T., na oportunidade de seu afastamento do trabalho. Prematuro será qualquer exigência antecipada naquele sentido, visando o resguardo do emprego. Se a lei não obriga a gestante avisar o empregador do seu estado de gravidez antes de atingido o período inicial do afastamento, toda a despedida injusta que se verificar, gera a presunção de ter sido operada com o propósito de evitar a conquista do benefício. Ac. TST, 2.ª Turma (Proc. 908/57), Relator Jonas de Carvalho.

O auxílio-enfermidade não exclui o direito ao auxílio-maternidade. Negar o salário integral à gestante no período previsto pelo art. 392 da Consolidação, é violar a lei e divergir de jurisprudência consagrada. Ac. TST — Pleno (Proc. 2.990/55), Relator Godoy Ilha.

O direito ao recebimento do salário-maternidade, presunção esteia a empregada em serviço à época respectiva ou da sua concessão. Suspensão do contrato de trabalho, cessa a obrigação do empregador. Ac. TST, 1.ª Turma (Proc. 733/57), Relator Oliveira Lima.

Caso em que a empregada foi despedida no terceiro mês de gestação, mediante aviso prévio. Despedida a gestante sem justa causa, faz eia jus ao salário-maternidade, ainda que fora do período das seis semanas anteriores ao parto. Ac. TST — Pleno (Proc. 235/56), Relator Thello Monteiro.

Empregada no quinto mês de gravidez; dispensa mediante pagamento de aviso prévio; alegação, não provada, de tratar-se de medida de economia. A despedida motivada da trabalhadora gestante antes do período do descanso a que se referem esses preceitos, obriga o empregador ao pagamento dos salários que nele seriam devidos. O recebimento da maternidade se constitui em preocupação de todos os povos civilizados e, no que tange ao Direito do Trabalho, essa preocupação se fez sentir desde os seus primórdios. Ac. TST — Pleno (Proc. 758/56), Relator Oscar Saraiva.

Dispensa às vésperas do início do período a que se refere o art. 333 da Consolidação. Desde que comprovada a gravidez, não manifesta a ciência de tal estado pelo empregador, licita se torna a dispensa sem motivo ou injusta causa, já que possui a gestante uma garantia do emprego até o decurso do período de seis semanas após o parto. Interpretado do preceito constitucional contido no item 1 do art. 137 que garante o descanso, sem prejuízo do emprego. Ac. TST — Pleno (Proc. 1.151/59), Relator Hildebrando Bisaglia.

Nada obsta a que o auxílio-maternidade seja concedido à empregada que se acha percebendo o auxílio-enfermidade ou segundo doença. Como foi alientado, são fatos perfeitamente coexistentes, cada um a produzir efeitos jurídicos diversos: pela doença, o empregador fornece, sem remuneração, a mulher; pela gravidez ou pelo parto, e ele obrigado ao pagamento integral dos salários. Inadmissível é que o fato da doença, que isenta o empregador do pagamento de salários, mas obriga a instituição de previdência social, tenha o poder de eliminar os efeitos surgidos de outro fato jurídico: o da gravidez e parto. Ac. STJ, 1.ª Turma (Rec. ext. 30.116), Relator Nelson Hungria.

O acórdão recorrido entendeu que o salário-maternidade não poderia ser inferior ao mínimo legal. — Embargos conhecidos, mas rejeitados. O salário-maternidade deve ser calculado de acordo com o acordo contratual ou com o salário mínimo, conforme o caso. Ac. TST — Pleno (Proc. 4.342/55), Relator Thello Monteiro.

Salário mínimo

O acórdão recorrido entendeu que o art. 116 da Consolidação das Leis do Trabalho prevalece sobre o que em contrato coletivo há o aumento de nível do salário mínimo, ao que se refere à sua cultura em vigor. — Recurso extraordinário conhecido e provido, unanimemente. O decreto do Poder Executivo, referente à elevação do nível salarial, pode determinar a data em que entra em vigor a redução ou reajustamento. Ac. STJ, 2.ª Turma (Rec. ext. 44.671), Relator Vilas Boas, "Inventário Trabalhista", setembro-1960.

Nota Sindical Uma Lavagem na Roupa Suja

Os líderes sindicais do Estado da Guanabara decidiram promover uma lavagem completa na roupa suja que vem se acumulando nas cúpulas do movimento sindical. Nesse sentido, a primeira medida que tomaram foi a convocação de uma ampla reunião de debate, que se realizará durante os dias 20, 21 e 22 de janeiro próximo, e que contará com a participação de representantes de todas as categorias profissionais.

A reunião, convocada pelos membros do Conselho Regional Consultivo da CNTI, terá caráter reservado. Desse modo, os líderes sindicais poderão dizer tudo o que realmente sabem sobre a conduta dos dirigentes das entidades de cúpula, notadamente da CNTI, CNTC, CNTT e CNTMFA, uma vez que um dos objetivos do prolongado debate é justamente o de fixar a posição dos líderes sindicais face a ação daquelas organizações e dos seus respectivos representantes, nesses últimos meses de atividade sindical.

A ideia de reunião surgiu como uma necessidade de esclarecimento da posição antiunitária e traiceira que os representantes das entidades organizadas vem adotando, com maior intensidade, nesse último semestre. Com efeito, a medida em que as massas trabalhadoras das lutas reivindicatórias, chegando a realização de grandes greves como a dos estivadores, marítimos, portuários e ferroviários, os gozadores das confederações vão dando mostras de seu verdadeiro papel de cães de guarda dos interesses da burguesia reacionária e do imperialismo, enquadrados no movimento sindical.

Justamente quando milhares de trabalhadores, nas selvas dos seus sindicatos, ou na intimidade dos seus lares, comemoravam a conquista de melhores salários, graças a unidade na luta reivindicatória, os líderes das confederações, entre os quais os srs. Decleciano de Hollanda Cavalcanti, Ary Campista, Sindulpho Pequeno e Angelo Parmigiani, participavam de uma reunião do Conselho da ORIT (Organização Regional Interamericana do Trabalho), em Washington, com pelegos de toda a América Latina, para discutir, como ponto único, a infiltração comunista no movimento sindical brasileiro.

Assim, enquanto os trabalhadores brasileiros comemoravam o reforçamento da unidade sindical, graças a qual continua sendo possível a conquista de maior número de reivindicações, os pelegos, da candelária do imperialismo inaque, revelavam, mais uma vez, a sua face de reles, traidores dos interesses das massas trabalhadoras. Pouco realizadas no Estado da Guanabara, entre os representantes da CIOSL, ORIT e das confederações acima mencionadas, no fim das quais foi enviado um memorial ao Conselho de Segurança Nacional, «denunciando» a infiltração comunista nos sindicatos e nas associações camponesas.

Embora não esteja fora dos seus planos a liquidação física dos dirigentes sindicais mais combativos, através da repressão policial, os pelegos visam, fundamentalmente, lançar confusão entre os líderes sindicais menos experimentados, procurando dividir o movimento sindical entre comunistas e não comunistas. Na verdade, ninguém, a não ser os próprios pelegos, embarcam nessa canoa.

Mas tão condenável tem sido a conduta dos chamados pelegos, tamanho tem sido o seu atrevimento nesses últimos meses, que os líderes sindicais cariocas resolveram promover a reunião reservada a que nos referimos, para dissipar toda a arcaísta divisão daqueles falsos líderes, e denunciar a nação o papel nefasto que eles vem desempenhando no movimento sindical brasileiro.

Nilson Azevedo

PLATAFORMA POLITICA DE LACERDA: GOVERNO DE ODIÓ E PERSEGUIÇÕES

Em meio a uma pompa in- comum e a um enorme aparato po- licial, o Sr. Carlos Lacerda empos- sou-se, na última segunda-feira, como primeiro governador eleito do Estado da Guanabara. Tanto no Palácio Tiradentes, onde se realizou a solenidade de posse, como no Pa-

lácio das Laranjeiras, onde se deu a transição do cargo, o que mais ressaltava era a presença da claqué do Clube da Lanterna, formada principalmente, como é sabido, por senhoras do «society» carioca. Houve, em ambos os atos, reduzi- do comparecimento de massa po-

pular, assim como de personali- dades políticas representativas. Ape- nas 7 deputados — os srs. Levi Neves, Menezes Côrtes, Carlos Luz, Adauto Cardoso, Nestor Duarte e Nelson Carneiro —, dos 326 que compõem a Câmara dos Deputados, estiveram presentes à posse do sr.

Lacerda. Quanto a senadores, ape- nas 4 compareceram àquela soleni- dade no Palácio Tiradentes.

Governo de ódio

Em ambos os discursos que pro- nunciou, o sr. Carlos Lacerda fez questão de acentuar que o seu pro- pósito é o de realizar um Governo de ódio e perseguições. Fazendo ameaças, já incompreensíveis nas atuais condições do mundo e de nosso país, prometeu o sr. Carlos Lacerda «extirpar» os comunistas do Estado da Guanabara. Ao mesmo tempo, fez uma aberta profissão de fé de subserviência aos Estados Unidos, atacando violentamente qualquer tendência neutralista em política exterior — com o que pa- recia querer condenar públicamen- te declarações recentes atribuídas ao sr. Jânio Quadros. Ameaçou o funcionalismo estadual e chegou ao ponto de prometer reduzir o Rio a uma «fogueira» se não lhe derem os recursos de que precisa para go- vernar.

Nada, aliás, revela mais clara- mente o ódio antidemocrático e a vocação ditatorial do sr. Carlos La- cerda do que a posição que tomou em face da Câmara de Vereadores, cujo mandato pretende cassar au- tariamente, através do Ato Insti- tucional apresentado pela bancada da UDN à Assembléia Constituinte.

O secretariado

Logo após haver recebido o car- go das mãos do sr. Sette Câmara, o governador Lacerda nomeou os seus secretários e outros auxiliares imediatos. Os nomes escolhidos fo- ram os mesmos que vinham sendo anteriormente apontados pelo noti- ciário dos jornais.

Trata-se de um Secretariado profundamente reacionário em sua composição: enquanto na Chefia do Gabinete está o sr. Rafael Maga- lhães, advogado da Light, na Se- cretaria da Educação está o sr. Flexa Ribeiro, inimigo rancoroso da escola pública e conhecido indus- trial do ensino particular, sendo ele próprio dono de um dos maiores colégios particulares do Rio.

Num verdadeiro insulto ao povo carioca, e mostrando muito bem o

caráter antidemocrático do seu go- verno, o sr. Lacerda fez voltar à Polícia Política o conhecido espan- cador Cecil Borer.

Três bilhões em caixa

Os agentes de propaganda do novo governo, e o próprio gover- nador, vinham alardeando que o sr. Carlos Lacerda assumia a chefia do Executivo encontrando as finanças

do Estado inteiramente desbarata- das e sem dispor de quaisquer re- cursos. O que acontece, entretanto, é exatamente o contrário. Em seu discurso oficial, desmascarando essa farsa udenista, o ex-governador Sette Câmara afirmou que entregava o cargo deixando em Caixa cer- ca de 3 bilhões de cruzeiros, recu- sos com que não haviam contado, até então, os administradores car- ocas que antecederam o sr. Lacerda.

Um Deputado, a Delação e o Socialismo

O deputado Nestor Duarte man- dou ao sr. Oswaldo Peralva uma carta, amplamente difundida pelos jornais, congratulando-se com o delator de «O RETRATO» pelo lançamento desse repelente folhetim policial.

Não nos cabe, evidentemente, impor critérios de julgamento ao

sr. Nestor Duarte. Se o deputado baiano prefere louvar a delação e se sente à vontade ao lado de delatores, registramos apenas, com pesar, que não é só a sua antiga eloquência oratória que o que o sr. Nestor Duarte está perdendo. Perde também, como se vê, o olfato.

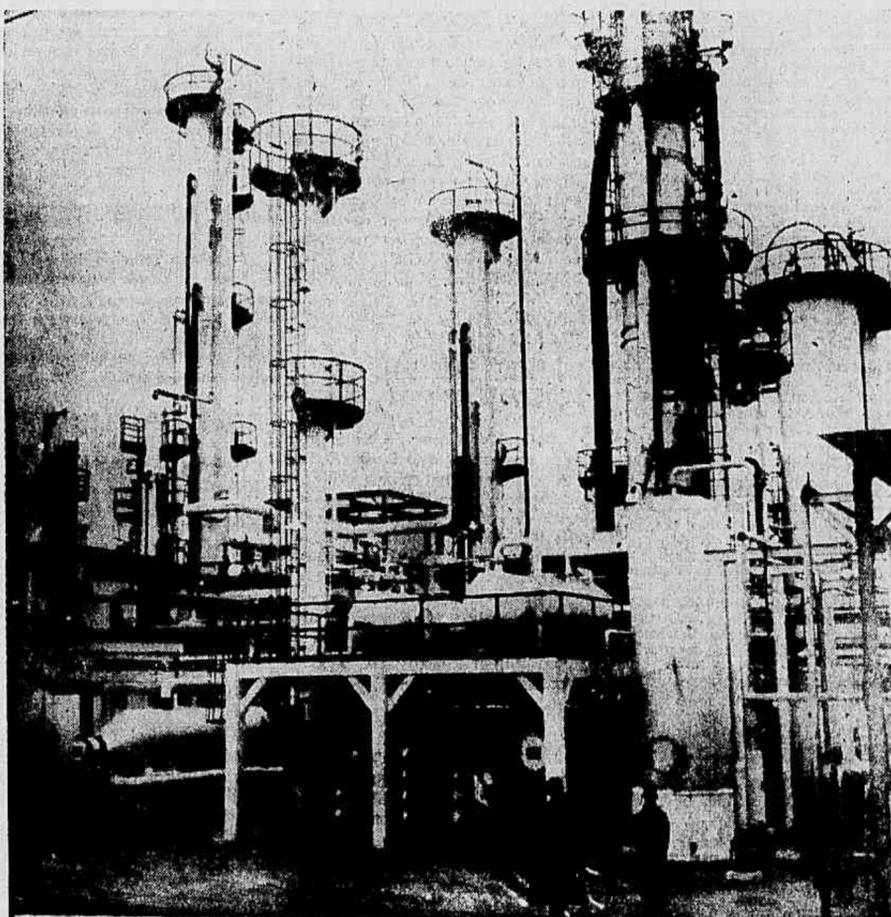
Há na carta do deputado, porém, uma observação curiosa: os Partidos Comunistas retardaram a marcha do mundo para o socialismo. E, como bom socialista, o sr. Nestor Duarte protesta com veemência.

Vale a pena atualizar os conhe- cimentos do líder da oposição, lem- brando-lhe alguns dados concretos e bastante expressivos: num prazo de 43 anos apenas, a partir de 1917, os Partidos Comunistas, derrotando o reformismo dos falsos Partidos Socialistas, levaram os trabalha- dores ao Poder em 12 países da Europa e da Ásia, habitados hoje por cerca de uma terça parte da população do globo e contribuindo com um terço da produção industrial do mundo, marchando para, em 1970, contribuir com mais de metade dessa produção. Nesses países é o proletariado, à frente de todos os trabalhadores, que se acha no Poder. Nêles não existe a explora- ção nem qualquer forma de opressão sobre o povo. São países em que a cultura floresce e realiza conqui- stas cada dia maiores, não se ver- ficando casos de degradação intelec- tual como o do delator Peralva.

Enquanto nos países socialistas os Partidos Comunistas strotem para os seus povos uma vida feliz, nos países capitalistas são os PP. CC. que se acham à frente da luta dos trabalhadores e de todas as pes- soas progressistas pela democra- cia, pela paz e pelo socialismo. Gra- ças ao seu combate abnegado, a classe operária conquista êxitos crescentes contra os exploradores, e o imperialismo sente ser cada dia mais difícil arrastar a humanidade a uma nova guerra. Em todo o mundo, como dizia Lenin, os Partidos Comunistas constituem a consciência, a honra e a inteligência de nossa época. São eles que mo- delam o mundo de paz e felicidade que se já ao alcance de nossas mãos.

O sr. Nestor Duarte teria razão, entretanto, se, com o atraso de algumas décadas, confundisse ain- da o socialismo com os partidos social-democratas da II Internacional — camarilhas de traidores da classe operária, onde eram numerosos os ativistas e delatores do tipo do sr. Peralva. Ou, o que é pior: se chegasse a um ponto tal de desori- entação mental que confundisse so- cialismo com UDN e PL.

Que o sr. Nestor Duarte faça bom proveito de suas companhias, se não quiser recuperar o olfato perdido.



A encampação das refinarias particulares, a mudança da direção entreguista do Conselho Nacional do Petróleo, e a mudança da orientação da própria direção da Petrobrás são as medidas reclamadas pelos parlamentares nacionalistas para defender o monopólio estatal do petróleo, que está atacado em diversas frentes pelos defensores da Esso

Medidas radicais

Monopólio Integral Para Defender a Petrobrás

O depoimento do cel. Sanden- berg, diante da Frente Parlamentar Nacionalista, e o discurso do deputado Ferro Costa, na Câmara Federal, durante a semana passada, transferiram para toda a execução da política do monopólio estatal do petróleo o debate, iniciado semanas atrás, em torno da sabotagem em- preendida pelo técnico lanque Walter Link no Departamento de Exploração da Petrobrás. Pouco a pouco, foi sendo puxado o véu que encobria, para a opinião pública, todo um conjunto de tramas e irregularidades na esfera dos órgãos executores da política petrolífera oficial, visando à derrubada da Petrobrás.

A situação que hoje aparece, para a opinião pública, revela que a Petrobrás, e a política que ela representa, estão sendo asfixiadas em várias frentes. O domínio indiretamente exercido pela Esso sobre o Departamento de Exploração da empresa, através da equipe de técnicos que ali atua sobre a direção de mr. Link é apenas uma das frentes. E talvez não seja a mais impor- tante.

Esmagamento financeiro

A frente financeira, por exem- plo, é a que mais preocupa alguns técnicos da Petrobrás interessados no sucesso da empresa. Embaraçando a Petrobrás a assumir compromissos financeiros de acerto discutível, como a construção da refinaria de Belo Horizonte, o go- verno está sistematicamente atrasando na entrega à empresa dos recursos que lhe são devidos, como as cotas do Fundo Geral de Fretes, o imposto único sobre combusti- veis, etc. Ao mesmo tempo, o gover- no prende as divisas, a que a Petro- brás tem direito, e recusa-se a re- ajustar o sistema de preços de com- bustíveis, de maneira a que a Pe-

trobrás, com uma receita inaltera- da, esteja cada vez mais pressiona- da pela alta de seus custos de produ- ção.

As refinarias particulares, go- zando da cumplicidade do Conselho Nacional do Petróleo, desincumbem- se de uma segunda etapa na tarefa de esmagamento financeiro da Petrobrás. O relatório de um dos mem- bros do CNP, cel. Geysel, divulga- do no discurso do deputado Ferro Costa, deu detalhes precisos sobre as manobras das refinarias, articula- das com a direção do CNP, para burlar a lei que as obriga a indenizar a Petrobrás pela sua produ- ção excedente, em relação aos níveis fixados pela lei 2004. Também as contribuições devidas pelas refinarias ao Fundo de Pesquisas não estão sendo entregues, como manda a lei, à Petrobrás. Alguns bilhões de cruzeiros são dessa forma surrupiados ao orçamento da empresa executora do monopólio estatal.

A própria administração inter- na da Petrobrás é colocada, pelos parlamentares nacionalistas, como uma das frentes da trama entreguista contra o monopólio estatal. A direção da empresa é acusada de estar infiltrada de incapazes e ineptos, de aderir ao «empreguismo», de entregar a «lanternas» furiosos setores importantes de seu funcio- nalismo, e de adotar métodos de admisso de pessoal incompatíveis com os objetivos da empresa, como a instituição do «atestado de ideolo- gia», para afastar dela qualquer pessoa suspeita de idéias progressis- tas e democráticas.

Monopólio Integral

A apuração da verdade e da exten- são dessas denúncias, e a indica- ção dos meios para defender o mo- nopólio estatal e a Petrobrás, será a tarefa da Comissão Parlamentar de Inquérito, já criada pela Câmara, em Brasília, e que deverá estar

funcionando a pleno vapor, nos próximos dias. A idéia dominante entre os parlamentares nacionalis- tas é de que a crise só poderá ser resolvida com medidas drásticas e radicais, dada a gravidade da amea- ça múltipla que pesa sobre a Petro- brás.

A primeira dessas medidas é a decretação do chamado «monopó- lio integral», ou seja, a pura e sim- ples encampação das refinarias particulares, que constituem hoje um poderoso «grupo de pressão» constantemente mobilizado contra o monopólio estatal. O complemen- to dessa medida é a promoção de uma verdadeira limpeza no Con- selho Nacional do Petróleo, hoje transformado — para usar a ex- pressão do deputado Gabriel Passos — em um «ninho de entreguistas».

O próprio cel. Sandenberg, pre- sidente da Petrobrás, deu apoio aos que defendem essas duas medidas. Em seu debate com a Frente Parla- mentar Nacionalista, disse ele, ex- pressamente, que a adoção do «mo- nopólio integral» era a solução mais indicada para a crise. Colocou-se ainda frontalmente contra o briga- deiro Fleiuss, presidente do CNP, confirmando as denúncias sobre as vultosas dívidas das refinarias par- ticulares para com a Petrobrás — dívidas cuja existência foi desmen- tida, em entrevista à imprensa, pelo brigadeiro Fleiuss — e reconhecen- do que o CNP está dominado por inimigos da Petrobrás.

E convicção dos nacionalistas, entretanto, que nenhuma dessas medidas será bastante para preser- var o monopólio estatal, se novos métodos e novos homens não forem introduzidos na própria direção da Petrobrás. Sem ter uma direção e uma orientação capazes de romper com os laços que ainda a prendem à Standard Oil, a Petrobrás, não poderá recorrer a equipes de técni- cos estrangeiros não ligados ao im-

perialismo — inclusive soviéticos e rumenos —, contratar para o seu quadro de técnicos e funcionários brasileiros apenas os que estejam efetivamente interessados no suce- so da empresa, e expurgar desse quadro os espíes e sabotadores en- entreguistas. E essas medidas são in- dispensáveis para que a Petrobrás possa cumprir a tarefa que lhe foi destinada pelo povo brasileiro: dar petróleo ao Brasil, e livrar nosso país da dependência em relação aos trustes internacionais que contro- lam o comércio de combustíveis no mundo capitalista.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Os jornais informam: empu- nhando uma picareta, o sr. Sette Câmara golpeou três vezes o solo, iniciando simbolicamente a cons- trução da segunda adutora do Guandu, que garantirá, até 1980, nada menos de 400 milhões de li- tros de água, volume capaz de matar a sede mais pantagruética, não há dúvida.

Infelizmente estamos em 1960 e a semana começou com uma ro- maria de latas d'água na zona nor- te, além da posse de Lacerda, na zona sul. A falta d'água de ontem foi por causa do rompimento de um cano à altura do Maracanã. A posse de Lacerda é uma história complicada.

Constaram da solenidade da posse do novo governador salvas da artilharia do cruzador «Bar- roso». Como todos sabem, o «Bar- roso» é irmão-rêmeo do «Taman- daré», em cuja Praça d'Armas, Lacerda, por ocasião do golpe de Carlos Luz, viveu momentos amar- gados, quando atravessava a bar-

ra do Rio, ouvindo os tiros da artil- haria de costa. Lacerda partici- pava da aguerida comitiva que se destinava a fundar um gover- no de exílio em Santos, governo muito ocidental e cristão, abeno- çado pelo cardeal D. Jaime e a ser sustentado, com fornecimento de base territorial, pelo bravo de- mocrata Jânio Quadros.

Ocorrências de igual envergadu- ra, passados poucos anos, tiraram Lacerda e Jânio da moldura de ridículo em que se viram meti- dos por volta dos acontecimentos de 11 de novembro. E aí estão os dois com mandato para governar, respectivamente, a Guanabara e o País. Em favor dos heróis de car- tatura não trabalhou somente a propaganda moderna, através de promoções financiadas por entida- des caridosas, que distribuem be- nesses com a mão direita, sem que a esquerda dê pela coisa. Os ho- mens que dispunham do poder, adversários dos Jânios e Lacerdas, desmandaram-se, meteram os pés pelas mãos e a golpes de impria, mais firmes que os três golpes de picareta desferidos pelo ex-go-

vernador Sette Câmara na cons- trução da adutora, tanto se rebaixaram no conceito de imensas ca- maradas populares, que os Jânios e Lacerdas acabaram consequente- mente sobressaindo-se, como estac- as de má qualidade, que emergem do nível do pântano, na maré va- zante.

Os piores egos são os que não querem ver e entre os piores e me- lhores egos temos as pessoas de vista curta. Ante a eleição de figu- ras como Jânio e Lacerda, os ma- gos das cúpulas do PSD, da UDN e outras cúpulas, abriram os olhos. Então, começou a ser articulada a reforma eleitoral com o voto de legenda, remédio indicado para quebrar o encanto dos candida- tos superpartidários. Assim preferem as cúpulas salvar os partidos. Pre- tendem salvá-los sem a liquida- ção de seus piores vícios, mantida a falta de vinculação com o povo. Em todo caso inicia-se um ato da comédia que mesmo em suas exterioridades mais divertidas pode no entanto constituir, para quem não for muito miope, ensi- namento político



Boneca quer ser rainha

Mara Garcia, uma bonequinha, é candidata a rainha. Vai participar da festa campestre do dia 18 no sítio São Bento e concorrerá ao título de rainha dos festejos, disputando com muitas outras moças e crianças. O concurso, original nos seus moldes, prevê que não só as moças poderão ser rainhas, também as meninas têm esse direito. Assim, no caso da vitoriosa ser uma menina, a ela será concedido o título de rainha das bonecas. No próximo número, NOVOS RUMOS publicará mais detalhes da interessante promoção, assim como a relação das candidatas. Informações sobre a festa poderão ser colhidas na gerência de NR com a sra. Nira.

Dia 18: festa campestre de São Bento

Realizar-se-á no próximo dia 18, no sítio São Bento, no Município de Caxias, grande festa natalina promovida por uma comissão de moradores da zona da Leopoldina. Os organizadores do encontro de confraternização programaram uma série de festejos, destacando-se a eleição e coroação da rainha da festa, além da realização de um animado baile acompanhado de um "show" com a presença de destacados astros do rádio e da Tv. Barraquinhas que servirão quitutes para os mais diversos gostos serão instaladas no local, destacando-se como atração para os glu-

NR na Bahia

Instalado em Salvador movimento em defesa da revolução cubana

Salvador, dezembro — (do Correspondente) — Sob a presidência do economista Aristeu Barreto de Almeida, instalou-se no dia 1º de dezembro, na sede da Associação dos Empregados do Comércio, o MOVIMENTO DE DEFESA DE CUBA, destinado na Bahia, segundo afirmaram seus patrocinadores, a incrementar, as manifestações de solidariedade à revolução cubana. Ao ato compareceram inúmeros líderes sindicais e estudantes, dentre os quais anotamos, o atual presidente da UEB, acadêmico Paulo Mendes e o secundarista Evaldo Campos, representando a ABECS, além de considerável número de assistentes. Cantou ainda o ato com a presença do cubano, ex-membro do Exército Revolucionário e membro do Governo, Manuel Rebuella Rodrigues. Falaram na ocasião o jornalista e escritor Arivaldo Matos, Nemésio Salles, Milton de Carvalho, Aristeu Barreto e, Manuel Rebuella Rodrigues, que expressou seus agradecimentos, em nome do povo cubano, aos balanços que engrasavam a partir daquele momento, as fileiras daqueles que se levantam em defesa de Cuba.

A Comissão

Ao fim dos debates, escolheu-se a Comissão Executiva do Movimento de Defesa de Cuba, assim constituída: Presidente: Aristeu Barreto; Sec. Geral: Nemésio Salles. Membros: Paulo Mendes, Milton Santos, Arivaldo Matos, Evaldo Campos, deputados: Elio Mendes, Raimundo Reis, Bolívar Santana, Gastão Pedreira e Joel Miniz, René Dubois, José Nilo (Sindicato de Caxias Urbana), Israel Ferreira (Sindicato dos Comerciantes), Cosme Ferreira (Sind. dos Portuários), Silvestre de Jesus (Sind. dos Padeiros), Gerson Costa Pinto (Federação das Associações de Bairros), João Cardoso, Godofredo Carneiro, Frederico Castro Araújo (Sindicato dos Bancários), João Berthel, Newton de Carvalho e Adília Souza.

MANIFESTO

Foi redigido também um manifesto e lançada uma campanha peculiar de assinaturas em solidariedade à luta de Cuba contra os intervencionistas.

Poderosa coalizão de partidos

A campanha eleitoral começou cedo no Estado. Cerca de um ano antes, já elementos ligados ao PSD, PR, PTB e PSB haviam lançado com grande combatividade a campanha de Lott. A essas forças, juntaram-se posteriormente setores do PST, os comunistas e os elementos do Movimento Nacionalista não filiados a partidos políticos. As cúpulas partidárias, sob pressão de massa, para não se isolarem, aderiram à campanha. Do ponto de vista do objetivo final, havia completa identidade entre todas essas forças: eleger Lott. Muito embora do ponto de vista ideológico perdurarem sérias incompreensões, e no que tange a tática houvesse certas divergências, sempre foi possível encontrar o denominador comum, dessa ampla coalizão, a maioria, em toda a história de Sergipe. O fator unidade foi decisivo na obtenção do êxito final. Os comunistas souberam compreender esta verdade.

Os comícios centrais das forças que apoiavam Lott foram, em Aracaju, os maiores e mais imponentes já realizados na história política de Sergipe. No Comitê Inter-Partidário, estavam representados todos os Partidos Inclusive os comunistas e os métodos de direção foram relativamente democráticos.

Luta contra carestia — fator importante

Desde o primeiro instante, os elementos da Oposição Estadual: PSD, PR e PSB, fizeram centro da campanha no combate ao Governo estadual apontando-o ao povo como responsável pela carestia. O Movimento Nacionalista programou uma quinzena de luta contra o aumento do preço da carne verde realizando nesse período comícios diários contra a carestia, dos quais participavam todos os partidos integrantes da grande coalizão pró-Lott-Jango. O Matadouro Modelo voltou ao controle do Estado, e a Prefeitura de Aracaju preparou as condições para o surgimento de um novo matadouro.

Os comunistas participaram da luta contra a carestia e concentraram o fogo de sua crítica, contra o setor entreguista do Governo do sr. Juscelino Kubitschek e dos ministros que resistiam à candidatura do marechal Teixeira Lott ou faziam propaganda aberta da candidatura do sr. Jânio Quadros. Discutiam com o povo questões candentes como a defesa da Petrobrás, Reforma Agrária, defesa dos minerais radioativos, Lei Orgânica da Previdência Social, Regulamentação do Direito de Greve e outras. Eram acompanhados nesse sentido, pelos elementos nacionalistas mais avançados e as alas mais progressistas do PSD e do PR. O PTB teve papel importante exercendo influência direta sobre a classe operária nas cidades industriais. Nessas cidades, os comunistas procuraram mostrar aos trabalhadores o verdadeiro sentido da candidatura do sr. Jânio Quadros, encontrando grande receptividade por parte dos operários, sempre sensíveis às denúncias de caráter econômico ou político.

Houve também nessa fase certas falhas como, por exemplo, o exclusivismo. Essa tendência influíu inclusive no comportamento inicial dos comunistas. Do ponto de vista da prática, não tinhamos muita clareza sobre nosso papel de vanguarda frente a certas exigências que faziam nossos aliados. Com o desenrolar da campanha, essas dificuldades foram superadas. Condições sempre nossas posições à tarefa central de eleger Lott, desde que as questões que suscitavam sérios choques, não eram de princípios.

Disputado palmo a palmo o interior

O interior do Estado mereceu especial atenção do Comitê Interpartidário. Sabíamos que, dispondo a UDN de mais de quarenta Prefeituras, de um total de 62 em todo o Estado, era preciso desgastar o candidato adversário, ali onde ele receberia inevitavelmente maior número de votos. Quase desconhecidos no interior e sendo a eleição em Sergipe apenas presidencial, nossa tarefa foi facilitada por certa inércia de alguns chefes udenistas. O mesmo fenômeno processou-se inversamente, com relação a alguns chefes possedistas e perreistas no interior.

Os nacionalistas sergipianos organizaram várias caravanas e rumaram para cidades onde a UDN era quase invencível. O terreno foi disputado palmo a palmo, pois o adversário enviava também seus propagandistas e por vezes, respeitadas as exigências da Lei Eleitoral, ocorria a realização simultânea de comícios para ambos os candidatos, numa mesma cidade, local e hora. Em municípios como Japarutaba, Santo Amaro e São João, onde predomina o campesinato, muitos votos foram conquistados para os candidatos nacionalistas à base de discussões do problema de medidas de Reforma Agrária. Mais atrasados que os operários das cidades, os camponeses demonstraram disposição de luta e compreensão, contribuindo em cidades como Riachão do Dantas e Tobias Barreto com um grande contingente de votos que reuiu bastante a margem de sufrágio do sr. Jânio Quadros nesses municípios. A exemplo do que ocorre com os operários, os camponeses sentem que é preciso mudar, muito embora o caminho e a forma de como realizar tal obra, não surjam completamente claros.

Classe operária votou com Lott

Se fizermos uma análise, por mais superficial que seja, chegaremos à conclusão de que os trabalhadores sufragaram a chapa Lott-Jango. A maioria dos votos de Jânio Quadros foram dados pela classe média, especialmente os camponeses. Não é menos verdade que considerável parcela de funcionários públicos federais, estaduais e municipais votaram com os candidatos nacionalistas. No cômputo geral, Lott obteve 45.254 votos, Adhemar 2.937 e Jânio 42.495. Nas cidades em que se desenvolve a indústria, e portanto a classe operária é mais numerosa, os candidatos nacionalistas obtiveram esmagadora vitória. Em Aracaju, Lott venceu com 15.892 votos contra 8.429 de Jânio e 945 dados a Adhemar; em São Cristóvão, Lott recebeu 1.442 votos contra 657 dados a Jânio e 47 a Adhemar; na Estância, enquanto Jânio obteve 839 votos, Lott conseguiu 1.741 e Adhemar 164; em Riachão, Lott conquistou 715 votos contra 182 de Jânio e 25 de Adhemar.

Com relação à vice-presidência, os índices foram mais significativos ainda. João Goulart em vários municípios onde Jânio venceu, recebia sempre mais votos que Lott o que influiu decisivamente no cômputo geral, dando a Jango total superior ao de Lott.

Os operários sergipianos demonstraram que estão sentindo a necessidade de mudar, e suas últimas greves, quer pela coesão evidenciada quer pela combatividade, deixou patente a impressão de que eles começaram a ver com maior clareza o caminho a seguir. Não tem outro sentido a esmagadora maioria que deram aos candidatos nacionalistas nas cidades industriais de Sergipe.

Movimento nacionalista avançou

O Movimento Nacionalista em Sergipe avançou no transcurso da Campanha eleitoral. Grandes setores da população tiveram a oportunidade de ouvir os oradores nacionalistas. Os problemas de maior interesse da Nação e do Estado foram discutidos com o povo. Desde a carestia até os complexos problemas de nossa política exterior e de nossa estrutura social e econômica. Em todas as ocasiões, o povo mostrou-se sensivele. Por maior que fosse a predominância camponesa em sua população, estes ouviam sempre atentos nossos oradores e por vezes ajudavam a denunciar os entreguistas.

Vários são os traços distintivos do Movimento Nacionalista Sergipiano. Seu nível de organização é baixo. Mas é particularmente insinuante e sua combatividade é surpreendente. Vem participando ativamente de todas as grandes causas do povo, especialmente no que tange à carestia de vida; motivo de acirradas discussões teóricas em suas reuniões.

O povo sergipiano vê com simpatia o regime cubano e os nacionalistas dão inteiro apoio a Fidel Castro como vem ocorrendo em todas as manifestações realizadas nesse sentido através da Imprensa, do Rádio e em atos públicos como aconteceu na campanha eleitoral e vem ocorrendo após a realização do pleito.

Presentemente, o Movimento Nacionalista Sergipiano está empenhado na defesa da Petrobrás. A recente denúncia do deputado Gabriel Passos ocorreu profundamente em Sergipe e a Assembléia Legislativa Estadual e a Câmara Municipal de Aracaju manifestaram nesse sentido. Dezenas de palestras vêm sendo realizadas contra os dispositivos reacionários do Projeto de Diretrizes e Bases do Ensino. Nas últimas greves de Estivadores, Marítimos, Ferrovieiros e Portuários, o Movimento Nacionalista prestou toda solidariedade aos grevistas.

NR no R. G. do Sul

LOCK-OUT

O Sindicato patronal dos panificadores suspendeu a venda de pão em Pôrto Alegre, alegando necessidade de aumento do preço do produto. A população está encarando o lock-out com grande antipatia e diversas padarias já reabriram as suas portas, temerosas de um fracasso da "greve" dos donos do pão nosso de cada dia.

ANISTIA

O movimento pela anistia dos presos políticos de Espanha e Portugal obteve ampla repercussão nos meios intelectuais gaúchos. O escritor Erico Verissimo, o líder sindical Mesquita (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos) e o dirigente estudantil Petracco, da Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul, foram alguns dos que manifestaram solidariedade às vítimas das ditaduras fascistas de Franco e Salazar.

DEBATE

Com a presença do sociólogo Florestan Fernandes, será realizado importante debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no dia 8 de dezembro, no salão nobre da Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul. Como se sabe, os estudantes gaúchos daquela Universidade estadual são radicalmente contra o torpe projeto que pretende estabelecer o monopólio do ensino privado.

SARTRE E CAROLINA

Teve lugar em Pôrto Alegre, Pelotas e Caxias, durante o mês de novembro, a II Feira do Livro realizada no Estado. Desta feita o grande público teve as suas preferências voltadas para "Furacão Sobre Cuba" de Sartre e "Quarto de Despejo", de Carolina de Jesus. Ambos sumiram das prateleiras, tal foi o interesse. (Dos correspondentes PAULO DEREK-GOSHI e JOAO SUSSELLA)



Jovens paulistas apóiam Cuba

Jovens trabalhadores e estudantes da Móoca, bairro da capital paulista, realizaram numerosas manifestações de apoio a Fidel Castro e ao povo cubano em sua luta pela consolidação definitiva da revolução e contra a ameaça de agressão externa que vem sendo patrocinada pelo Departamento do Estado norte-americano. Muros e calçadas das principais ruas do bairro foram marcados com inscrições alusivas à luta do povo cubano, como se vê na foto. [Correspondência e foto de Antônio Joaquim e Miguel Alves].

Coluna do Leitor

Leitores asiáticos escrevem a NR: correspondência

Recebemos de dois jovens asiáticos, um chinês e outro japonês, cartas pedindo aos leitores de NOVOS RUMOS que se correspondam com eles. A carta do jovem chinês tem a particularidade de que ele não colocou qualquer endereço, a não ser, em inglês, a frase: «um grande jornal do Brasil». Seu autor, Li Tschau-tai, lê, além do chinês, inglês, alemão e português e gosta de colecionar livros em nossa língua. Seu endereço é o seguinte: LI TSCHAU-TAI; 71/335, NAN-SU-ZHOU-LU, [24], SHANGAI; REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. A carta do jovem japonês nos diz que ele sempre desejou manter correspondência com brasileiros, mas acreditava que isto era muito difícil, uma vez que só fala o inglês, além de sua língua materna. Sabendo agora que muitos brasileiros falam e escrevem em inglês, ele nos mandou seu nome e endereço para que nossos leitores que também gostem de manter correspondência com estrangeiros escrevam para: TADASHI HIRAIWA, 1-4, URAMONZEN-CHO; NAKA-KU, NAGOYA; JAPÃO.

UM CLASSICO DO "WESTERN" NO PROGRAMA DO CGR

O Clube de Cinema do Rio de Janeiro, em sua programação de dezembro, apresentará, no próximo dia 12, às 20 horas, no auditório da Câmara dos Vereadores, o filme de John Ford «No tempo das diligências», um clássico do "western". Dentro da programação do mês de dezembro será exibido também, no mesmo local e na mesma hora, no dia 19, a comédia «O marujo foi na onda», de Hal Walker.

AMIGOS DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Um grupo de amigos de NOVOS RUMOS, informa o leitor Auréliano de Almeida, de S. J. dos Campos, São Paulo, realizou espontaneamente uma coleta de fundos para ajudar financeiramente o jornal. A iniciativa é digna dos nossos melhores agradecimentos e fazemos votos que a experiência dos amigos de São José se reproduza em outros municípios brasileiros.

AS MENTIRAS DO CABOT

Indignado com os termos de uma entrevista concedida pelo embaixador dos Estados Unidos, sr. Cabot, à imprensa de Manaus, o leitor daquela cidade, que se assina observador, enviou-nos carta a respeito. Afirma, revoltado, que o cinismo do sr. Cabot chegou a tal ponto que ele afirmou que «NÃO EXISTEM TRUSTES AMERICANAS NO BRASIL» (!)

COMO ESTUDAR NA URSS

O leitor Brademir José Pedron, de Curitiba, Paraná, escreve-nos pedindo detalhes e informações sobre como estudar na URSS.

Existe atualmente, em Moscou, a Universidade da Amizade dos Povos, organizada pelo governo soviético. Essa instituição está aberta a estudantes da Ásia, África e América Latina que poderão candidatar-se a uma vaga, das 1.000 que serão abertas para o ano escolar de 61-62. A Universidade iniciou seus cursos este ano, com 500 alunos.

Para inscrever-se, o candidato deve dirigir-se à sede da Universidade, Moscou, rua Kalinin, 16 ou então às embaixadas da URSS no Uruguai e México.

FUTEBOL EM QUEIMADOS

A Sociedade Melhoramentos de Queimados, informa a sua diretoria em ofício que enviou a NR, organizou um grande torneio futebolístico que terá o nome de «Torneio Roberto Silveira». Aos vencedores da competição, da qual participaram 16 entidades esportivas, serão distribuídos troféus e medalhas.

DEMOCRACIA E LEGALIDADE PARA O PCB

Afirmando que não há democracia quando se restringe a liberdade de organização para os defensores de uma corrente de pensamento, o leitor José Jerônimo, de Austin, E. do Rio, escreve-nos uma colaboração defendendo o direito que os comunistas têm de organizar seu partido legalmente. Diz o leitor: «O retorno à legalidade do PCB é um sagrado dever do patriotismo. Não só porque o povo brasileiro necessita de sua presença livre, mas também porque a existência legal do PCB corresponde aos preceitos da Constituição do Brasil, ferida quando, no governo do marechal Dutra, colocaram-no na ilegalidade».

AJUDA A "NOVOS RUMOS"

Recebemos carta do leitor Farias, de Fortaleza, Ceará, comunicando que está organizando grupos de ajuda a NOVOS RUMOS. Agradecemos a compreensão e iniciativa do leitor, e esperamos que todos os leitores também colaborem nesse sentido.

FIDEL GANHOU ELEIÇÃO

Em correspondência que nos enviou, o leitor Gilberto Paulo, de São Paulo-capital, diz que uma das principais causas que levaram o sr. Jânio Quadros a se eleger presidente da República, foi o elogio que fez a Fidel Castro e também as suas manifestações de solidariedade à revolução cubana. Para o leitor, enfim, Fidel ganhou a eleição para Jânio.

UNIVERSIDADE DOS POVOS

Do leitor Oswaldo Martins Ravagnani, de São João da Boa Vista, São Paulo, recebemos carta atenciosa solicitando informações sobre o curso na Universidade da Amizade dos Povos. Podemos informar: 1) novas matrículas só serão efetuadas em 1961; 2) os pedidos de inscrição devem ser dirigidos diretamente à Universidade da Amizade dos Povos, rua Kalinin, 16, Moscou; 3) — ninguém no Brasil, pode aceitar inscrições ou fazer exames de candidatos, isto é de competência exclusiva da direção da Universidade; 4) — os documentos, juntamente com o pedido de inscrição, devem ser endereçados a Moscou.

ZENAIDE MONTEIRO

Faleceu no dia 17 de novembro, no Rio de Janeiro, a senhora Zenaide Monteiro, velha combatente das lutas patrióticas e militante do movimento comunista. Deixou viúvo o sr. José de Souza.

CUBA

Leitor Elizéu Ferreira, não estamos em condições de lhe fornecer as informações que nos pede. Aconselhamos a se dirigir à Embaixada de Cuba.

"O NATURALIZADO"

Sob os auspícios da Liga Pró-Direitos dos Brasileiros Naturalizados, está circulando o primeiro número de «O Naturalizado», mensário que publica informações e estudos sobre os problemas do estrangeiro naturalizado brasileiro.

NOVOS RUMOS

- Diretor: Mário Alves
- Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior
- Redator Chefe: Fragmon Borges
- Secretário: Luiz Fernando Cardoso
- Gerente: Guttemberg Cavalcanti
- Redatores:

Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7844
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8º andar — S/827
Tel: 37-52 64

Endereço telegráfico — "NOVOS RUMOS" ASSINATURAS

Annual	Cr\$ 500,00
Semestral	" 250,00
Trimestral	" 130,00
Área anual, mais	" 200,00
Área semestral, mais	" 100,00
Área trimestral, mais	" 50,00
Número avulso	" 10,00
Número atrasado	" 16,00

Notas Sobre Livros

É oportuno o lançamento desta 2.ª edição de O Médio São Francisco (x) de Wilson Lins, quando se verifica um crescente interesse pelos estudos que nos revelam o Brasil. A primeira edição deste livro (1952) passou mais ou menos despercebida, confinada talvez à Bahia. Hoje, tamanho o empenho pelos temas brasileiros, o livro está destinado a uma difusão nacional.

Tem qualidades que o credenciam a isto. O autor não conhece o São Francisco apenas de passagem, mas lá teve suas raízes, entrou em contato com seus habitantes, embora homem urbano, e procura dar-nos um retrato da humanidade sanfrancescana. Inteligentemente, está imbuído de alguns preconceitos, evidentemente bebidos em Euclides da Cunha e, a esta altura, ainda nos fala em "experiência racial", "nobres pelo sangue", "camponês sem linhagem" (pp. 15 e 16).

O livro tem duas qualidades bem distintas: uma positiva — a narração de fatos vivos, de maneira viva, sobre exemplares dos mais típicos do coronel latifundista dos sertões do Nordeste, seu comportamento para com a população que avassala através do domínio territorial; outra negativa — o escrúpulo filial de identificar cientificamente o fenômeno exposto num dos mais recentes e mais destacados desses tipos, o coronel Franklin Lins de Albuquerque. (Conheci-o ainda nas ruas de Salvador, com a sua aparência rude de sertanejo, mas já identificado com a cidade). Porque o coronel Franklin, não obstante suas peculiaridades, foi idêntico em tudo aos coronéis latifundiários do Nordeste: o grande proprietário rural que apoiado no poder econômico proporcionado pela terra arrematada agregados, arma canceiros, enfrenta adversários convizinhos — na ofensiva ou na defensiva, não importa — e impõe seu domínio incontrastável sobre toda uma coletividade que avassala econômica e politicamente.

Assim, numa boa parte do livro Wilson Lins age com o rigor de um anatomista, mesmo ao narrar episódios da vida do coronel Franklin. Mas, com todos os dados em mão, recusa-se à conclusão lógica e a que não se pode fugir: o coronel Franklin identifica-se com todos os coronéis deste imenso interior do Brasil, em todos os seus atos, na época em que viveu, e na sua própria evolução depois da revolução de 30, quando o coronelismo sofreu um estrondoso baque, embora sem perder toda a sua potência. Era o latifundiário semifundido que se entrelaçou à burguesia comercial e à indústria extrativa. Numa sociedade como a nossa das primeiras três décadas deste século, quando a burguesia urbana ainda vacilava em disputar abertamente uma maior parcela no Poder do Estado, o coronel Franklin é como que uma síntese da harmonização de interesses dos latifundiários e da burguesia. E então vemos na capital de um Estado dos mais importantes um antigo chefe incontestado de canceiros fundar um jornal e passar a influir na "formação" da opinião pública! Sinal evidente de que era um homem inteligente e de vistas largas, que não se deixara emburricular pela estreiteza do meio rural. Uma vida realmente interessantíssima e que, como sugere Jorge Amado no prefácio, está a merecer toda uma biografia, mais do que os capítulos de O Médio São Francisco, embora estes sejam excelentes, sob muitos aspectos.

Os nossos votos são que Wilson Lins o faça, pois se reconhece que, "em plena caatinga colonial desenvolvia-se, tremenda, a luta de classes" (p.45), nada impede que chegue a esta mesma conclusão quanto à época subsequente. Afirma que os mais ricos procuravam "defender suas propriedades das investidas dos mais pobres" (p.44). Se isto ocorria em etapa anterior, por que não se repetir, em escala mais larga e com caráter mais agudo, ao tempo do coronel Franklin? Nada contribuiu para amaiar esta luta e, ao contrário, tudo vinha torná-la cada vez mais renhida. Há fatores que a arrefeceram temporariamente, mas não a extinguem.

Além de uma das qualidades positivas do livro de Wilson Lins: despretensão ideológica e debates. Não é livro que recebam com indiferença. Boa coisa foi reeditá-lo, como reedição está a merecer Ribeiro do São Francisco, de M. Cavalcanti Proença, outro bom volume da já rica bibliografia sobre a região sanfrancescana.

(x) O Médio São Francisco — Uma sociedade de pastores e guerreiros, 2.ª ed. revista e aumentada, Livraria Progresso Editora, Salvador, Bahia, 1960.

Rui Faco

Odio de Corpo Inteiro

Como tudo anda odiento nesta cidade se bem que de muita coisa possamos rir. Por exemplo: as viagens. Tudo que foi governador, do presidente eleito aos menores, todos resolveram sair do Brasil, descansar no estrangeiro, darem voltinhas. Espana-nos, por exemplo, saber que para tratar de saúde, ou melhor, de um olho, o sr. Jânio Quadros tivesse necessidade de ir a Inglaterra. No entanto, sabemos nós e sabem todos que a medicina no Brasil de hoje salu já do terreno do milagre do divino e caminha firme e segura pela da ciência. Temos grandes, enormes médicos para todos os males, por que então foi o presidente eleito buscar cura na Europa?

O dólar daquele jeito, nosso cruzado não valendo nada e os mocós passando pela Europa. Não é engraçado, se bem que triste? Mas o mais triste ainda é que antes de ser eleito, Jânio Quadros esteve na China, visitou a URSS, voltando fez elogios; o sr. Carlos Lacerda, não se sabe (ou bem que se sabe) por que foi a Formosa, conversar com Ohian-kai-cheh o fumigerado chinês que hoje governa uma ilha intitulando-se "China nacionalista" quando de nacionalista ele pessoalmente e a ilha também nada tem. Subvencionados, alimentados, escravizados pelos americanos, isto é o que eles são. Pois bem: cada qual foi onde quis, mas quando chegou a vez de Jango Goulart, Carlos Lacerda protestou: então o sr. Jango foi à China, a verdadeira, e veio ameaçar, com chuvas e trovoadas. Deu entrevistas em Lisboa (naturalmente) ameaçando Jango, estranhando "profundamente", sentindo-se "inquieto" a respeito da viagem de Jango. "Espero que o vice-presidente não traga para fora do Brasil, divergências internas", disse Lacerda. Então ele pode ir à Formosa, reduto de reacionários para não dizer outros nomes, e Jango Goulart não pode ir à URSS, à China?

Agora leio o discurso de Lacerda tomando posse do cargo de governador desta desgraçada porém mui bela cidade; extravazou seu ódio e declarou que não tolerará na Guanabara o comunismo "nem sob a forma aberta e franca de outrora, que chega ao assassinato e ao terror (essa, não!) nem sob a forma atual que se disfarça de nacionalista e populista como de anticolonialista e pacifista". O resto que ele disse, nem vale a pena repetir. Trocando em miúdos, primeiro o governador atual da Guanabara pensa que ele vai governar não um Estado membro de uma União, mas um país (será que pensa que isto é ilha e se chama Formosa?) onde existe uma Constituição, onde há leis que asseguram a livre opinião. Ainda trocando em miúdos, o que o governador Carlos Lacerda declarou em seu discurso foi o seguinte: quem não estiver comigo, quem não pensar pela minha cabeça, quem não me obedecer, é comunista, nacionalista, populista, anticolonialista e pacifista. Pois não é que disse uma verdade? Comunistas, nacionalistas, populistas, anticolonialistas e pacifistas não votaram nele e estão já ameaçados, pois o que mais ama esse homem é ameaçar, e insultar, odiar.

Agora o ódio vai imperar. O discurso de posse é apenas um mundo de ameaças. O homem é ódio de corpo inteiro.

Encido

Tópicos Típicos

Reuniram-se no antigo Ministério da Educação, por ocasião da última terça-feira, 29 de novembro, os jovens artistas neoneconcretos, para debater suas ideias. Ao debate compareceram Lygia Clark, Ferreira Gullar, Reinaldo Jardim, José Guilherme Merquior, Roberto Pontual, Rangel Bandeira e outros.

Inicialmente, o "baba" do neoneconcretismo, Gullar, fez uma exposição sobre o movimento, suas origens históricas e seus precursores. (Foram apontados como precursores do neoneconcretismo, entre muitos, os poetas Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, que, não estando presentes, não puderam defender-se).

A exposição de Gullar foi feita em linguagem elevada, esotérica, utilizando uma terminologia pouco acessível ao grande público. Falou, por exemplo, na "ausência conceitual na apresentação de um não-objeto" e na "recuperação da bidimensionalidade do espaço tridimensional".

Gullar é um sujeito meio "estudioso e sinceramente convencido do que diz, mas encontra certa dificuldade em falar com clareza o seu pensamento. Dal, depois dele discorrer durante meia hora sobre o tema, ter sido necessário Bandoira averti-lo e, no aparte, exortar para os circunstantes, em termos menos misteriosos, o que o conferencista tinha estado querendo dizer.

Durante todo o debate, não se ouviu a voz de Reinaldo Jardim, o idealizador do "gesto integral", que permaneceu sentado numa das cadeiras da frente, com uma das pernas por cima do braço da cadeira, expressão meditativa e olhar perdido no vago-transcendental.

Ao aparte de Bandoira, seguiu-se um aparte do arquiteto Plínio Machado Reso, que estabeleceu um paralelo entre os não-objetos e as ideologias orientais. Ferreira Gullar desconcertou-se um pouco, pois o paralelo vinha a prejudicar o movimento neoneconcreto em sua originalidade, mas foi logo socorrido por Merquior, que procurou conciliar o ponto de vista de Plínio com os princípios teóricos do movimento, salvaguardando a originalidade deste, ao afirmar que os ideogramas não chegam a constituir uma linguagem poética em-si, como os não-objetos.

Uma senhora, então, levantou-se e pediu a Gullar que lhe explicasse determinado não-objeto que ela não tinha chegado a compreender. Gullar não teve tempo de responder: cético, impaciente, nervoso, o jovem Roberto Pontual (que gosta de citar Heidegger em alemão, e eventualmente Wladimir Weidle) expôs-lhe a falta de sensibilidade:

— Minha senhora, um não-objeto não se entende: sente-se.
— E repetiu, colérico:
— Sente-se.
— A senhora — que jeito? — sentou-se.

Pedro Severino

DALCÍDIO JURANDIR a NR:

Romance Não é só História

— Uma obra de fantasia — sublinha Dalcídio Jurandir, referindo-se à sua própria obra, já volumosa e que nos últimos anos se acrescenta em ritmo intenso. — É preciso insistir nesta palavra — fantasia — que andou muito desacreditada e é básica para se ter uma noção da literatura.

Dalcídio Jurandir veio do extremo norte, da Ilha de Marajó, com um romance de valor Chove nos campos de Cachoeira, premiado num concurso literário. Era um romance de jovem ainda inexperiente, com muitas debilidades naturais dos principiantes e que ele hoje diz ter escrito «com uma espécie de cegueira lírica, superestimando meus dons e meu domínio sobre os problemas e dificuldades da ficção».

Mas foi esse romance, de notável êxito na época, que deu início à série de volumes que se sucederam: Marajó, Três casas e um rio, Belém do Grão Pará e, entre estes embora à margem deles, Linha do Parque.

Dalcídio Jurandir acrescenta: — Nasceu assim a ambição de outros livros que viessem narrando, em termos de ficção, o que senti, vivi, escutei, amei, odiei, sofri na Amazônia, sem caráter autobiográfico, sem critérios pretensamente sociológicos e com o acréscimo capital de minha imaginação e da memória — que, quando não suprime, acrescenta.

Romance social — Em nossa conversa com Dalcídio Jurandir, referimo-nos ao caráter particular de Linha do Parque, elaborado à base de uma experiência de luta operária no Rio Grande do Sul. Seria o que comumente se chama «romance social». Dalcídio Jurandir externa a sua própria compreensão da denominação e do romance:

— A respeito de romance social, acho que o rótulo vale mais como uma classificação didática. Todo romance é social. Linha do Parque (ed. Vitória, 1958) faz parte do que se chama comumente romance social. Mas penso que fiz também uma crônica de costumes, uma análise de caracteres e situações morais. A certo número de leitores, Linha do Parque desapontou porque dele retirei todo e qualquer melodrama para efeito imediato, todo e qualquer recurso que tivesse o fim instantâneo de agradar, ou adular, ou embelezar, ou camuflar, etc. Romance que não é panfleto nem alto-falante de comício, nem sucedâneo envernizado ou liquidificado, seja para simples pastetempo, seja para contentar nossos urgentes desejos de transformar o mundo e a vida conforme nossa vontade, à nossa imagem e semelhança.

Volta ao extremo norte — Para o prosseguimento de seus romances, num ritmo novo, como já acentuamos, Dalcídio Jurandir sentiu a necessidade de rever lugares antigos, da infância, da adolescência,

da mocidade inicial. Tem ido repetidas vezes ao Pará, a Marajó, para melhor apreender a alma do povo, chegando mesmo à minúcia no estudo da sua linguagem local, de expressões já esquecidas mas que facilmente se reavivaram e passaram a completar o quadro esboçado antes.

A uma pergunta nossa, ele responde: — Três casas e um rio é um desenvolvimento dos temas de Chove nos campos de Cachoeira, com uma importância no detalhe, no qual tento captar uma pequena verdade cotidiana, uma significação poética e nunca um puro efeito descritivo. Em Belém do Grão Pará a composição me parece mais límpida, coloquial, mais perto da linguagem, da conversação e do que sentem os meus personagens. Usei menos a onisciência do narrador. Acentuei o ponto-de-vista do menino, tentei dar maior relevo à percepção dele do encontro e descobrimento da cidade, das duas famílias, a noção e o estudo dos conflitos. Pretendi fazer o romance mais de dentro dos meus personagens, como se eles e o narrador nunca estivessem separados.

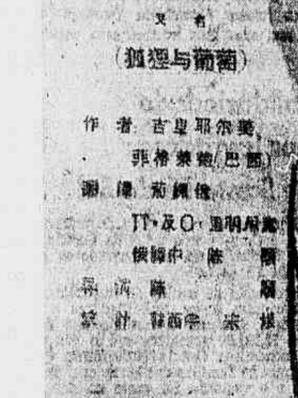
Um conceito de romance — Conversamos a seguir sobre os diferentes conceitos do romance, no passado e hoje, sobre as mudanças verificadas neste gênero literário através dos tempos. Dalcídio Jurandir tem uma opinião amadurecida a este respeito:

— Creio que os meus romances — diz ele — são um feixe de temas — e variações em torno destes — mais do que enredos ou simplesmente histórias. Gênero literário que data apenas de ontem, é fruto de uma evolução em que se fundem o lírico, o dramático, o épico. O romance não sairia do nível das narrações folclóricas, das gestas, dos contos de cavalaria, folhetins e novelas radiofônicas, se tivesse apenas uma história a contar. Tem uma complexidade, e esta nasceu com Dom Quixote, que configurou o gênero, e vem até Ulisses de Joyce, no fim do romance especificamente da época burguesa, caminhando agora em busca de soluções novas para novos problemas e novas complexidades.

— Que novos problemas? indagamos.

— Histórias do movimento operário

A partir do próximo número, voltará a ocupar o rodapé desta quinta página a seção de nosso colaborador Ivan Ramos Ribeiro, História do Movimento Operário, que, por motivo de força maior, esteve durante algum tempo suspenso. Assim, a partir do número 94 de NOVOS RUMOS, o leitor poderá relatar a leitura dos principais acontecimentos da luta da classe operária no mundo inteiro.



«A RAPOSA E AS UVAS» NA CHINA

A peça de Guilherme Figueiredo sobre a fábula de Esopo, além do grande êxito alcançado nos palcos brasileiros, foi vista e aplaudida em várias capitais europeias, entre elas Moscovo, Praga, Bucarest.

— No meu romance, por exemplo, seria talvez a luta do menino e do jovem pelo domínio de sua natureza mesma, do tempo, da ação, do mundo, da morte, da saudade, da desesperança, da solidão e de ferir aspectos da condição humana e social da Amazônia. Estas questões têm maior vez em romances próximos — Passagem dos Inocentes e O Ginasiano, que considero os melhores em minha obra.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

Uma coleção — Pergunta final: — Uma vez que os seus romances tiveram diferentes editoras e dois pelo menos estão esgotados, não seria do interesse do público lançar-lo de maneira mais uniforme? Sobretudo com apresentações bonitas como Belém do Grão Pará (belíssima capa de Percy Deane)?

— Sim, responde o romancista. O meu prezado editor Martins, com o estímulo de Jorge Amado, pen a em fazer uma coleção dos meus romances. Chove nos campos de Cachoeira sairá como primeiro volume revisado. Depois Marajó, livro muito da mocidade, desigual, com um lugar autônomo no quadro dos romances da série.

Novos problemas — Pedimos-lhe para falar destes dois romances em fase de elaboração. Diz-nos Dalcídio Jurandir:

— O menino, que se acaba em Passagem dos Inocentes, dá lugar ao adolescente de O Ginasiano. Seu olhar descobre outra cidade, e a adolescência nele é como um raio, de tão súbita, e isso cria uma «crise», uma «situação».

Nesse sexto volume — acrescenta DJ — estou diante do mais difícil, que exige a escolha e tantos pontos de partida: ter de brilhar os materiais acumulados, concebidos, vividos e já inventados dos quatro volumes restantes com que pretendo fechar a série. Será a prova máxima, o meu pobre desafio à dura, inacessível arte do romance. Entre

os 4 volumes, um se destaca pelo tamanho e por ter de ser narrado simultaneamente em duas épocas: Os profetas do barranco, romance que se passa no Baixo Amazonas. Espero ter saúde e um pouco de engenho para concluir a obra e atacar em seguida o livro que me acompanha há uns 15 anos: história, sofrimentos e aventuras de um pagé sacaca, mergulhador encantado dos meus rios e várseas da Amazônia.

MARIE MAJEROVÁ : A PEQUENA ROBINSON

ZDENEK HAMPEJS

— Não só às jovens, a quem está especialmente dedicado, mas também aos adultos, recomendamos a leitura de um novo volume da interessante coleção que está publicando a Editora Brasiliense, de São Paulo, sob o título: «Jovens do mundo todo». Esse volume está representado por um delicioso livro da grande escritora tchecoslovaca Marie Majerová, A pequena Robinson. (Editora Brasiliense, São Paulo, 1960, 160 páginas).

Fora uma pequenina anotação que vai escapar à maioria dos leitores, não se diz, nas 160 páginas da edição do livro (livro, aliás bem apreziado graficamente e com uma atrativa capa de Odileia Helena Sefti Toscano) que se trata de um livro tcheco. Lamentamos esta omissão porque, sendo assim, os leitores não saberão que acabaram de ler um livro da rica literatura tcheca e que é conhecida tão pouco no Brasil. Enquanto que os tchecos chegaram a conhecer, nos últimos oito ou nove anos, através de traduções, várias obras de Jorge Amado, romances de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Graçiliano Ramos e poemas de Castro Alves e outros poetas, peças de Guilherme Figueiredo, etc., o leitor brasileiro não tem essa mesma oportunidade quanto ao conhecimento da literatura tcheca. Assim, as literaturas dos dois povos, o tcheco e o eslovaco, que formam um dos países mais desenvolvidos, econômica e culturalmente, da Europa, a Tchecoslováquia, continuam desconhecidas do brasileiro. Na França e em alguns outros países europeus foi definitivamente liquidada a má sorte deste país pequeno, que fala uma língua difícil e pouco conhecida no mundo — a má sorte, de não penetrarem os seus tesouros artísticos — a não ser a música — para o estrangeiro — mas o Brasil chegou ainda aos países que não chegaram a tal ponto. O grande livro do jornalista e escritor tcheco Julius Fuchik, publicado numa modesta edição no Rio, no ano de 1949, Testamento sob a força, passou quase despercebido — exceto as lúcidias (sempre tão lúcidias!) observações que a seu respeito publicou Astrojildo Pereira na Classe Operária, no dia 19 de Março de 1949 — e caiu injustamente no esquecimento, apesar de ele destruir da admiração de, pelo menos, cinquenta povos do mundo inteiro que estimam essa obra do herói da luta tcheca contra o nazismo, obra que é uma «tragédia de um homem em face da morte inelutável, com a diferença que o homem aqui não acredita no «destino», nem se deixa dominar pela fatalidade, mas, pelo contrário, ameaça a morte com um sentimento heroico que só a confiança, a fé e o otimismo podem inspirar» (Astrojildo Pereira).

Se não foi salientado devidamente que se tratava de um livro da literatura tão pouco conhecida no Brasil, como é a tcheca, nada, nem uma palavra, foi dito a respeito da autora da obra que estamos comentando. A escritora, Marie Majerová, mereceria, pelo menos, um denso prefácio, para que possa ser avaliado o valor da sua enorme bagagem literária e da considerável contribuição que trouxe à sua literatura nacional. Seria necessário escrever todo um ensaio, para en-

quadrar bem essa primorosa escritora na literatura tchecoslovaca de hoje. A sua atividade literária é inseparavelmente unida aos acontecimentos históricos que se deram no país durante as últimas quatro ou cinco décadas. Ela, como muitos outros escritores tchecos da atualidade — mas, ela, com uma força inigualável e um pioneirismo que a torna precursora e, também, uma das realizadoras das ideias do realismo socialista — acompanhou na sua longa vida (nasceu em 1882) a luta da classe operária, especialmente dos mineiros, cujos problemas apresentou, através de uma vigorosa crônica, numa obra, que já se tornou clássica na literatura tcheca, A Sirena. Essa obra reflete os combates de quatro gerações de mineiros e metalúrgicos numa das regiões do país mais importantes economicamente, Kladno, contra a exploração do trabalho operário da parte dos antigos donos das minas. A história dos problemas dos operários das minas é continuada no livro O Canto do Mineiro; enquanto que A Sirena descreve a história da cidade mineira de Kladno entre os anos de 1860 e 1914. O Canto nos leva já à grande crise capitalista que precedeu Munique e a Segunda Guerra Mundial. Além dessas obras que a tornaram famosa e que, em grande parte, refletem as impressões que a escritora recebeu durante os muitos anos vividos em Kladno, escreveu ela muitos outros livros. Para as suas recentes reportagens da viagem à China e União Soviética («Dez mil quilômetros sobre a União Soviética», «A marcha vitoriosa», «A China que canta»), publicou numerosas obras que são destinadas à ou que descrevem a vida das mulheres e da juventude. Por exemplo, seu livro As mães reflete a vida infeliz das mulheres, atingidas pela influência desastrosa e fatal da guerra. Vários são os livros infantis desta grande e humana escritora, cujos méritos foram devidamente apreciados pelo Estado tchecoslovaco, que a distinguiu, pouco depois da libertação do país, em 1945, com o maior título que um escritor num país democrático-popular pode conseguir — Artista Nacional, e mais tarde, com vários prêmios, entre os quais se destaca outra grande honra que o Governo presta aos notáveis representantes das letras nacionais: o Prêmio do Estado.

Inevitável seria, nesta pequena nota, ao se conhecer devidamente a vasta e importantíssima obra de uma das tres mais prestigiosas escritoras tchecas da nossa época (Majerová, Pujmanová — esta já morta — e Glazarová). Isso não podia nem quer ser objetivo destas observações cuja única finalidade é completar a bela edição brasileira da A pequena Robinson, pelo menos, por umas vagas anotações que ampliam as impressões do leitor do livro. Se, há alguns anos, Ruth Sales traduziu, Antônio Houaiss prefaciou e Herberto Sales, na Editora Cruz & o, publicou o romance clássico tcheco A avó, da escritora do século passado Božena Němcová, hoje temos o prazer de chamar a atenção do público leitor no Brasil para um livro de uma outra escritora tcheca, escritora atual e que tão bem representa a florescente literatura da Tchecoslováquia de hoje.

quadrar bem essa primorosa escritora na literatura tchecoslovaca de hoje. A sua atividade literária é inseparavelmente unida aos acontecimentos históricos que se deram no país durante as últimas quatro ou cinco décadas. Ela, como muitos outros escritores tchecos da atualidade — mas, ela, com uma força inigualável e um pioneirismo que a torna precursora e, também, uma das realizadoras das ideias do realismo socialista — acompanhou na sua longa vida (nasceu em 1882) a luta da classe operária, especialmente dos mineiros, cujos problemas apresentou, através de uma vigorosa crônica, numa obra, que já se tornou clássica na literatura tcheca, A Sirena. Essa obra reflete os combates de quatro gerações de mineiros e metalúrgicos numa das regiões do país mais importantes economicamente, Kladno, contra a exploração do trabalho operário da parte dos antigos donos das minas. A história dos problemas dos operários das minas é continuada no livro O Canto do Mineiro; enquanto que A Sirena descreve a história da cidade mineira de Kladno entre os anos de 1860 e 1914. O Canto nos leva já à grande crise capitalista que precedeu Munique e a Segunda Guerra Mundial. Além dessas obras que a tornaram famosa e que, em grande parte, refletem as impressões que a escritora recebeu durante os muitos anos vividos em Kladno, escreveu ela muitos outros livros. Para as suas recentes reportagens da viagem à China e União Soviética («Dez mil quilômetros sobre a União Soviética», «A marcha vitoriosa», «A China que canta»), publicou numerosas obras que são destinadas à ou que descrevem a vida das mulheres e da juventude. Por exemplo, seu livro As mães reflete a vida infeliz das mulheres, atingidas pela influência desastrosa e fatal da guerra. Vários são os livros infantis desta grande e humana escritora, cujos méritos foram devidamente apreciados pelo Estado tchecoslovaco, que a distinguiu, pouco depois da libertação do país, em 1945, com o maior título que um escritor num país democrático-popular pode conseguir — Artista Nacional, e mais tarde, com vários pr

NA BOLÍVIA AINDA É ASSIM:

Exército e Bandidos Contra os Camponeses

HERMANN VERDUGO BEALS
Serviço Especial de PRENSA LATINA
Exclusivo para NOVOS RUMOS

COCHABAMBA, Bolívia (PL) — Oito soldados da polícia militar, dois funcionários municipais e «uma quantidade considerável» de camponeses (cerca de 50) foi o saldo de cadáveres conhecidos — segundo as autoridades — da última batalha travada no vale de Cochabamba, dessa vez em Cliza, povoado distante 35 quilômetros desta cidade, a segunda em importância da Bolívia.

Os acontecimentos, de acordo com as versões oficiais, originaram-se com a chegada a Cliza de cinquenta soldados de polícia militar de La Paz, com a missão de prender treze dirigentes camponeses perseguidos pela discutida justiça boliviana como supostos autores da matança de Mulo Faldá, em Vila Vila, ocorrida em junho deste ano.

Uma das missões não reveladas que traziam os soldados era a de desarmar todos os camponeses da região de Cliza, que estão sob as ordens do caudilho Miguel Veizaga, um dos dirigentes prófugos há mais de dois meses.

Cliza contra Ucuereña

Os camponeses na Bolívia foram armados para conseguir, por esse meio, os objetivos da Reforma Agrária e fiscalizá-la ao mesmo tempo. O ponto principal da Revolução é justamente a Reforma Agrária, embora até hoje não se aplique na escala inicialmente proclamada pelas teorias de seus propugnadores, os agora criticados «revolucionários».

Quase simultaneamente entregaram-se armas aos homens de Cliza e aos de Ucuereña. Essas duas regiões, distantes 50 quilômetros uma da outra, viveram em concordância até que surgissem os caudilhos que, alentados pelos politiquês, provocaram a separação total. Hoje é uma luta sangrenta a de Cliza e Ucuereña. Luta cruel, sem tréguas e desigual porque José Rojas, o líder de Ucuereña, tem o apoio dos politiquês.

Altos representantes do governo estão por trás das manobras de ambos os dirigentes, e as intenções de um setor, ao provocar essas lutas camponesas, parecem claras para muitos bolivianos: causar dores de cabeça a Paz Estensoro e, se for possível, sua queda. Os políticos que alimentam essa esperança parecem apoiar José Rojas.

Os incidentes de Cliza

Em uma entrevista coletiva convocada no domingo 13 de novembro — um dia depois da batalha de Cliza — o prefeito de Cochabamba Jorge Gómez, representante direto do Poder Executivo, e

o general da Sétima Divisão do Exército Carlos Prudencio, explicaram as causas e a forma por que se verificaram os incidentes que, segundo eles, foram completamente dominados pelo Exército.

Apesar da afirmação, o general Prudencio desculpou-se perante os jornalistas, dizendo que em seu relato notariam «várias lacunas impossíveis de preencher por razões de ordem estritamente militar».

Os acontecimentos — segundo essas autoridades — tiveram início quando os soldados, sob o comando de três autoridades civis de Cliza, tomaram a central camponesa. Conseguiram seu objetivo sem grande resistência e sem derramamento de sangue, porque os camponeses praticamente desapareceram dos limites urbanos.

Isso aconteceu na manhã de sábado, e um tenente da força militar contratada pelo prefeito Gómez Velasco certificou que existia quase absoluta tranquilidade, o que — como se verificou posteriormente — não passava de uma tática dos camponeses para inspirar confiança. As 6 da manhã do domingo recomeçou o tiroteio. Dessa vez era entre a gente de Cliza e a de Ucuereña, no lugar chamado de Huasa-Calle, conhecido pelos contadores como «A linha» por ser o lugar que marca a fronteira entre as duas regiões. Isto é, entre os domínios de Rojas e os feudos de Veizaga. O tiroteio cessou três horas depois, quando o prefeito Gómez solicitou ao general Prudencio o «controle efetivo» de Cliza. Três horas mais tarde, por causa de um pequeno tiroteio escutado na Playa de ganado (uma espécie de feira) o chefe militar acudiu ao lugar. Mas os estampidos que escutara o general não passava de uma armadilha dos camponeses para fazê-lo cair bem no centro de uma cilada.

O general Prudencio chegou até a praça principal, onde esteve conversando com um de seus acompanhantes, o coronel Walter Ordóñez. Trocavam impressões quando uma bala derrubou Ordóñez. A bala, ao que parece, foi disparada de longa distância, porque não penetrou profundamente na região abdominal de militar, que a extraiu com suas próprias mãos.

Ordóñez foi transportado por Prudencio até a prefeitura, onde se entrincheiraram com alguns soldados da Polícia Militar.

Cinquenta cartuchos

A partir desse instante o assédio dos camponeses não deu tréguas. Disparavam com todo tipo

de armas, lançando, inclusive, cartuchos de dinamite. Apenas por um curto espaço de tempo, inexplicavelmente, cessou o fogo de ambos os lados, para continuar logo em seguida, durante ao todo cinco horas. Prudencio aproveitou a oportunidade para comunicar-se com Cochabamba e o estado-maior da Sétima Divisão enviou tropas sob o comando do coronel Marcos Vasquez.

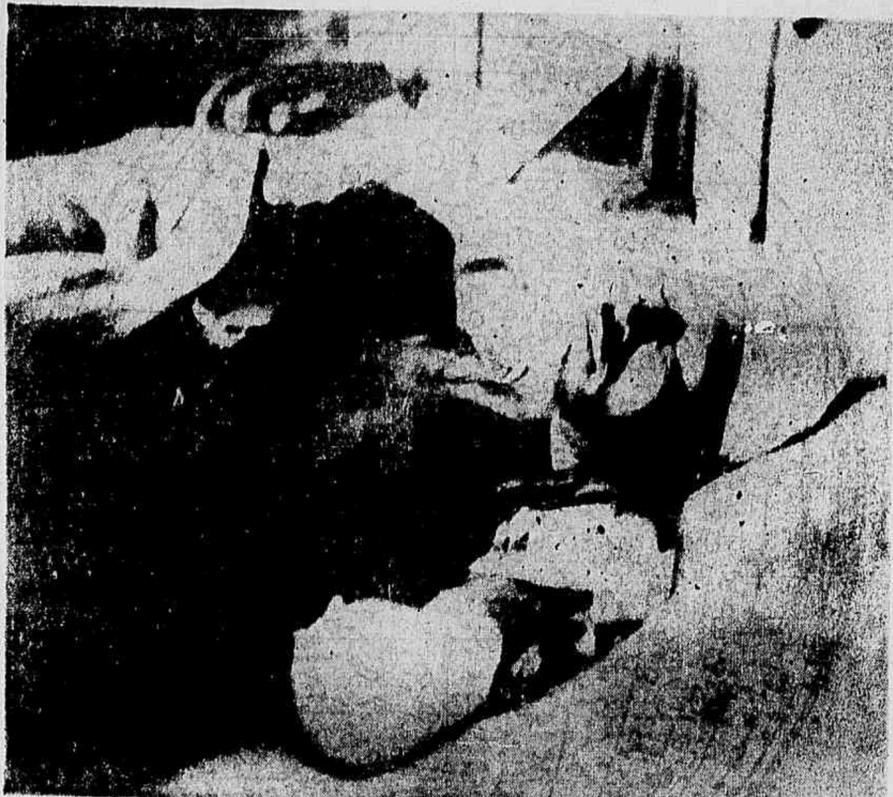
«Os reforços chegaram quando nos restavam apenas cinquenta cartuchos» revelou Prudencio.

Vásquez repeliu os atacantes e conseguiu libertar o general e seus acompanhantes. Ao fazer o registro das baixas, assinalaram oito soldados mortos, atingidos por projéteis de armas automáticas e fuzis e o Oficial Maior e o Intendente de Cliza retalhados a machadadas.

Quanto às vítimas entre os de Cliza, «devem ser muitas» — declarou Prudencio, porque em várias ocasiões o tiroteio foi sustentado a oito metros de distância, se tanto.

Entre dois fogos

A versão das autoridades dista muito do que foi contado a *Prensa Latina* por testemunhos presentes



As violências cometidas contra os camponeses da cidade de Cliza continuam provocando protestos na Bolívia. Vinte deputados do partido governamental, o Movimento Nacional Revolucionário, se negaram a aceitar a explicação dada pelo presidente Estensoro e seus ministros. A foto mostra uma das vítimas da matança, que teve seu braço amputado.

Luta continua

ao local, habitantes de Cliza, viajantes e também pelos próprios dirigentes camponeses.

Isso, em resumo, foi que disse-ram:

Cliza estava entre dois fogos. Primeiro o dos soldados da Polícia Militar e do Exército e, em três oportunidades no domingo: foi atacada pelos partidários do caudi-

lho de Ucuereña, José Rojas, que atiraram com morteiros e outras armas semipesadas. As três tentativas de penetrar na localidade foram repelidas n' «A linha» mas à custa de alguns mortos no setor dos atacados.

Os mesmos informantes contaram que Macedônio Juárez, um dos lugares-tenentes de Veizaga, suplente de senador (o general Prudencio solicitou seu desarmamento) estava nas proximidades de Potosí, com 1.500 homens bem armados sob suas ordens. Entretanto, as autoridades afirmaram que Juárez estava em Cliza e que ele iniciou as «hostilidades» contra os soldados da Polícia.

Energia e humanidade

O general Prudencio havia declarado: «Em cumprimento a ordens superiores procederei com toda a energia e toda a humanidade para pôr um ponto final na situação criada pelo não reconhecimento das determinações do Governo por parte dos que seguem Veizaga».

Como prova de sua humanidade, o general disse que se tratava com especial deferência Julián Chávez, «o dirigente que detivemos por ser o segundo de Veizaga e que assumiu o comando quando este se escondeu por estar perseguido pela justiça».

Também, como prova de humanidade, Prudencio ordenou que «o melhor caixão» fosse para o soldado morto que, com grande valentia, cobriu o general contra o fogo dos inimigos em uma das escaramuças em Cliza.

Os cadáveres dos oito soldados da polícia foram velados em La Paz e Cochabamba.

No entanto, pouco depois (na terça-feira 15 de novembro) no Palácio do Governo de La Paz o general Rodríguez Ridesgán afirmou que «não havia presos», e em Cochabamba dois civis detidos e logo libertados mostraram marcas de espancamento.

Cem mortos?

Por uma comunicação direta pelo rádio entre o general Prudencio e o general Ovando, este último em La Paz, conseguiu-se captar que o número de camponeses mortos eleva-se a mais de cem, e que, a fim de obter-se a total submissão do povo, por ordem do Presidente se dirigiram a Cochabamba tropas do exército «as quais deverão fazer ostentação de todo o seu poderio».

Outra versão conta que na segunda-feira 14, pela manhã, aviões «Mustang» sobrevoaram Cliza e abriram fogo sobre determinado setor. Isso, assim como o ataque dos homens de Ucuereña aos de Cliza, é sistematicamente negado pelas autoridades.

Na cidade de Cochabamba, de aproximadamente cem mil habitantes, residem cerca de três mil cli-zenhos que, em todas as espécies de veículos, tentaram chegar a sua terra natal para defendê-la. Muitos o conseguiram, mas outros foram detidos pelas tropas militares. Contentaram-se com uma manifestação espontânea na praça principal de Cochabamba.



Os camponeses foram armados para defender eles mesmos suas reivindicações. Armados também estavam e estão seus inimigos, as oligarquias feudais e seus bandidos. Recentemente, em Cochabamba, os camponeses foram colocados entre dois fogos: os soldados da polícia militar e os bandidos. Mesmo assim lutaram, matando grande número de soldados (foto).

Camponeses entre dois fogos

EUA ajudam rebelião no Laos

Notícias publicadas nos jornais brasileiros dizem que a guerra civil provocada pelos militares alimentados e financiados pelos Estados Unidos contra o Governo do Laos está se transformando num conflito internacional, com as grandes potências apoiando um ou o outro lado. Vejamos, porém, em que consiste esta intervenção.

Segundo as próprias agências imperialistas reconhecem, os Estados Unidos e seu aliado da OTASE, a Tailândia, estão ajudando militarmente os rebeldes direitistas que sem este auxílio já teriam sido totalmente liquidados. As tropas do general Novassan são apoiadas pela artilharia tailandesa e sempre que necessário se asilam em seu território.

Por outro lado, a ajuda soviética consiste em créditos econômicos e no fornecimento de combustíveis para furar o bloqueio feito pela Tailândia por ordem dos Estados Unidos. Essa ajuda é que provocou o protesto do Departamento de Estado ianque que advertiu o governo neutralista do Laos para os «perigos» que ela representa.

Veto soviético: ONU deve ser de todo o mundo

Lançando mão de seus direitos como membro permanente do Conselho de Segurança, a União Soviética vetou a entrada da Maurítania na ONU. A Polónia também votou contra a admissão, o Ceilão se absteve e os outros membros do Conselho votaram a favor. A decisão soviética foi tomada em vista de dois motivos fundamentais: primeiro, as potências do bloco da OTAN vetaram a entrada da República Popular da Mongólia, contra os votos da URSS, Polónia, Tunísia e Ceilão; segundo, existe um conflito entre a Maurítania e o Marrocos.

O governo do Marrocos reivindica a integração da Maurítania como parte de seu território, em vista da origem histórica comum das duas antigas colônias francesas, vítimas da política de divisão arbitrária do colonialismo. Por outro lado, a República Popular da Mongólia, que se tornou independente depois da primeira guerra mundial, vem sendo privada de seus legítimos direitos desde a constituição da ONU. Os Estados Unidos e seus aliados e dependentes parecem não compreender este fato tão simples...

Lumumba prêso: Congo vai esquentar

O primeiro-ministro congolês Patrice Lumumba foi preso e brutalmente espancado por tropas do coronel Mobutu quando se dirigia para a Província Oriental. A prisão arbitrária e violenta de Lumumba provocou um enérgico protesto da União Soviética que exigiu uma convocação especial do Conselho de Segurança e que o secretário-geral da ONU tomasse medidas para reprimir o abuso.

O protesto se justifica ainda mais porque os representantes da ONU no Congo enviaram um relatório à entidade comprovando a veracidade das acusações. Lumumba e outros dirigentes congolezes estão sendo mantidos em incomunicabilidade em Thisville.

O terrorismo e o policiamento empregados por Mobutu não são casuais. Eles são a única maneira de realizar a política de subserviência aos belgas contra a vontade do povo, do parlamento e dos governos provinciais. A prisão de Lumumba e vários ministros virá forçosamente aguar a tensão existente no Congo. A própria imprensa imperialista já anuncia o massacre de grande número de congolezes por Mobutu.

Nota Internacional

Cúpula Comunista

A reunião dos Partidos Comunistas de todo o mundo em Moscou terminou com a aprovação por unanimidade de uma declaração programática que define a atual situação internacional e a política dos comunistas. O fato de que, segundo as versões divulgadas da declaração, tenham se manifestado posições divergentes sobre algumas questões, estabelecendo-se um amplo e democrático debate entre os participantes, e de que, ao mesmo tempo, a conferência tenha chegado a um acordo demonstrando, para quem tem olhos para ver, que o espírito democrático e unitário é inabalável nas relações entre os Partidos Comunistas e os países socialistas. Aquêles mesmos que ainda ontem profetizavam o surgimento de uma divisão entre os comunistas no plano internacional, têm que se contentar agora em dizer que o acordo a que chegou a reunião de Moscou é meramente formal.

Um dos pontos fundamentais da declaração dos Partidos Comunistas agora aprovada é a consideração de que já em nossa época as forças do socialismo representam o fator determinante dos acontecimentos mundiais, por mais forte que ainda seja o sistema imperialista. Exatamente o que caracteriza o período histórico que estamos vivendo é o fato de que o socialismo já representa o elemento essencial do panorama internacional. E é por isso que já não se pode falar mais na inevitabilidade das guerras provocadas pelo imperialismo, uma vez que o poderio do campo socialista, juntamente com a luta do proletariado e das forças favoráveis à paz no mundo inteiro, é suficiente para impedir, fazer abortar ou cortar em seus primeiros passos as aventuras bélicas do imperialismo.

No começo do século, Lenin caracterizava o período em que vivia como a época do imperialismo e das revoluções proletárias. Hoje, diz a declaração dos Partidos Comunistas, vivemos o período da expansão do socialismo e das revoluções proletárias e da derrocada do imperialismo e seu sistema colonial. Se a natureza bélica, agressora e espoliadora do imperialismo não mudou, mudou, entretanto, o seu campo de ação: não lhe é mais possível determinar o curso dos acontecimentos e desencadear a guerra quando lhe apraz. Com isso, entramos numa nova fase da crise geral do capitalismo, quando se impõe a coexistência pacífica, quando ninguém cada vez mais as possibilidades do imperialismo escapar ao bico sem saída em que o coloca seu próprio desenvolvimento histórico pelo desencadeamento de guerras de rapina.

Atualmente já se pode prever com clareza o momento em que o socialismo predominará inteiramente no cenário internacional, em que, mesmo mantendo-se o capitalismo em alguns países, surgirão as condições concretas para eliminar completamente a guerra nas relações entre os Estados. A luta pela paz em nossos dias, tarefa fundamental dos comunistas, pode ser travada num contexto bem mais favorável. A perspectiva aberta sucessivamente pelos XX e XXI Congressos do PCUS e pelas declarações dos Partidos Comunistas de 1957 e 1960 — a possibilidade de evitar a guerra — contribui ainda mais para fortalecer a luta dos povos pela paz, contra o imperialismo e o colonialismo. A atual correlação de forças em escala mundial, se ainda não exclui totalmente a guerra, confere, todavia, às forças do progresso o papel determinante no evoluir dos acontecimentos.

Fausto Cupertino

Nave Soviética Aproxima Voo do Homem ao Espaço

Os cientistas soviéticos no dia 1º de dezembro fizeram o lançamento de uma nova nave espacial, contendo em seu bojo duas cadelas e vários outros pequenos animais e vegetais. Segundo as informações oficiais da Rádio de Moscou e da Agência Tass, a nova nave não apresenta qualquer diferença fundamental em relação à anterior, recuperada depois de dois dias de viagem sideral. Diante disto, alguns círculos científicos acreditam que o objetivo fundamental de seu lançamento era testar um novo método de recuperação da cápsula. Esta interpretação é reforçada pelo fato de que o ângulo de lançamento do foguete portador foi escolhido de tal forma que a órbita da nave era muito próxima da atmosfera terrestre, onde o atrito é muito grande e a velocidade de descida terá que ser reduzida ao máximo para evitar que a cápsula se incendie.

Menos de vinte e quatro horas depois de seu lançamento, os aparelhos eletrônicos instalados na nave especial receberam da terra a ordem de abandonar a órbita inicial e voltar à terra. A nave começou a se aproximar da terra, mas não resistiu aos atritos e se incendiou. Até pouco tempo antes, os transmissores e os aparelhos de televisão para a terra ainda funcionaram, demonstrando que tudo corria bem dentro da cápsula. Apesar do fracasso parcial da experiência, os próprios círculos científicos ocidentais se apressaram em reconhecer que a URSS está mais próxima do que nunca da realização de um dos sonhos mais antigos da humanidade: o voo cósmico.

Características da nave

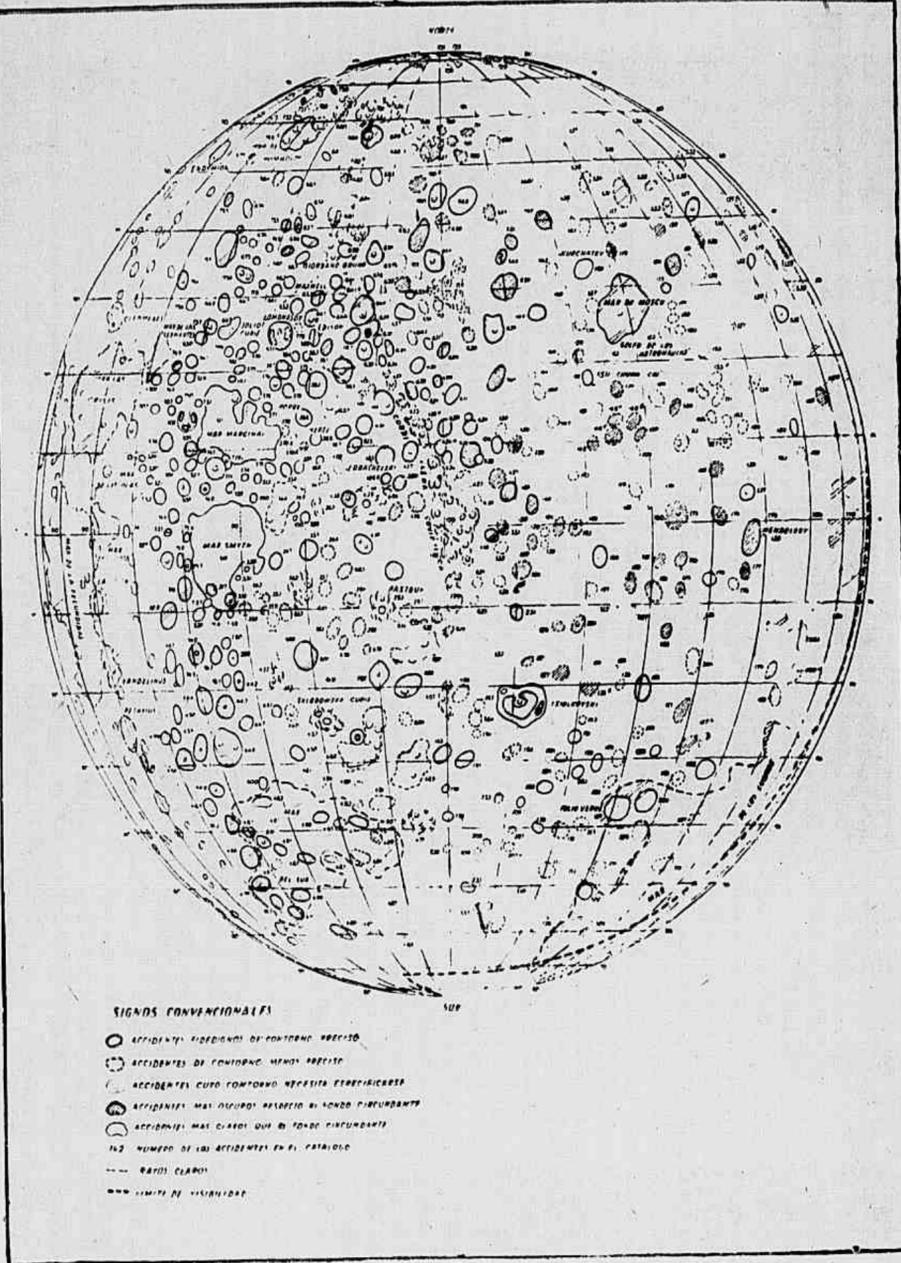
As principais características da terceira nave cósmica soviética são: Peso:

4.653 quilos, exclusive o peso do último estágio do foguete portador. Estrutura: nenhum dado preciso foi fornecido, sabendo-se apenas que há uma cabine com animais, vegetais e instrumentos. Órbita: elíptica, em torno da Terra, com apogeu de 265 Km e perigeo de 187,3 Km, inclinada de 65 graus sobre o equador. Período de revolução em torno da Terra: 88 minutos e 47 segundos. Trata-se do período inicial, isto é, do tempo empregado pela nave para efetuar sua primeira revolução em torno da Terra. Transmissão: a emissora central da nave transmite na frequência de 19.995 megacíclos, por meio de um sistema de emissões telegráficas de duração variada.

As informações colhidas pela nave são de duas ordens: medicobiológicas — estudo do comportamento dos animais e da influência das condições de voo sobre os vegetais — e físicas — estudo da Física do espaço cósmico. Essas informações são transmitidas, além dos aparelhos de rádio e de televisão, por meio de instrumentos telemétricos.

As três naves cósmicas, lançadas pelos soviéticos este ano, tiveram mais ou menos o mesmo peso: 4.530 quilos a primeira, de 15 de maio; 4.600 a segunda, de 21 de agosto; e 4.653 quilos a terceira, lançada hoje. Nas três casos não se achá, inclusive o peso do último estágio do foguete portador.

Como a terceira nave espacial gira mais perto da Terra, seu período de revolução é mais curto, de cerca de 2 minutos. A inclinação de 65 graus sobre o equador é preferida pelos soviéticos, porque permite aos satélites passar por sobre uma grande parte da superfície terrestre.



CIENTISTAS SOVIÉTICOS ELABORARAM

Outro Lado da Lua já Tem um Atlas

Desde que o homem existe sobre a Terra, o olho humano jamais viu a face oculta da Lua. Há apenas alguns anos, parecia ainda que os 41% da superfície da Lua invisíveis para o homem permaneceriam para sempre inacessíveis à observação. Mas súbitamente, em janeiro de 1959, foi lançado pela URSS um foguete interplanetário, que passou perto da Lua e se transformou em planeta artificial do sistema solar. Ficou assim provado que era possível atingir um ponto do qual a face invisível da Lua podia ser vista, restando apenas encontrar o meio de fotografá-la e de transmitir essas fotos à Terra.

A façanha

Este problema foi resolvido a 4 de outubro de 1959 quando um terceiro foguete interplanetar foi lançado pela URSS. A terceira etapa deste foguete estava equipada com duas máquinas fotográficas automáticas munidas de lentes de 200 e 500 mm de distância focal. A órbita do foguete era muito inclinada e seu apogeu, em virtude das grandes perturbações nas proximidades da Lua, se encontrava a 400.000 quilômetros da Terra. Às 4 horas (hora universal) do dia 7 de outubro, a estação automática atravessou a linha de atração da Lua pelo Sol a uma distância de 65.000 quilômetros da Lua. A Lua, vista da Terra, entrava em seu primeiro quarto depois de 4,6 dias, mas para a estação automática era quase Lua cheia. Neste momento, a uma ordem telecomandada da Terra, todos os aparelhos fotográficos dirigidos para a Lua começaram a funcionar alternadamente sobre uma película «standard» de 35 mm, que estava estendida, fixada e seca no «container».

Em 40 minutos, foi tirado um grande número de fotografias de 25x36 mm. Muitos dias depois, quando a estação automática aproximou-se da Terra e encontrou-se a uma distância suficiente, foram transmitidas pela televisão às estações receptoras da URSS os negativos varridos por milhares de linhas. Utilizou-se duas velocidades de varredura: uma, bastante lenta, quando a estação estava ao máximo afastada da Terra, e outra, mais rápida, quando ela estava mais próxima. Cada negativo foi transmitido várias vezes a fim de que se pudesse comparar os diferentes exemplares e eliminar toda interferência.

Quinhentos pontos notáveis

Em virtude da rotação inevitável da estação, as ondas do rádio deviam ser

emitidas em todas as direções, o que diminuía muito a intensidade dos sinais em sua recepção, vários milhões de vezes mais fraca do que a da televisão comum. A imagem da Lua obtida com a lente de 200 mm tinha 10,4 mm de diâmetro e era completamente visível sobre cada foto. Mas, sobre as imagens tomadas pelo aparelho a grande distância focal, a Lua tinha 26 mm de diâmetro e não estava toda contida na foto.

Os negativos transmitidos foram reproduzidos em três exemplares, assim como os positivos ampliados também. Foram distribuídos a três institutos científicos: o observatório astronômico da Universidade de Kharkov, o Observatório de Poulkovo e o Instituto de Astronomia de Sternberg de Moscou. Cada um destes institutos entregou-se a um estudo individual das fotografias e os resultados foram em seguida comparados.

O estudo mais aprofundado foi o de Moscou, realizado com a ajuda do instituto de geodésia, cartografia e topografia.

A decifração começou por uma retificação das imagens de modo que o contorno da Lua fosse um círculo exato, mas levando em conta igualmente uma pequena irregularidade do solo perto do polo norte, não atingido pelos raios solares. A fim de suprimir os defeitos devidos a parasitas de rádio ou a outros defeitos de transmissão, foram experimentados vários métodos, entre os quais a superposição de muitas provas. Não obstante, o melhor método e o que foi finalmente adotado foi o de fazer de cada clichê várias secções fotométricas, segundo os diferentes valores de intensidade.

Isto foi feito utilizando-se a técnica da foto e do rádio. Cada detalhe assim revelado foi precisado, suas coordenadas selenográficas foram determinadas e catalogadas.

O catálogo foi dividido em três partes: primeiro os pontos de referência da superfície lunar assinalados em pelo menos três fotografias diferentes, ou o bastante nítidos para que não houvesse qualquer dúvida quanto à sua existência. Estes pontos são em núme-

ro de 252 e cerca de 100 deles se encontram na parte marginal visível da superfície da Lua, o que é uma prova a mais da qualidade da decifração. 190 pontos de referência, menos precisos, revelados por duas fotografias somente e de uma maneira menos nítida, são enumerados na segunda parte do catálogo. A terceira e última parte contém 57 pontos decifrados apenas por uma foto ou de uma maneira não muito precisa, de modo que sua existência não pode ser provada com bastante garantia. Todos estes pontos de referência foram colocados num mapa em projeção ortogonal equatorial, com um meridiano central de 120º de longitude, e representados por sinais diferentes segundo a seção do catálogo à qual pertencem.

O que diferencia essencialmente a face oculta da Lua de sua face visível é que ela tem muito poucos «mares».

Discute-se muito a propósito desta diferença.

Achamos que é inútil procurar esta causa, assim como é impossível encontrar a razão da disposição assimétrica dos continentes sobre a Terra. Tomemos, por exemplo, os dois hemisférios da Terra, o ocidental e o oriental: em relação ao Sol, à Lua e aos outros corpos celestes, eles se encontram exatamente nas mesmas condições em virtude da rotação cotidiana da Terra, e não obstante, o mapa dos continentes e dos oceanos de cada um destes hemisférios é muito diferente. Evidentemente isto se explica pelas causas, mais profundas, dos origens internas e provavelmente o mesmo acontece com as duas faces da Lua.

Algumas palavras ainda a propósito dos nomes dados aos diversos pontos de referência da face oculta da Lua. A Academia de Ciências da URSS nomeou uma pequena comissão encarregada de propor nomes para estes pontos. Assim, 25 pontos entre os mais importantes foram batizados com nomes de sábios conhecidos ou de escritores de ficções científicas e de vulgarização de épocas e de nacionalidades diferentes.

Nestes últimos dias, as Edições da Academia de Ciências da URSS publi-

caram um «Atlas da face oculta da Lua» sob a direção de N. P. Barabachov, A. A. Mikhailov e Y. N. Lipski. O atlas contém, além das informações dadas acima e da descrição do desenvolvimento das operações de decifração, a ampliação de 30 fotos, com

todos os detalhes dos negativos originais.

Os resultados do estudo das fotografias da face oculta da Lua, apresentados ao Congresso Internacional de Astronáutica de Estocolmo em agosto de 1960, foram altamente apreciados por toda a opinião científica mundial.



Astronauta: saúde de ferro

O treinamento de um candidato a astronauta é extremamente rigoroso e tem por objetivo garantir que o futuro piloto da astronave tenha todas as condições físicas e psicológicas necessárias; ao mesmo tempo, todas as experiências indispensáveis para testar o aparelho que o conduzirá e seu sistema de telecomunicações e teledireção estão sendo feitas.

NOVOS RUMOS

Artistas Pagam Caro o Preço da Fama: Trabalho e Desilusões

(1ª de uma série de reportagens
de LUIZ GAZZANEO)

O começo. Bem, o começo é sempre o mesmo para a grande maioria. A frequência permanente aos auditórios, a familiarização com o pessoal da «casa», a oportunidade de participar de um programa de colóquios com a «chance» de ser ouvido ou visto por um dos «biggs» da emissora. Se tal acontecer, vem o teste e, logo depois, o primeiro contrato.

Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Ronald Golias, Emilinha Barba — a história de todos começou mais ou menos assim. Agora são cartazes consagrados de rádio e da televisão brasileira, seus nomes correm o país de norte a sul e, com eles, as histórias que são verdadeiras lendas, de uma vida maravilhosa, diferente, num mundo também diferente.

História e realidade

As histórias, as revistas estão cansadas de contar e o público já as conhece de cor. Elas vão dos fantasiosos romances de amor envolvendo este ou aquele astro conhecido, esta ou aquela estrela, ao anúncio bombástico de cifras fabulosas na renovação dos contratos dos maiores cartazes. A realidade, esta poucas vezes vem à tona. E, quando o faz, é pintada com as cores da desilusão e também da tragédia. A fama tem um preço, e ele não é baixo.

Quando o rádio no Brasil tinha um quê de aventura ainda, surgiu um jovem. Os que o conheceram dizem que ele era assim um tipo de Orson Welles brasileiro. Parecia-se com o fabuloso artista norte-americano tanto no físico como na capacidade de criar. Dinâmico, trabalhador, sempre procurando novas fórmulas artísticas para aplicar nos seus programas. Seu nome era Otávio Gabus Mendes. O rádio roubava-lhe todas as horas, todos os momentos e acabou por tirar-lhe a vida. Morreu trabalhando, escrevendo programas, num dia de setembro do ano de 1946.

Se a Otávio foram a paixão e a volúpia pelo trabalho que o abateram, outros sucumbiram em acidentes provocados pelas próprias condições do trabalho que realizavam. O velho Chico Viola pagava uma parte do preço que a fama lhe cobrava com viagens frequentes aos mais diversos pontos do país. Um choque de automóvel na via Dutra, quando retornava de São Paulo após um programa lá realizado, roubou-lhe a vida.

Otávio e Chico pagaram o preço máximo. Os outros pagam o seu, no dia a dia, abdicando às vezes dos mais simples prazeres que a vida proporciona.

Quanto vale a emoção

Uma das funções do rádio é o entretenimento e a novela desempenha um papel importantíssimo. Milhares e milhares de donas de casa, diariamente, em todo o Brasil, encontram nela um derivativo para amenizar a labuta. Tem os seus autores preferidos, os seus astros e transformaram o horário da novela em qualquer coisa de indispensável. Conhecem Ghisloni, Oduvaldo Viana, Dias Gomes, Mário Lago. Os personagens que eles criaram durante anos de trabalho, escrevendo diariamente, são populares e, muitas vezes, vestiram os panos dos heróis sonhados de muitos mocinhos. Apesar disso, entretanto, o novelista de rádio é geralmente um desconhecido. Seu trabalho não é reconhecido pelos que o compram. Trin-

ta minutos de emoção custam muito pouco.

A novela radiofônica, apesar de sua popularidade, é muito mal paga. Um capítulo, correspondente a 10 laudas dactilografadas e perfazendo um total de 25 minutos de programa, custa em média mil cruzeiros e, quando o novelista já é velho na casa, o preço desce a 600 cruzeiros. A alegria e a tristeza estão desvalorizadas no rádio.

O problema da novela se repete quase que na mesma escala em outros setores da produção radiofônica e na televisão. Os produtores, os homens que escrevem programas trabalham sob as condições mais difíceis, recebendo em média salários baixos e cachês insuficientes. O resultado disso, tanto no que se refere à novela como ao programa humorístico ou de outro tipo, é que o nível dos mesmos tende a baixar de qualidade.

O novelista e o produtor têm que viver. E, para viver é preciso dinheiro. Como o comum é receberem pela quantidade de trabalho que produzem e não, como seria natural, pela qualidade do mesmo, precisam escrever muito.

Uma novela que poderia ter um desenvolvimento melhor, apresentar mais nível artístico, não atinge esses resultados. Não há tempo para pensar um pouco mais. Quando sua novela vai ao ar, o produtor sente-se frustrado. Ele compreende que poderia, em outras condições de trabalho, ter escrito algo melhor.

Um dos males apontados nos scripts de programas radiofônicos, nas novelas e programas humorísticos, é a estereotipização. O observador mais atento percebe que os personagens de uma novela, as situações têm pontos de contacto com outras anteriores do mesmo autor. O mesmo ocorre em relação a programas humorísticos. Tudo se estandariza.

O culpado pela situação é o produtor? Geralmente, não! Algumas vezes as próprias exigências deste ou daquele patrocinador levam à estandarização; outras, as próprias condições de trabalho. O novelista e o produtor não têm tempo de ler, estudar e melhorar a qualidade de seu trabalho. O resultado é negativo para o próprio rádio e para a televisão.

Os globe-trotters

— Bem, o sábado e o domingo geralmente são reservados para shows em Recife, Porto Alegre e outras cidades.

A frase é do Chico Anísio, colhida numa palestra informal com o repórter. Revela em toda a sua crueza a vida do ator do rádio e da televisão e também do cantor.

O público geralmente toma nota dos salários fabulosos que recebem os grandes cartazes do rádio e da televisão. Toma nota das cifras mas não sabe o quanto custa ganhá-las e nem a parcela de lucro que elas representam para as emissoras.

Os jornais noticiam, Manuel da Nóbrega recebeu um salário espetacular para assinar contrato com determinada estação de televisão. O que quer dizer esse salário? Algumas viagens de avião por semana, programas em diferentes cidades e muito trabalho. Existem atores e cantores que realizam uma média de 6 viagens semanais de avião Rio-São Paulo-Rio e mais algumas extras para Belo Horizonte. Os grandes cantores populares levam uma vida de verdadeiros globe-trotters para fazer jus a uma verba elevada. Existem casos de cantores que passam cada dia

da semana em uma cidade diferente do país. Viajam nas piores condições, e não são raros os momentos de perigo que atravessaram. É comum, nos corredores das emissoras de rádio e televisão, ouvirem-se conversas desse tipo:

— Rapaz, escapamos por pouco, ontem, quando o avião ia aterrissar em Belém. Ouve um defeito qualquer e ficamos sobrevoando a cidade mais de meia-hora.

— Isso não é nada. O meu, logo após sair de São Paulo, teve de voltar com pane num motor.

O dia tem 24 horas

Os salários pagos pelas estações de rádio a cantores de fama são tão baixos, que para completar o orçamento, o artista é obrigado a aproveitar todas as oportunidades que aparecem. Para muitos o dia tem mesmo 24 horas. O negócio começa pela manhã, com uma gravação que veio madrugada adentro. E só o tempo de chegar em casa, tomar um banho e correr à estação, para o programa do meio-dia. Depois se arranja um tempinho para almoço e logo vem o ensaio. À noite, o programa e, depois o bule. No dia seguinte não vai haver gravação, mas já existe uma viagem marcada para Porto Alegre. O jeito é aproveitar e dormir no avião.

Situações desse tipo não constituem exceção. É a regra geral para os grandes cartazes do Rádio e da TV. A vida é apenas trabalho. O mais simples prazer lhes é negado pelas injunções da fama. O casamento muitas vezes é uma temeridade e a própria concepção de lar, de um lugar repousante, não existe. A fama rouba tudo e só deixa trabalho, mal recompensado.



As mágoas de Isaurinha

Veterana do rádio, uma das mais populares e categorizadas cantoras do Brasil, Isaurinha sacrificou toda a sua vida pela fama. Seu nome corre mundo, pode-se dizer; mas quanto ganhou ela com isso? Muito pouco dinheiro, muitas desilusões e nenhum momento de sossego para dedicar ao lar. Viveu e vive para a música, somente.

NOVOS RUMOS

ANO II

— Rio de Janeiro, semana de 9 a 15 de dezembro de 1960

Nº 93



A tragédia do produtor

O telefone traz o pedido, Janet Clair, uma das grandes novelistas do rádio brasileiro, vai ter que escrever, em pouco tempo, um novo drama radiofônico de tantos capítulos. O drama do produtor e do novelista de rádio e televisão é uma brutal injustiça. A péssima compreensão de muitos patrocinadores, a ausência quase que completa de preocupação, da parte dos diretores das emissoras, são os principais responsáveis pelo baixo nível da programação. O autor, que tem que escrever para ganhar dinheiro, geralmente é um insatisfeito.

Rublo Tira o Sono do Mundo Capitalista

Dicionário

Dinheiro Primitivo e Capital

Na sessão realizada em junho último, decidiu o Soviet Supremo da URSS realizar uma reforma monetária tal, que a cada dez rublos de curso atual, corresponderia um novo rublo. Ao mesmo tempo, uma vez que se trata de uma modificação da moeda apenas como escala de preços, os preços das mercadorias e serviços na URSS sofreriam uma redução correspondente. Um exemplo: um operário que ganhe atualmente 800 rublos mensais e pague 20 rublos de aluguel, passaria a perceber 80 novos rublos e a pagar de aluguel 2 novos rublos. A medida foi decretada na mencionada reunião do Soviet Supremo e entrará em vigor a partir de 1º de janeiro vindouro.

Não se trata, portanto, no plano interno da economia, de uma valorização ou desvalorização da moeda, mas tão-somente de uma alteração no seu valor como escala de preços. Para a população não haverá diferença, a não ser pequenas vantagens decorrentes do arredondamento dos preços, ao serem reajustados os preços e tarifas.

Da mesma maneira, não se trata de algo de natureza idêntica ao que tem sido feito em outros países. Na França, por exemplo, há um ano, o governo decidiu introduzir o novo franco, de valor igual a 100 francos antigos. A causa dessa reforma foi a inflação do meio circulante no país, decorrentes sobretudo das elevadíssimas despesas

militares, e em primeiro lugar da guerra da Argélia, que custa à França trinta milhões de novos francos (cerca de 6 milhões de dólares) por dia.

No caso da URSS, outra foi a causa determinante da reforma: a vantagem de simplificar as operações de cálculo econômico e contabilidade. Efectivamente, a economia soviética, nos últimos dez anos, avançou consideravelmente e a massa da produção — tanto na indústria, como na agricultura — e de serviços elevou-se de tal modo que passou a exprimir-se em trilhões de rublos. A manipulação de números assim elevados causa, naturalmente, dificuldades, daí a vantagem e a comodidade de exprimir essa mesma produção numa cifra menor de dinheiro. Sobre o assunto, recomendamos aos leitores as notas econômicas publicadas em NR nos. 65 e 71.

Cotação internacional do rublo

A 15 do corrente, o governo soviético divulgou o seguinte decreto relativamente ao novo conteúdo-ouro do rublo e à elevação da cotação do rublo em comparação com as moedas dos Estados estrangeiros: «O Conselho de Ministros da URSS aprovou resolução sobre a elevação, a partir de 1º de janeiro de 1961, do conteúdo-ouro do rublo e sobre a cotação do rublo

em relação às moedas dos Estados estrangeiros.

«O conteúdo-ouro do rublo é estabelecido em 0,987 412 grama de ouro puro e o preço de compra de ouro pelo Banco do Estado da URSS é fixado em 1 rublo por um grama de ouro puro.

«A cotação do rublo em relação ao dólar é estabelecida em 90 centavos por dólar dos Estados Unidos da América.

«O Conselho de Ministros da URSS incumbiu o Banco do Estado da URSS de elevar a cotação do rublo em relação às moedas dos outros países capitalistas em consonância com a elevação do conteúdo-ouro do rublo. Em caso de modificação do conteúdo-ouro das moedas destes países ou de modificação nas cotações de suas moedas, o Banco do Estado da URSS fica incumbido de fixar a cotação do rublo, tendo em conta essas modificações».

Significado da medida

Acérrca dessa decisão do governo soviético têm sido feitas, aqui como nos outros países, diversas especulações. Há quem afirme, por exemplo, que se trataria de uma desvalorização do rublo, afirmação, aliás, que não resiste à menor crítica. Assim, segundo esses, se o rublo atual tem seu conteúdo-ouro fixado em 0,222 168 grama de ouro, uma nova moeda de valor dez

vêzes superior à atual, deveria ter um conteúdo-ouro também dez vêzes maior; então, o conteúdo-ouro do novo rublo deveria ser de 2,221 680 gramas e não de 0,987 412 grama, como anuncia o governo soviético. Isso, segundo os mesmos críticos, importaria numa desvalorização efetiva de 56 por cento.

De fato, estão sendo confundidas duas coisas diferentes: o significado do rublo internamente, na URSS, e sua cotação internacional, isto é, seu conteúdo-ouro. Essa diferença tem que existir necessariamente, é uma decorrência direta da diferença de estruturas das economias socialista e capitalista, da diversidade dos mercados. Os mesmos serviços e as mesmas mercadorias têm custos completamente diferentes segundo se os considere na URSS ou nos Estados Unidos, por exemplo. Um interessante trabalho do economista soviético P. Mstislavski, publicado nos números 21 e 22 da revista «Tempos Novos», deste ano, faz um estudo comparativo das despesas de consumo de uma família de quatro pessoas nos Estados Unidos e na URSS. Por esse estudo, chega ele à conclusão de que do ponto-de-vista do consumo, a capacidade aquisitiva do rublo em relação ao dólar é de 6,5 para 1, ou seja, o que uma família soviética compra na URSS por 6 rublos e meio, uma família americana adquire nos Estados Unidos por apenas 1 dólar. (No mesmo estudo, Mstislavski chega à conclusão de que o nível de consumo de uma família média soviética representa atualmente pouco mais de 55 por cento do nível médio de uma família americana; sobre o assunto, o economista norte-americano Victor Perlo, à base de observações pessoais, fez interessantes considerações em entrevista à mesma publicação, no seu número 28 do ano em curso).

Entretanto, se 6,5:1 é a relação do ponto de vista do consumo, o mesmo não ocorre se forem levados em conta os setores econômicos situados fora da esfera do consumo e que são bastante amplos na economia soviética. Ai, a relação rublo/dólar deverá ser necessariamente outra, mais favorável ao rublo, de tal maneira que a cotação internacional do rublo em relação ao dólar seja, realmente, de 4 para 1. Hoje, aliás, tal correlação está para modificar-se em favor do rublo, independentemente da resolução do governo soviético, o que sucederá no caso (esperado) de uma desvalorização oficial do dólar.

Outra especulação que vem sendo feita é no sentido de se o governo soviético pretende declarar a conversibilidade do novo rublo. Em tal caso, isto é, desde que a URSS colocasse sua moeda nos mercados internacionais, com o conteúdo-ouro mencionado, passaria ela a ser negociada em todo o mundo. Teria curso universal, tal como hoje sucede com o dólar, a libra, o franco suíço e poucas moedas mais.

Nova moeda forte?

Entretanto, em face da possível desvalorização oficial do dólar a conversibilidade do rublo não significaria, apenas, a existência de uma nova moeda conversível. Tornar-se-ia o rublo a mais forte de todas as moedas conversíveis. A garantia residiria nas reservas de ouro da União Soviética, as quais, apesar de desconhecidas, são, segundo todos os observadores, elevadas.

Ainda de acordo com essas conjecturas, a União Soviética poderia colocar no exterior uma quantidade limitada de divisas, o bastante, porém, para marcar sua presença nos mercados capitalistas. Essa possibilidade decorreria do caráter centralizado da economia soviética, a qual poderia adotar medidas fora do alcance das economias capitalistas.

A conversibilidade do rublo, segundo essas mesmas considerações, teria por efeito fortalecer o prestígio internacional da União Soviética e concorreria para abalar ainda mais a situação do dólar, já periclitante em face da recente corrida ao ouro no mercado mundial.

Nota Econômica

Têm Solução os Problemas Econômicos do Desarmamento

Em nossa edição anterior, focalizamos a conferência recentemente pronunciada em Varsóvia pelo professor Oskar Lange, detivemo-nos na afirmação de que o desarmamento nos países capitalistas oferece maiores dificuldades do que nos socialistas. Naquelas, aos problemas decorrentes da transferência de mão-de-obra e sua conversão para fins não militares, da capacidade industrial, dos estoques de matérias-primas, etc., vem juntar-se o da diminuição da demanda efetiva. «O fechamento ou a diminuição do rendimento das fábricas de armamentos acarreta uma redução da mão-de-obra e da demanda de bens de consumo. Acarreta, ademais, a diminuição da demanda de bens de investimento. Tal processo torna-se cumulativo e pode resultar numa rebaixa geral do nível da atividade econômica — numa recessão ou mesmo depressão».

Essas dificuldades para o desarmamento sob o capitalismo, continua Lange, são aproveitadas pelos elementos interessados na produção de armamentos, como também, pelos meios políticos desejosos de ver prosseguir a corrida armamentista. Semelham o temor nos círculos de negócios, no seio da opinião pública e inclusive entre os trabalhadores ocupados nessa atividade. O professor Oskar Lange define tais receios como sendo o medo das consequências econômicas da paz. É este pânico que gera as baixas das cotações das ações na Bolsa, quando as negociações sobre o desarmamento parecem progredir. «As apreensões deste tipo constituem um fator político importante e perigoso» — assinala.

Reconhecendo, embora, que esses temores na economia capitalista são objetivamente justificados, adverte Lange que não devem ser, porém, dramatizados. Isso porque na estrutura atual da economia mundial, o perigo de uma recessão ou de uma depressão resultante do desarmamento pode ser enfrentado com sucesso, desde que adotadas medidas adequadas, tanto na política interna como na internacional.

A seguir, entra na análise daquelas medidas, no domínio da política internacional, capaz de afastar tais receios. E enumera essas medidas que são, essencialmente, duas: 1) o desenvolvimento do comércio internacional sem os obstáculos criados pela divisão da economia mundial em duas partes — capitalista e socialista — e 2) a ação nacional e internacional para lutar contra o subdesenvolvimento econômico. A essas duas medidas, diz o professor Lange, poderia juntar-se uma terceira: a cooperação no domínio da ciência e da tecnologia.

A guerra fria, afirma, assume também um aspecto econômico: discriminação comercial ou mesmo em blocos. Entretanto, assinala que a prática mostrou a ineficácia desses «instrumentos» da guerra fria. As dificuldades causadas nos países contra os quais foram aplicados revelaram-se mínimas e, ainda assim, apenas na esfera do consumo. Não puderam impedir o seu desenvolvimento, nem o fortalecimento militar. Resultado, de resto, necessário, pois é como se uma metade do mundo tivesse tentado submeter a outra metade a um bloqueio».

A cessação da guerra fria contribuiria para o estabelecimento de vínculos orgânicos econômicos entre países e regiões. O professor Lange cita, como exemplos, os laços tradicionais entre a Europa Ocidental e a Oriental, formados historicamente, e as relações econômicas entre o Japão e a China. «O aumento do comércio Leste-Oeste, o mais precisamente do comércio entre os países socialistas e capitalistas, poderia contribuir de maneira substancial para conciliar os países capitalistas a baixa da demanda efetiva provocada pela suspensão da produção de armamentos» — assinala. Chama, então, a atenção para que não se deve subestimar a importância dessa consequência, tendo em vista os altos índices de crescimento da economia socialista e, ainda mais, o fato de que para 1965 estima-se que a economia socialista será cerca de metade da produção industrial mundial.

A possibilidade do intercâmbio Leste-Oeste é importante não apenas no que respeita ao seu volume, como também pela sua estrutura. Vários dentre os países socialistas encontram-se num estágio pouco avançado de industrialização, daí a necessidade de máquinas, equipamento industrial, produtos químicos e matérias-primas, isto é, de tudo aquilo que pode provir das usinas hoje empregadas na produção de material bélico.

Fator de compensação ainda mais importante — de acordo com Lange — pode ser encontrado na ajuda aos países subdesenvolvidos. Definindo esse tipo de ajuda, para que seja realmente eficaz, afirma o professor Lange: «Para poder verdadeiramente dar seus frutos, deve (a ajuda) ser muito mais conseguinte do que o é atualmente. Deve ser o bastante ampla para transportar o umbral que separa os projetos de investimentos em mineração de um programa corrente de desenvolvimento capaz de conduzir a uma modificação qualitativa da estrutura econômica dos países subdesenvolvidos. Uma grande parte da assistência até agora prestada aos países subdesenvolvidos não responde a essas exigências. Em consequência, suas repercussões econômicas são inexistentes».

A condição para que esta ajuda se mostre eficaz é que se desprenda dos quadros da guerra fria, o que exige uma cooperação dos países capitalistas e socialistas. «Tal é a razão por que uma ação internacional deve ser empreendida de preferência sob os auspícios das Nações Unidas. A ajuda prestada diretamente sob a forma de empréstimos de investimentos para diversos países, ou proveniente de capitais privados, pode ser muito útil, com a condição de que não seja fornecida no espírito da guerra fria e de encontro à independência nacional dos países interessados».

A intervenção do professor Lange no debate ora em curso no mundo constitui, como se vê, um corpo de ideias de alto valor e vem juntar-se a outros pronunciamentos de eminentes economistas no sentido de que, mesmo para o mundo capitalista, o desarmamento não significará, em absoluto, profundas mudanças econômicas.

Luís Almeida



Empréstimo a Cuba: Negócio da China

Se ainda for lícito falar-se em «negócio da China», então certamente o governo revolucionário de Cuba terá feito um negócio da China: recebeu do governo de Pequim um empréstimo de 60 milhões de dólares, sem juros, para a compra de equipamento industrial e para investimentos na economia cubana. Do ponto de vista econômico, o empréstimo constitui uma valiosa ajuda ao desenvolvimento de Cuba, uma vez que hoje em dia a China já dispõe de considerável pauta de produtos industriais e equipamentos. Para este ano, por exemplo, a China espera atingir uma produção de 90 mil máquinas-ferramentas, que constitui equipamento industrial básico.

Além do empréstimo, o acordo concluído entre os dois países prevê que Cuba venderá anualmente à China 1 milhão de toneladas de açúcar. Assim, Havana já tem mercado certo para uma parte considerável de sua produção, à qual os Estados Unidos de Eisenhower e Herter fecharam as portas.

O acordo tem a maior significação. Em primeiro lugar, o montante do empréstimo é apreciável. Como curiosidade, poderíamos compará-lo com os 500 milhões de dólares que os Estados Unidos anunciaram há três meses estarem dispostos a conceder à América Latina. Supondo que houvesse uma divisão igualitária, a Cuba, como um dos vinte países latino-americanos, caberia a vigésima parte daquele total, ou 25 milhões de dólares. Se, entretanto, o critério que vier a ser adotado (não convém esquecer que o empréstimo ainda depende de certa regulamentação pelo Congresso norte-americano) for outro, o demográfico, por exemplo, a parte que tocaria a Cuba, com seus 6 milhões de habitantes, seria consideravelmente menor...

Em segundo lugar, o empréstimo chinês é sem juros, ao passo que o norte-americano, ainda que cobre juros baixos, implicará nessa dívida adicional.

Em terceiro lugar, o empréstimo norte-americano tem uma des-

tinuição específica: visa ao desenvolvimento... social. Será aplicado na construção de hospitais, escolas, em melhoramentos sanitários, na urbanização, etc. O empréstimo da China, pelo contrário, contribuirá diretamente para o desenvolvimento econômico de Cuba, pois será aplicado na industrialização do país, condição primeira para resolver todos os demais problemas, inclusive o de escolas, hospitais, etc.

Do ponto-de-vista político, implica numa séria ajuda ao governo revolucionário de Fidel Castro que, assim, estará em melhor situação para resistir à política de provocações, de ameaças, intimidação e bloqueio econômico de Washington. É mais um exemplo de que, se bem que o imperialismo possua a mesma essência, o mundo é outro. Os povos já têm o direito de escolher o seu destino e podem contar com o apoio de outros povos que já escolheram livremente o seu.

Vários mineiros de Morro Velho repetiram-lhe em diversas oportunidades, imitando o gringo: — O que nós enterramos é somente o filé...

Queriam assim dizer o americano que das montanhas de minério de ferro do Brasil pretendia levar «apenas» aquela de alto teor metálico, a hematita compacta dos geólogos. É precisamente o que existe com fartura nos vastos domínios da empresa norte-americana Hanna Corporation, a sucessora de direito e de fato da antiga Saint John d'El Rey Mining Company.

Saimos de Belo Horizonte em direção à cidade mineira de Nova Lima — a maior concentração de operários mineiros do Brasil — e já percorremos terras da Hanna. As montanhas escuras que avistamos ao longe pertencem à Hanna. É seu famoso pico da Itabira, que evoca as primeiras tentativas estrangeiras para apossar-se do minério de ferro do Brasil, as primeiras resistências também, na década de 20, e

AS MAIS RICAS JAZIDAS DE FERRO NAS MÃOS DO TRUSTE ESTRANGEIRO

Fruto do Roubo e da Grilagem O Império da Hanna no Brasil

Reportagem de RUI FACÓ (enviado de NR a Minas Gerais)

mais desenfreada grilagem. Ainda hoje é lembrado entre os mineiros de Nova Lima um topógrafo servil da companhia britânica, Seu Brandão, que demarcava as propriedades da St. John d'El Rey. Era um devorador de terras para seus senhores. Se a grilagem ainda hoje campeia absoluta por esse Brasil afara, o que não seria há mais de um século, quando os posseiros não tinham realmente nenhuma força e os

grandes proprietários eram todo-poderosos? Assim, aquele Estado dentro de um Estado quase nada custara aos empresários ingleses. E foi quase de graça (não se conhecem os meandros secretos da transação) que os ingleses a venderam aos americanos. Sabe-se apenas que a Hanna dispôs na compra das ações desvalorizadas (por manobras?) da St. John d'El Rey, em Londres, a ri-

dicularia de 6 milhões de dólares para ficar com tudo aquilo. 15 mil alqueires de terra São, ao todo, 15 mil alqueires de terras, que somente elas, ao preço cor-

respondente na região, se avaliam em aproximadamente 600 milhões de cruzeiros, isto é, metade da soma gasta pela Hanna para comprar: terras, florestas, cursos de água, pastagens, casas, instalações, além do minério de ferro, da mina de ouro de Morro Velho. Sem falar na prata, no arsênio, na bauxita e, finalmente, no urânio, que por lei ela não poderá explorar.

A Hanna sonega impostos

No entanto, para efeito de pagamento de impostos no Brasil, a Hanna faz avaliar seus domínios de Marquês de Carajás em pouco mais de 700 milhões de cruzeiros, de acordo com os seguintes cálculos oficiais de lançamento, segundo o suposto valor dos bens da Hanna, que obteve em Belo Horizonte:

Table with 3 columns: Location (e.g., EM NOVA LIMA, EM RAPOSOS), Description (e.g., Terras de cultura, Terras de pastagem), and Value (e.g., 69.050.000,00). Total value for all locations is 706.500.000,00.

A coletoria estadual de Nova Lima era autorizada a extrair de impostos e taxas a serem pagos pela Hanna, por aqueles cálculos, a soma global de 53.293.864,50 (cinquenta e três milhões, duzentos e noventa e três mil, oitocentos e sessenta e quatro cruzeiros e cinquenta centavos).

Em resumo, conforme pessoas autorizadas, a Hanna está sonegando o pagamento de impostos ao Estado, segundo o valor real de suas posses, em cerca de 400 milhões de cruzeiros! Pois quando apenas as terras são avaliadas em 600 milhões de cruzeiros, o Departamento de Tributos de Minas Gerais avalia tudo em 700 milhões! Não há dúvida de que a Hanna, com suas complicadas transações iniciadas em Londres, não comprou somente as posses da antiga St. John d'El Rey; comprou também consciências.

O minério de ferro

De imediato, nem as terras de cultura, nem as pastagens, nem talvez o próprio ouro, prata, arsênio, nada disso interessa à Hanna. O que lhe interessa realmente é o minério de ferro de alto teor, a hematita compacta, o filé.

E a Hanna possui em abundância formidável. Com seus domínios localizados dentro mesmo do chamado Quadrilátero Ferrífero, numa área de 600 quilômetros quadrados, existem pelo menos TRÊS BILHÕES de toneladas de minério de ferro, ou uma nona parte aproximadamente das reservas de todo o Quadrilátero. A grande vantagem da Hanna: suas posses concentram a melhor parcela de minério com elevado teor ferrífero. Basta lembrar que só o Pico de Itabira tem uma reserva já constatada da ordem de 350 milhões de toneladas, sendo 150 milhões de hematita compacta (teor de 66 a 69% de ferro).

A Hanna se estrutura

Para alcançar sua principal finalidade — a exploração e exportação de minério de ferro — a Hanna constituiu as seguintes companhias:

I — Mineração Morro Velho S. A. — Esta é que é a empresa diretamente encarregada da mina de ouro de Morro Velho. A sua frente foi colocado um testa-de-ferro da Hanna, o político e engenheiro mineiro Fernando de Melo Viana Filho (PSD). Este senhor já tinha determinados interesses ligados à mineração, mas em geral de maneira fictícia. Obteve algumas concessões precisamente para negociá-las, como fez com a Hanna. Era o homem da fantasia agiográfica. Já possuía concessão para a estrada-de-ferro de Itabira a Angra dos Reis, de interesse vital para a Hanna. Está associado a outro político do PSD, Eduardo Lucas, cujo nome não aparece na direção da companhia, mas que é de fato quem manda hoje em Morro Velho.

O capital da Mineração Morro Velho S. A. monta a 1 bilhão e 100 milhões de cruzeiros, mas aqui a Hanna tem uma participação de apenas 275 milhões. É que seu interesse é fechar a Morro Velho e entregar ao Estado brasileiro a sobrecarga pela indenização de mais de 4.000 operários que ainda trabalham na mina (Nova Lima e Raposos). Somente a indenização aos operários, caso fosse liquidada a Morro Velho, está avaliada em 800 milhões de cruzeiros. Foi isto pelo menos que o sindicato dos mineiros de Nova Lima, através de seus advogados, exigiram fosse depositado pela Hanna para garantir uma possível indenização futura.

II — Mineração e Indústria Vale do Paraopeba S. A. — A finalidade desta empresa é garantir à Hanna a propriedade das terras da antiga St. John d'El Rey, com suas enormes reservas de minério de ferro de alto teor e as quedas de água aproveitáveis. O capital é de 1 bilhão de cruzeiros, sendo 50% da Hanna.

Vejamos como neste caso a situação muda radicalmente, em comparação com a empresa nº 1. A posse absoluta da Vale do Paraopeba e da corporação norte-americana. Porque aqui se trata do minério de ferro.

III — Mineração Águas Claras S. A. — Capital de 1 bilhão de cruzeiros, sendo a participação da Hanna de um terço (33,4%). Os dois terços restantes se distribuem entre companhias consumidoras de minério de ferro e equipamentos para transportes dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha Ocidental.

Esta empresa desempenhará, no entanto, um papel de grande importância para a Hanna: deverá produzir cerca de 3 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, explorando jazidas da Vale do Paraopeba S. A., mediante o pagamento do royalty de 1 dólar por tonelada. Este pagamento de royalty pela Hanna (a ela própria!) será uma forma de burlar a legislação brasileira apresentando lucros inferiores àqueles que obteve realmente, assim como o pagamento de impostos.

IV — Companhia Auxiliar de Transportes — O capital desta empresa hanna é também de 1 bilhão de cruzeiros. É através dela que a Hanna pretende construir uma via-férrea própria, bem como um porto próprio, em local que está sendo objeto de estudos.

Assim, a Hanna é um autêntico holding, ou um complexo de empresas entrelaçadas, interdependentes, mas não de tal modo que ela, quando bem lhe convier, possa amputar um dos tentáculos para agir com maior desembaraço.

A Hanna ainda pode ser contida

Em alguns setores, em Minas Gerais, percebi uma atitude de pessimismo, quase de fatalidade, ante a tremenda ofensiva da Hanna para monopolizar a exploração de minério de ferro no Brasil. É este o seu objetivo. Ninguém o nega, e alguns já consideram que o Governo de Juscelino Kubitschek, na sua febre de concessões as mais escandalosas ao capital estrangeiro, abriu todas as portas à poderosa companhia norte-americana.

Tudo indica, porém, que a coisa não será tão fácil à Hanna. Antes de tudo, a batalha contra a Hanna apenas começou. Todos se recordam que a luta em defesa do petróleo, em condições bem mais difíceis, iniciada em 1948, só nos trouxe a Petrobrás cinco anos depois, em 1953. Enquanto a Hanna iniciou há pouco sua ofensiva, num momento em que a opinião pública brasileira está alerta ante as manobras e investidas das monopolistas estrangeiras.

Além disso, ainda que os advogados e testa-de-ferro da Hanna («vsculhem» os gabinetes do Palácio do Governo em Brasília, falta ainda à Hanna o essencial: o título de propriedade das minas que adquiriu à St. John d'El Rey, autorização para explorar o minério de ferro e exportar ela mesma. Esta permissão depende agora, diretamente, do ministro da Agricultura, sr. Barros de Carvalho, representante do PTB no governo Kubitschek.

Assumirá o ministro Barros de Carvalho uma tão grave responsabilidade como seja a concessão pretendida pela Hanna, uma arma apontada contra a Companhia Brasileira Vale do Rio Doce? A opinião pública está vigilante. Vigilante em face à ofensiva desbragada do capital estrangeiro e ante as capitulações dos que traem os interesses nacionais. Vivemos a época anticolonialista da história. Não podemos permitir que os colonizadores, escorregados de outros domínios, venham acalçar-se aqui.

(*) Uma avaliação «real mínima» de que tomei conhecimento, sem possibilidade de confirmação oficial, dá os posses da Hanna o valor de 2 bilhões e 1 milhão de cruzeiros. Isto considerando casas a 140 contos...

CINQUENTA ANOS DEPOIS DO GRANDE FEITO, O HERÓI AINDA É PERSEGUIDO

João Cândido: Marujo Que Acabou Com a Chibata na Marinha

Reportagem de DIÓGENES COSTA FILHO

Um disparo de canhão marcou o final da breve mas feroz luta travada no encouraçado «Minas Gerais», que finalmente caiu em poder da sua tripulação.

Corria a noite de 22 de novembro de 1922. Noite quente, calma, típica noite caiçaca dos primeiros anos do século. A agitação das festas de posse do marechal Hermes da Fonseca como presidente da República já havia cadido lugar a uma rotina de recepções mais íntimas, despedidas das delegações estrangeiras que representaram seus governos nas cerimônias de transmissão do Poder.

No Clube Tijuca, cercado de todo o Ministério, Hermes da Fonseca deliciava-se com a ópera «Tannhäuser», de Wagner.

Empossado há sete dias, após uma campanha em que enfrentara Rui Barbosa, Hermes da Fonseca partiu imediatamente para o Palácio do Catete. Chegou ainda a tempo de ver o telegrafista palaciano receber mensagem transmitida de bordo do «Minas Gerais»:

«Não queremos a volta da chibata, isso pedimos ao presidente da República, ao ministro da Marinha. Queremos respeito já e já. Caso não tenhamos bombardearemos cidades e navios que não se revoltarem. Guarnições Minas, São Paulo e Bahia».

A heroica insubordinação foi provocada pelo tratamento dispensado aos marinheiros da Esquadra Brasileira. Ainda em 1919 adotava-se na Armada os mesmos processos de recrutamento que Lord Cochrane recomendara ao Imperador, ao ser por este encarregado de organizar a Esquadra. Homens eram caçados e presos no interior do país para formar as guarnições dos navios. Arrebanhavam-se chefes de família de mistura com criminosos. Os sorteios eram vergonhosos farsas, dadas se excluindo os rebentos de famílias abastadas. No Norte e Nordeste particularmente, as autoridades provinciais empregavam seus aparelhos policiais na captura de rapazes entre doze e vinte anos, que eram trancafiados às centenas em porões infectos e enviados para a Corte. Dezenas morriam durante a viagem. O tratamento dispensado pela oficialidade nivelava o marujo a bostas de carga. As menores faltas eram punidas com dezenas de chibatadas, aplicadas com cordas umedecidas e atreadas por finíssimas agulhas. Cada navio tinha o seu verdugo, que exercia sua indigna função em frente à guarnição formada no convés e envergando uniforme branco. A pesada carga de indignidades mantinha a marujada em permanente estado de rebeldia contra a oficialidade. As deserções eram rotineiras e motins ocorriam com frequência.

Faltava, entretanto, um exemplo para deflagrar o movimento de protesto e líderes para comandá-lo. O exemplo surgiu com a façanha dos marujos do encouraçado russo «Potemkin», em 1905, que no porto de Odessa se insurgiram contra os maus-tratos e a alimentação ruim. Quanto aos líderes, estes desde muito se encontravam dispersos entre a tripulação, à espera de acontecimentos que lhes mostrassem o caminho a seguir.

Três anos de planejamento

Eis como João Cândido, hoje com cinquenta anos, narra a preparação do revoltão:

Desde 1908 o movimento vinha sendo preparado. Em New Castle, na Inglaterra, onde acompanhávamos a

construção do «Minas Gerais», tomamos conhecimento do levante do «Potemkin». Percebemos que tínhamos de trilhar o mesmo caminho. Nos inteiramos de tudo a respeito, enquanto cada um de nós procurava conhecer o máximo sobre os navios em construção.

Quando em abril de 1910 a imponente belonave, uma das mais poderosas da época, entrou na Guanabara, sua guarnição estava em condições de movimentá-la sem auxílio da oficialidade.

O empenho governamental em dotar o país de uma poderosa e moderna Marinha de Guerra não foi acompanhado por correspondentes providências para melhorar a situação das guarnições.

Foi essa situação que João Cândido e seus companheiros encontraram no Brasil quando o «Minas Gerais» fundeu na Guanabara.

Os sucessos ocorridos por ocasião da viagem do «Bahia», «Tamoio» e «Timbiras», ao Chile, que festejava o Primeiro Centenário da sua Independência, aprofundou o descontentamento da marujada. Durante essa viagem dezenas de marujos foram supliciados e cinco deles desertaram em Buenos Aires. Tal foi o regime a bordo dos navios, que a força foi batizada como «Divisão da Morte».

A narrativa dos maus tratos na «Divisão da Morte» precipitou a eclosão do movimento, que inicialmente fora marcado para o dia 15 de novembro, aniversário da República. Transferido por duas vezes, o movimento eclodiu quando souberam que o marinheiro Marcelino Rodrigues havia sido castigado com 250 chibatadas.

O Comitê Geral marcou o movimento para o dia 22 de novembro, ao toque de silêncio no «Minas Gerais».

Luta rápida

Ao toque de silêncio na gigantesca belonave, vultos precipitaram-se para a ponte de comando. Prenderam nos camarotes os oficiais que se encontravam a bordo e os que resistiram foram mortos a golpes de machadinha.

No «Minas» a luta foi comandada por João Cândido, também chefe supremo do levante. Aos gritos de «Liberdade» e «Abaixo a chibata», homens enfurecidos, envergando rotos uniformes, pés descalços, caíram sobre a oficialidade apavorada. A débil resistência ensaiada por alguns oficiais foi logo dominada pelos amotinados, resultando na morte do comandante Batista das Neves, e de mais três ou quatro oficiais de 1ª e 2ª e encouraçado. No «scout» «Bahia», os marujos Ricardo Freitas e Francisco Dias Martins comandaram o movimento. Morreu o tenente Mário Alves de Sousa. No «São Paulo», da mesma classe do «Minas», o cabo Gregório Nascimento foi o cabeça, enquanto que ao cabo André Avellino, um dos mais ativos conspiradores, coube levantar a guarnição do encouraçado «Deodoro».

Esses homens formavam o Comando Geral da insurreição.

Mais dezena de oficiais e uns vinte marujos, entre amotinados e fiéis à oficialidade, estavam mortos ao fim da rápida luta.

Vitoriosos, João Cândido ordenou que a bandeira vermelha fosse içada nos quatro navios mais poderosos. Mandou também que os demais navios que aderiram à revolução permanecessem fundeados, transferindo parte das suas guarnições para completar as deslocadas tripulações do «Minas», «São Paulo», «Bahia» e «Deodoro».

Foi transmitido, então, o primeiro rádio ao Catete, o ultimatum que deixou o Governo com as calças na mão.

Simpatia pelos revoltosos

Embora acovardados, Hermes da Fonseca e seus ministros ainda tentaram esboçar resistência. Tentaram jogar a opinião pública contra os marujos, divulgando as boatos de que pretendiam bombardear a cidade. Esse recurso complicou a situação, provocando pânico na cidade e dando início à fuga para o interior. Impotente, sem meios, para resistir aos bravos sublevados, o Governo foi obrigado a parlamentar com os marujos amotinados. Essa prova de fraqueza aumentou a simpatia popular pela marujada. Os jornais, velada ou abertamente, tomaram o partido dos humildes homens do mar.

O deputado federal José Carlos de Carvalho, também comandante da Marinha, foi designado pelo senador Pinheiro Machado para parlamentar com João Cândido. Ao voltar da sua missão, no «Minas Gerais», pronunciou um discurso na Câmara de amplas elogios aos rebeldes e integral reconhecimento quanto a justiça da causa que defendiam. Foi repudiado pelos seus colegas de arma por ter apertado as mãos de um negro que matou o comandante Batista das Neves.

Finalmente, o Governo curvou-se às imposições dos rebeldes. Proibiu os castigos corporais na Armada, mandou dar urgência ao projeto aumentando o soldo dos militares e, finalmente, sancionou a anistia votada pelo Congresso em tempo recorde.

No curso dos entendimentos, manifestou-se a ação dos interessados em agravar a situação. Os poderosos da época, alarmados pela repercussão que a pregação civilista de Rui Barbosa tivera no seio das massas, durante a campanha eleitoral, viram na rebelião um pretexto para um regime de exceção que lhes garantisse os privilégios periclitantes. Esgriam com argumentos formalísticos, alegavam que o Congresso não podia decidir sob coação. Pinheiro Machado, com a forte influência que exercia sobre Hermes da Fonseca, encabeçava o grupo dos que defendiam a «soberania» do Parlamento.

Finalmente, no dia 26 de novembro, lódas as reivindicações da marujada foram satisfeitas e os barcos sublevados devolvidos ao Governo. João Cândido, transformado em herói nacional, transmitiu o comando com lóda a pompa. Mandou arriar as bandeiras vermelhas, retirou do pescoço o lenço vermelho, símbolo da sua autoridade revolucionária, e com a guarnição formada no convés do «Minas Gerais», ordenou que fosse tocado o Hino Brasileiro, cantado pelos marujos com grande entusiasmo.

Traição e provocação

Dois dias após a entrega da esquadra, Hermes da Fonseca assinou decreto determinando a expulsão sumária dos marinheiros que fossem considerados navios à disciplina. Percebendo o alcance da medida, alguns dos marujos rebeldes fugiram.

João Cândido, ingenuamente, pretendia confiar na palavra oficial. Uma provocação armada com os requintes de perversidade estourou no dia 10 de dezembro do mesmo ano. Fizaram divulgar no Batalhão Naval que, à noite desse dia, o Exército atacaria a Ilha das Cobias, sede dessa Corporação. Os marujos e fuzileiros navais dominaram o quartel, tomando armas para de-

fender-se. O Governo ordenou que todas as peças do Exército e dos navios de guerra fossem assediadas sobre a ilha. Depois de algumas horas de bombardeio a ilha era um inferno de chamas. Dezenas de mortos. Os que tentavam fugir eram fuzilados. O massacre indignou a cidade: todos sabiam que para dominar os supostos amotinados bastava cortar o fornecimento de água à ilha. O Governo, entretanto, queria o Estado de Sítio, e precisava de acontecimentos graves para solicitar a medida. O senador Alencastro Guimarães, sempre a família Alencastro Guimarães) foi quem apresentou o requerimento liberticida. Com exceção de Rui Barbosa, todos os senadores votaram com o Governo.

Ato contínuo, foram presos todos os marujos implicados na rebelião de 22 de novembro. Dezenas de marinheiros e fuzileiros navais foram recolhidos a uma cela cavada na rocha, na Ilha das Cobias, sem ar e luz. Lançaram na manobra medievale uma solução de água sal. Quando a água evaporou, a cal passou a ser absorvida por dezenas de pulmões. Em menos de dez horas os homens jaziam mortos. Somente João Cândido escapou.

Continuaram as medidas para liquidar com todos os rebeldes. Policiais varejavam clubes, residências e sociedades literárias, para prender soldados, marinheiros e trabalhadores. As mais horripilantes torturas foram aplicadas para arrancar «confissões». A noite de Natal daquele mesmo ano, deixou o porto do Rio o navio «Satélite», do Lóde Brasileiro. Nos seus porões, algumas centenas de criminosos, prostitutas e marinheiros rebeldes. O barco se destinava à Amazônia. Durante a viagem, alguns marinheiros, misturados aos presos, simularam uma revolta. Tinham sido ali colocados pela polícia, para armar a provocação. Três oficiais do Exército, os tenentes Francisco Melo, João da Silva Leal (atualmente líder da UDN no Ceará) e Libânio Augusto da Cunha Matos eram os responsáveis pela carga humana. Sufocaram a «rebelião» e castigaram os homens fuzilados sumariamente e jogando seus corpos, com mãos e pés amarrados, ao mar.

Sobram alguns dezenas, que as moléstias resultantes dos castigos foram dizimando implacavelmente.

Para João Cândido, o mais odiado líder da rebelião da Marinha, reservou-se tratamento especial. Expulso da Marinha, teve seu nome apagado de todos os registros. Através de pressões de lóda ordem forçavam sua demissão das empresas que arranjava. Acabaram por lançá-lo no hospício, como louco.

Herói «ignorado»

Reconhecendo o alcance do movimento encabeçado por João Cândido, os governos da Inglaterra e Argentina ofereceram-lhe asilo. Sanz Peña pretendeu incorporá-la à Armada argentina. O povo plantino se empenhou numa campanha para atribuir ao marujo brasileiro a nacionalidade argentina, como tendo nascido em Corrientes. João Cândido recusou todos esses privilégios. Preferiu enfrentar o ódio da casta que governava o país.

No último dia 22, transcorreu o cinqüentenário da gloriosa insurreição. A imprensa e o Governo primaram pelo silêncio em torno da data. Para alguns, João Cândido jamais será um herói. Mesmo depois de morto seu nome continuará ligado a adjetivos insultuosos e aviltantes.

Furacão Cubano Atinge Parlamento Brasileiro

O assunto Cuba ocupou a atenção da Câmara nos últimos dias. Mais de uma dezena de deputados participou dos debates. De um lado, os amigos de Cuba, que existem em todas as bancadas e são das mais diversas tendências, defendendo a revolução de Fidel Castro, principalmente as suas medidas anti-imperialistas. De outro lado, os inimigos da revolução, um grupo homogêneo reacionário, liderado pelos padres Vidigal e Medeiros Neto.

O principal alvo de ataque dos que se pronunciaram a favor de Cuba foi a política do governo brasileiro, em tudo e por tudo subserviente ao Departamento de Estado e às suas medidas provocativas tomadas ultimamente contra o povo cubano. O deputado Losacco, por exemplo, depois de condenar a última façanha do Itamarati, que mandou apreender publicações chegadas de Cuba, disse o seguinte: «Estamos certos de expressar o sentimento da maioria esmagadora do povo brasileiro, que não concorda com o Itamarati e muito menos com a sua subserviência ao Departamento de Estado norte-americano, mas que, ao contrário, quer aumentar os laços de amizade que o ligam a Cuba e deseja aprender com a rica experiência da Revolução cubana».

As liberdades, ponto de controvérsia

No intuito de confundir a opinião dos democratas, os inimigos da revolução cubana atacam-na dizendo que ela aboliu as liberdades de imprensa e de cátedra. Também na Câmara foi invocado este argumento. Era o grande trufo com que pensavam contar os padres Vidigal e Medeiros Neto para levantar o ânimo dos parlamentares contra o governo cubano. Pensavam, dessa maneira ganhar para a sua causa, a causa do Departamento de Estado, os que ainda vacilam e têm dificuldade, por uma ou outra razão, de ver que os interesses do Brasil situam-se do lado da obra anti-imperialista liderada por Fidel Castro. O deputado Nestor Duarte, que não é nem comunista nem esquerdista, entrando no debate, em apoio ao discurso que então pronunciava Salvador Losacco e contra as invectivas do padre Vidigal colocou a questão das liberdades em Cuba nos seus devidos termos: «... Cuba é uma revolução e como revolução ela deve conter as grandezas e as

impurezas próprias de uma revolução. Como revolução é um instrumento de progresso... e é nesse sentido, como um processo revolucionário que afirma e implique ser um tremendo e admirável esforço de renovação, de progresso da nação cubana, que devemos olhar o governo de Cuba, ou a atuação, neste instante, de Fidel Castro, como uma mensagem digna de nosso apreço, digna, sobretudo, de nossa curiosidade, pois os povos estão em revolução e é através das grandes revoluções, como se espera seja a de Cuba, que eles poderão, principalmente no caso da América, realizar o seu progresso e a sua economia».

Celso Brant, do PSD, procurando igualmente conduzir a discussão sobre a existência ou não de liberdade em Cuba, demonstrou que aquilo que se aponta como ataque da revolução à liberdade não é outra coisa senão a luta dos cubanos pela sobrevivência, afirmando conclusivamente que o maior inimigo da revolução cubana não é a situação difícil da ilha decorrente naturalmente da exploração por tanto tempo dos Estados Unidos, mas a luta dos Estados Unidos contra tudo que Cuba quer fazer».

Assim foram desfeitas, uma a uma, as divagações abstratas sobre a liberdade, que é matreiramente invocada, não quando está em jogo o direito dos povos de dispor dos seus próprios destinos, mas quando as regalias dos trustes e monopólios imperialistas são liquidadas, quando os exploradores são vigiados de perto pelas massas trabalhadoras, organizadas e armadas pela revolução.

Omissão e convicção do nosso governo

O deputado carioca Lycio Hauer deu, mais uma vez, mostra de sua combatividade e fidelidade aos seus eleitores: foi à tribuna para combater a política do Governo brasileiro em face à ameaça de intervenção norte-americana em Cuba. Alertando a opinião pública sobre a subordinação de nossa política exterior ao Departamento de Estado, disse que «não podemos deixar de protestar diante da posição omissa, quando não conivente, tomada pelos responsáveis por nossa política exterior, que parecem muito mais interessados em não receber reprimendas do Departamento de Estado do que em respeitar os princípios que eles mesmos declaram de-

fender na Operação Pan-Americana». E depois de mostrar que não é casual a política do governo brasileiro, mas que faz parte da mesma política que defende praticamente sozinho na ONU o colonialismo português na África, cento e trinta anos depois que nós mesmos proclamamos a nossa independência, concluiu afirmando já ser tempo de o povo brasileiro assistir à execução, de uma inequívoca e legítima solidariedade a todos os povos que lutam por construir ou consolidar sua independência expressa nos atos do seu Governo».

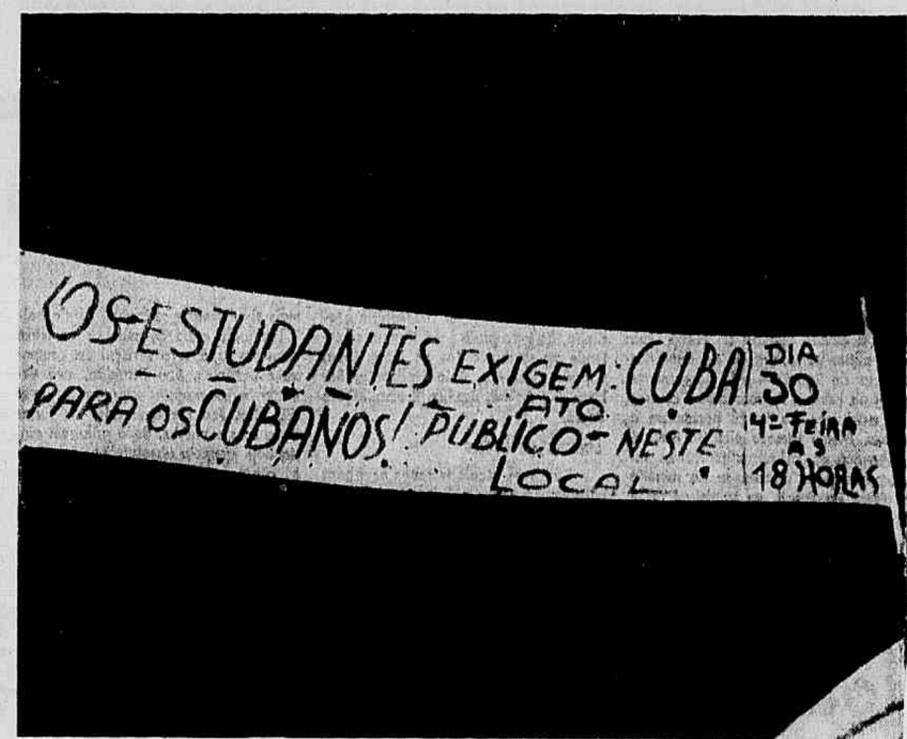
Participaram ainda dos debates, a favor de Cuba, os deputados Campos Vergal, Fernando Santana, Josué de Castro e Ferro Costa. Sabe-se, além disso, que dois manifestos de apoio à obra da Revolução cubana estão para ser lidos na Câmara, nos próximos dias, um de autoria de Josué de Castro, outro de Barbosa Lima Sobrinho, já contando ambos com grande número de assinaturas.

O furacão cubano começa a agitar o nosso Parlamento.

COMISSÃO DE SOLIDARIEDADE A CUBA LANÇA MANIFESTO: ESTADO DO RIO

Está sendo distribuído em todo o Estado do Rio o manifesto assinado pela Comissão Fluminense Provisória de Solidariedade a Cuba. Diz, entre outras coisas, o manifesto:

«As posições do governo revolucionário cubano contra os interesses dos grandes trustes que impedem o progresso de seu país atraíram o ódio do aparelho estatal norte-



O povo atendeu ao anúncio

Na praça das barcas, na noite de 30, milhares de niteroienses reuniram-se, atendendo ao apelo de estudantes e líderes sindicais, para manifestar sua solidariedade ao povo cubano que luta contra o imperialismo norte-americano e constrói uma nova vida, de progresso e soberania nacionais. A solidariedade a Cuba movimentou hoje toda a América Latina.

JARDIM BOTÂNICO APÓIA CUBA: 774 ASSINATURAS

-americano que, em consequência, vem intervindo economicamente contra as conquistas do povo de Cuba e ameaçando, inclusive, com a agressão militar. Para tal objetivo contam os E.U.A. com o apoio de todos os governos latino-americanos...»

O manifesto finaliza conclamando o povo a manifestar a sua solidariedade à causa de Fidel Castro.

Por iniciativa do «Conselho Nacionalista 7 de Setembro» foram colhidas 774 assinaturas de pessoas que residem ou trabalham na Zona Sul, particularmente no Jardim Botânico, num manifesto de solidariedade ao povo cubano, face à campanha de calúnias e agressões do imperialismo norte-americano contra a Revolução Cubana. O «Conselho Nacionalista» continua co-

lhendo assinaturas e deverá realizar também outros atos de solidariedade, como comícios, projeção de filmes, etc. Cópias dos abaixo-assinados foram entregues à embaixada de Cuba em nosso país, ao deputado federal Josué de Castro e ao deputado estadual Guilherme Maltaliquas para que dessem conhecimento às duas assembleias.

AS CANÇÕES DA NOVA CHINA FALAM QUE O FUTURO É DA CRIANÇA

"E Para Nós Que os Camponeses Plantam as Sementes"

Reportagem de ANA MONTENEGRO

CUBA: Ato Público em São João do Meriti

No dia 27 de novembro foi realizado, no salão da Câmara municipal de Meriti, um ato público de solidariedade à Revolução Cubana, que contou com a participação da UNE e da UBES, representadas pelos seus respectivos presidentes, e de organizações locais, inclusive da Igreja Batista.

A sessão foi presidida pelo sr. José Santos, presidente da Comis-

são Organizadora. Falaram, entre outros oradores, Jarbas Santana (UBES) e Oliveira Guanais, presidente da União Nacional dos Estudantes. A Comissão Organizadora comunicou também que, a pedido da assembleia, enviaria um protesto ao presidente da República, reclamando contra a atividade do agente da Esso infiltrado na Petrobrás, Mr. Walter Link.

APOIO A CUBA NA ASSEMBLÉIA DO ESTADO DO RIO

O deputado estadual Adolfo Oliveira coiceou sob o fogo de sua crítica a política do governo brasileiro em relação a Cuba, mostrando o perigo a que ele se expõe por não ter uma atitude clara diante da luta de emancipação que estão travando os povos explorados pelo imperialismo. E passando, em seguida, do discutido tema da liberdade, afirmou enfaticamente: «A primeira liberdade deve ser a econômica. Nada adianta ao miserável, aquele

representante da categoria a mais infima da sociedade, dizer que tem o direito à liberdade de opinião, à liberdade de culto, se não tem a liberdade de viver e de manter a vida de sua família». E foi nessa mesma linha de raciocínio que concluiu: «O principal escopo de quantos são cristãos, por atos e por palavras, é o de dar ao povo cubano o direito de se reger e de se libertar da tutela econômica».

VEREADORES GAÚCHOS NA LUTA EM DEFESA DE CUBA

A medida que aumentam as ameaças de intervenção em Cuba, cresce, paralelamente, a solidariedade ao heróico povo irmão. Prova disto é o manifesto aparecido em Porto Alegre, assinado por deputados estaduais e vereadores da capital gaúcha. O documento, após assinalar o perigo que paira atualmente sobre Cuba, ameaçada de intervenção, apela para todo o povo brasileiro no sentido de defender o sagrado princípio de que cada

povo é o senhor absoluto de seus destinos».

Assinam o manifesto os deputados Guilherme do Valle, José, Velho, Milton Rosa, Pedro Tessis Gonzales, Meab Caldas, Adalmo Moura e outros, que integram na Assembleia estadual as bancadas de vários partidos. Geraldo Stedile, José Cesar Mesquita, Célio Marques Fernandes e outros vereadores de Porto Alegre também firmaram o documento.

Estou certa de que nos países socialistas existe, realmente, a preocupação diária e permanente de dar assistência à criança, sob todos os aspectos. Já tínhamos visto, em Praga, o carinho com que são tratadas: as crianças tchecas, com as suas roupas de renda e os seus laços de fita, parecem bonecas! Na URSS, as creches causam admiração pelo conforto e até luxo com que as crianças são cercadas. Na China, é a mesma preocupação pelas crianças, através de uma assistência médica continuada, desde que nascem até os 14 anos: através de uma assistência cultural que lhes acompanha todos os passos, desde as creches e jardins-de-infância até as escolas de grau mais elevado. Uma professora primária, em Changai, diretora de uma escola imensa que abriga 1.481 alunos, nos dizia: «Antes da libertação, a causa do ensino estava somente em palavras». De modo geral, a causa das crianças, no lado em que vivemos, está somente em palavras. Na nova China, porém, está no sorriso daqueles milhões de crianças vestidas e calçadas modestamente, e muito bem alimentadas, que nos chamavam de «tios» do Brasil. Alguns números servirão para ilustrar esses cuidados e a preocupação em cercar de bem-estar as crianças, uma preocupação muito comovente, que é o centro de todas as atividades sociais e que está presente até nas cantigas infantis:

«E para nós que os camponeses plantam as sementes...»

Diminuiu a mortalidade infantil

Uns poucos números, apenas, porque seria muito longo enumerar todos, servirão de argumento para mostrar que, ao número de pessoas, correspondem as organizações necessárias para atender às crianças. Essas organizações estão espalhadas por todo o imenso território chinês, sem diferenças entre o campo e a cidade.

Num conjunto residencial que visitamos, localizado numa cidade industrial, encontramos para 18.000 famílias, com 92.000 pessoas, os seguintes estabelecimentos: 96 creches, 5 jardins-de-infância grandes

e 30 pequenos. Também, numa Comunidade Popular do campo, a «Bandeira Vermelha», para 17.380 famílias, com um total de 84.310 moradores, existem: 4 escolas secundárias, 10 escolas primárias, 32 creches e jardins-de-infância grandes e mais 83 creches e jardins-de-infância com pequena capacidade. Na Comunidade Popular «Luz Clara», onde vivem 28.000 famílias, existem 70 creches e 30 jardins-de-infância. Os médicos da cidade fazem cursos especiais e se transportam para o campo, onde ensinam as mães a cuidar das crianças, no sentido da alimentação e dos cuidados higiênicos. Não há nenhuma limitação na proteção às crianças do campo. Todas as crianças são filhas da República Popular da China, mais nas maiores cidades ou nos mais distantes recantos do interior do país. Mesmo o tratamento pré-natal se estende ao campo, onde as mulheres têm os mesmos direitos de repouso e remuneração das que trabalham em quaisquer outras atividades.

A mortalidade infantil está sendo combatida com a elevação do nível de vida e com os cuidados profiláticos, num trabalho paciente de casa em casa, feito por médicos e enfermeiras dos hospitais distritais e dos centros de saúde pública. Em Pequim, em 1949, a mortalidade infantil era de 200 em 1.000 crianças, mas em 1959 esse índice tinha descido para 35 em 1.000.

Em todos os hospitais de Pequim, antes da revolução, só havia 100 leitos para crianças; hoje, só no Hospital Municipal, existem 600 leitos.

Não existe uma criança sem estudar

Um capítulo especial de nossas observações deve ser dedicado à escola primária, que é a instituição básica da educação de um povo. Na China, não se deve perguntar se o número de vagas nas escolas primárias atende toda a população infantil, em idade escolar. A pergunta causa estranheza, porque não se admite a possibilidade de uma criança fora da escola. O aprendizado é difícil, pois é feito no alfabeto chinês e no alfabeto latino, mas

todos estão aprendendo a ler. Anteriormente, na frequência escolar, eram registrados, apenas, 5% de filhos de operários, hoje essa frequência é de 91%, mostrando, assim, que a escola primária é uma instituição verdadeiramente popular.

Numa escola primária, as crianças não aprendem somente a ler. Têm atividades artísticas, esportivas, científicas e técnicas. Geralmente, há dois expedientes, e quando não é assim, as casas de pioneiros, onde os escolares podem aprender qualquer arte ou ofício, completam o expediente escolar. Não há crianças desocupadas na China. Ao lado do programa de rotina — linguagem, matemática, história, geografia, belas artes, ciências naturais e canto — há salas de leitura, locais para pequenas experiências, bibliotecas, etc. A biblioteca de qualquer escola é franqueada a todas as crianças do bairro. A escola é uma constante na vida da criança, é parte da organização social. Há escolas como cogumelos. Nos conjuntos residenciais. Nas Comunidades Populares do campo e da cidade. Nos bairros. Nos distritos. Em cada rua.

Todos pensam em servir a população infantil

Além dessa assistência médica e cultural, decorrente das novas condições de vida, que inclui trabalho para todos, melhor alimentação e melhor habitação, frequência aos teatros e acesso a todas as fontes de conhecimento, muitos aspectos da vida social do povo chinês mostram que as crianças não se dá, apenas, a vida para viver, mas uma vida nova e feliz.

Todos nos admirávamos de como os brinquedos eram baratos! E eles nos explicavam, com toda a paciência, que isso permitia às crianças possuírem brinquedos, por menor que fosse a renda da família. A preocupação pelas crianças vai ao extremo de pensar em suas bonecas e em seus carrinhos de cortia.

As crianças podem acompanhar os pais a qualquer diversão, mesmo à noite. Não há espetáculos do chamado gênero impróprio, por isso não há censura. Todas as portas

estão abertas às crianças. Vimos no museu do Palácio Imperial, onde antigamente só entravam os altos dignitários da corte, numa sala onde bem poderia ser o «boudoir» da última imperatriz, caminhos de grades para o repouso das crianças. E no parque daquele palácio, construído em 1651, uma imensa fila de carros de conduzir bebês, à disposição das mães, para que passem suas crianças pelas extensas alamedas. Pelo rio Yuntzin, que corta o parque, os escolares passeiam em barcos imensos, em programas diários de recreação.

Os médicos saem de casa em casa vacinando as crianças. O período de amamentação é rigorosamente protegido pelas administrações das fábricas, e quando as crianças estão internadas nos hospitais as mães são dispensadas do trabalho, sem perder o salário, para amamentá-las. Nunca vimos uma criança abandonada, sozinho, num leito de hospital. Quando as mães não estão presentes, há, sempre, uma enfermeira para assisti-la. Os médicos carregam as crianças no colo e lhes mudam as fraldas, com uma carinhosa modéstia. Há, sempre, várias crianças no colo dos médicos e enfermeiras. E ouvimos a explicação: «É muito cansativo para uma criança passar o dia inteiro deitada. Elas precisam de carinho!» E aqueles rapazes, estudantes de medicina, não tinham nenhum acanhamento, mesmo diante de estrangeiros, de carregar nos braços os pequenos enfermos. Nas maternidades, há dezenas de enfermeiras cuidando dos recém-nascidos.

Esses cuidados com a infância nos fazem entender todo o amor da juventude chinesa pelo passado e o presente da revolução. Os jovens de hoje aprenderam as suas cantigas das bocas dos soldados vermelhos, que sabem carregar fuzis nos ombros e sabem carregar crianças nos braços. As crianças chinesas, apesar dos problemas ainda existentes, se criam aprendendo que todos trabalham para que as rosas e o trigo produzido pelo socialismo lhes pertençam, para garantir e embelezar o futuro dos filhos dos trabalhadores, sem discriminações:

«E para nós que os camponeses plantam as sementes»

Bulgária, País Das Rosas

SINVAL PALMEIRA
Sofia — Outubro de 1960

Sem desmerecer as belezas de Portugal, o verso do «D. Jaime» — Jardim d'Europa á beira mar plantado — cabe por inteiro á Bulgária. Rosas por toda parte. Nas ruas de Sofia, de Plovdiv, de Timovo. Nas costas do Mar Negro. Rosas cuja essência perfuma a Europa. Chegamos a Sofia para o Congresso da Associação Internacional de Juristas Democratas. Quase quatrocentos juristas, de quarenta e sete países, marcamos encontro na bela cidade balcânica, velha de milênios, mas renovada e festiva, em meio às marcas de sua história gloriosa.

A delegação brasileira, presidida pelo desembargador Aguiar Dias, participou ativamente do Congresso e valorizou as delícias de seu «sejour» balcânico, no calor de fraternal hospitalidade.

Terminado o Congresso, a Associação Búlgara de Juristas nos levou, por cinco dias, a percorrer o país, em confortáveis ônibus, sempre assistidos por diversos colegas do país. O guia de nosso ônibus era o advogado da Sofia, Alexandre Bolsov, que falava excelente francês e parecia um velho companheiro de longa viagem. Dêse jovem colega, guarda a melhor impressão. Não é comunista e tenho, para mim, que provém de família burguesa. Falou-me de seu país, de suas transformações, satisfeito com a nossa curiosidade, como um homem livre e tranquilo, num país igualmente livre. Deixou claro que a Bulgária se transforma criando uma vida melhor para todos, sem ocultar dificuldades ainda existentes e naturais descontentamentos. A vida atual, se comparada à anterior à revolução, é, no entanto, bem promissora.

País pobre, de pequenas agriculturas, cinco séculos sob feroz jugo turco, a Bulgária conservou nas montanhas seu sentimento nacional, lutando incansavelmente para expulsar o invasor, o que logrou em 1878, com a ajuda russa. Estava no destino dos búlgaros serem duas vezes libertados pelos russos: a primeira, do jugo secular dos turcos e depois, em 1944, do nazismo hitlerista. A estima dos russos pelos búlgaros se justifica na semelhança das línguas, mas, sobretudo, na história.

A cordilheira dos Balcãs ocupa sessenta por cento do país e é o grande herói legendário. Tema de canções e poemas, ali se conservou a nacionalidade e ali se reuniram os guerrilheiros da independência búlgara em todos os tempos. Povo de origem nos trácios, representa uma mistura de raças, slavs, gregos, romanos, cada um dos povos com jinais evidentes de sua presença. Assim é que a bela cidade de Klodiv, fundada pelos trácios, veio a ser a Filipolis, de Felipe da Macedônia, e Varna, o grande centro urbano do Mar Negro,

sede da Academia Naval, também de Pericles. As marcas da cultura helênica se misturam à beleza do paisagem meridional.

O Mar Negro é na Bulgária uma atração turística, com magníficas hotéis construídos pelo governo popular, particularmente na «Costa do Sol» e nas «Arelas de Ouro», formando a magnífica Riviera búlgara. Em «Costa do Sol» encontramos repetido, no mundo socialista, o fenômeno Brasília; uma cidade completa, com trinta e oito hotéis, restaurantes, lojas construída em pouco mais de dois anos, onde antes não havia além do mar e das praias desérticas. Se a Bulgária desenvolver inteligente propaganda de suas belezas naturais, de seu clima maravilhoso, se suas fontes termais e de seus balneários pode ter no turismo uma grande riqueza, como a Itália ou a Suíça. Segundo me informou o colega Kerisov, o visa de turismo é concedida até na fronteira, sem qualquer formalidade. Isso desmoraliza o mito da «Cintura de Ferro». Creio, no entanto, que os búlgaros devem cogitar de maiores facilidades cambiais, visando o turismo.

A ideia que nos fica dessa estada nos Balcãs é de um país saído de atraso e da opressão, para uma vida sóbria, mais segura e sempre em transformação para melhor.

O problema da terra teve aqui solução fácil, pela inexistência do latifúndio. A dominação turca impediu a formação de uma aristocracia rural búlgara, assim como de uma poderosa burguesia urbana. A média das propriedades agrícolas era de três ou quatro hectares, o que facilitou a organização dos lavradores em Cooperativas, nas quais conservam a propriedade da terra, que transmitem aos herdeiros. O Estado socialista búlgaro vai-se, deste modo, edificando com tranquilidade, muito embora com naturais sacrifícios.

O povo búlgaro nos deixa a impressão de muita alegria. Gente descontraída, sem medo do futuro nem de autoridade. Não há ninguém preso senão em consequência de processo penal, contraditório e democrático. Das vinte e cinco prisões que haviam no país depois da queda de fascismo, restam sete. Sinal de decréscimo da criminalidade.

Esso é, em linhas gerais, de uma correspondência aérea, a Bulgária das rosas e das canções, dos parques e das areias de ouro. Terra do melhor lagurte do mundo, fonte de longevidade e tão do gosto do nosso amigo Francisco Julião. Bulgária de Juristas, com mil e duzentos advogados em Sofia, para meios de seiscentos mil habitantes. Bulgária de Dimitroff, que dorme no seu mausoléu de mármore no coração de Sofia e no coração de seu povo.

Declaração Dos Partidos Comunistas e Operários da América Latina e Espanha

«Os representantes dos Partidos Comunistas e Operários da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Jamaica, Martinica, México, Nicarágua, Peru, Porto Rico, Uruguai, Venezuela e Espanha, reuniram-se em conferência para examinar alguns problemas

comuns ao movimento operário democrático e antiimperialista dos referidos países. Como resultado deste exame, os partidos reunidos resolveram denunciar novamente a natureza e a política do regime franquista, que oprime há mais de vinte anos o povo espanhol, submetendo-o a brutais repressões e tortu-

ras e convertendo seu território numa base ianque. Resolveram denunciar igualmente a atividade desenvolvida pelos elementos franquistas nos países da América Latina como instrumentos de dominação do imperialismo norte-americano, como o demonstram numerosos fatos, entre os quais cabe citar, por serem mais recentes, a provocação do embaixador Lojendio e a atitude de uma parte do clero espanhol em Cuba e a tentativa fracassada de organizar uma legião de mercenários a serviço de Trujillo.

A chamada política da hispanidade, propagada pela ditadura de Franco, que procura reanimar o fantasma do velho império espanhol, liquidado para sempre na América de língua espanhola pela luta emancipadora de seus povos, se transformou de fato, em nossos dias, num instrumento de imperialismo norte-americano. Os povos da América Latina condenam e repudiam a política de hispanidade, à qual se opõe também o povo espanhol. O povo espanhol, que fundiu seu sangue e seu espírito com os povos da América Latina, sempre rechaçou e rechaçará esta política como contrária a seus sentimentos e interesses e defende um autêntico entendimento, uma autêntica amizade, uma fraternal compreensão com esses povos. Esta é sua aspiração atual em relação a esta questão. Esta será sua realidade amanhã quando, derrotada a ditadura, recobrar, com a independência nacional, seus destinos próprios. Uma Espanha democrática será, no futuro próximo, a melhor garantia de uma cabal identificação dos objetivos dos povos latino-americanos e do povo espanhol na luta contra o imperialismo norte-americano.

Esta luta apresenta muitos pontos coincidentes. Enquanto os povos da América Latina sofrem o estrangulamento econômico, político e, em alguns casos, militar dos imperialistas ianques, na Espanha este mesmo não subjuga e explora e cria bases de guerra, bases atômicas que ameaçam a própria existência do país, e apresenta com dadas econômicas a ditadura fascista. Por conseguinte, os Partidos reunidos nesta Conferência consideram necessário incrementar o apoio à luta do povo espanhol que, por sua vez e re-

ciprocamente, fortalecerá a dos povos latino-americanos contra o imperialismo ianque, a começar pela que é travada tão heróicamente pelo povo de Cuba no curso de sua revolução popular. Dirigimos um caloroso apelo a nossos povos, em primeiro lugar à classe operária, aos camponeses, aos intelectuais, aos estudantes, a todos os homens honestos e revolucionários, para que desenvolvam um movimento de solidariedade cada vez maior à luta do povo espanhol.

Na luta crescente que o povo espanhol sustenta, como a dos povos latino-americanos, faz parte da luta pela paz e a coexistência pacífica encabeçada pela URSS e os demais países do campo socialista. Hoje é possível fazer triunfar esta luta se os povos permanecerem unidos. Hoje é possível continuar derrotando os planos vorazes do imperialismo, se soubermos unificar nossas forças e conduzi-las sem vacilação no combate. Com a liberdade de Espanha se produzirá uma mudança considerável na situação política de Europa, mudança que sem dúvida influirá profundamente na América Latina.

Ampliemos e aprofundemos, pois, nossa solidariedade ao povo espanhol. Ajudemo-lo a reorganizar seus pretos e exilados políticos que há muitos anos lutam para se incorporar à vida nacional. Contribuamos para que desapareça, enfim, da realidade espanhola e sinistra figura de Franco, último e vergonhoso vestígio do fascismo na Europa.

Partido Comunista da Argentina, Partido Comunista do Uruguai, Partido Comunista do Brasil, Partido Comunista de Chile, Partido Comunista da Colômbia, Partido Vanguarda Popular da Costa Rica, Partido Socialista Popular de Cuba, Partido Comunista do Equador, Partido Guatemalteco do Trabalho, Partido Comunista da Martinica, Partido Comunista da México, Partido Socialista Popular da Nicarágua, Partido do Povo Panamenho, Partido Comunista do Peru, Partido Comunista de Porto Rico, Partido Comunista do Uruguai, Partido Comunista da Venezuela, Movimento pela Libertação da Jamaica, Partido Comunista da Espanha.

Setembro de 1960.



La Pasionaria comanda

«Cresce em toda a Espanha o descontentamento popular contra a ditadura franquista, e sucedem-se as lutas dos trabalhadores e do povo pela liberdade. A frente dessas lutas encontra-se o Partido Comunista,

O «DESASTRE» DO PROF. GUERREIRO RAMOS (I)

A Verdadeira Derrota

RENATO GUIMARÃES

Numa série de artigos publicados em «Última Hora» (1), o prof. Guerreiro Ramos vem procurando assumir uma posição de teórico e líder de um movimento de «reformulação» da conduta do que ele chama de «as esquerdas» no Brasil, ou seja, as diversas correntes e forças políticas que, neste momento, integram o setor popular e democrático do movimento nacionalista. Tal reformulação visa a dar ideologia e organização próprias aquelas correntes e forças diversas, de modo a que possam libertar-se do «controle» que, segundo o sr. Guerreiro Ramos, o Partido Comunista do Brasil estaria exercendo sobre elas.

As opiniões do erudito professor podem ser resumidas em poucas linhas. Partindo da premissa de que o pleito de 3 de outubro foi um «desastre» para os nacionalistas, ele atribui a responsabilidade pela catástrofe ao que chama de um «aparélho» que teria assumido o controle do movimento nacionalista. Este aparelho teria «imposto» a candidatura Lott ao conjunto dos nacionalistas. Mesmo aqueles nacionalistas mais lúcidos que, diz ele, eram «contra a candidatura Lott, justamente por não lhe reconhecer consistência do ponto de vista político e ideológico», tiveram de aderir, embora «contrateitos», à marcha para o desastre.

Numa segunda etapa, o sr. Guerreiro Ramos abandona as meias palavras, e diz claramente o que entende por seu «aparélho»: é o PCB. Depois de aproveitar uma brecha para repetir a velha estultícia de que os comunistas «obedecem a diretrizes soviéticas», ele recomenda «às esquerdas» que fujam à liderança comunista. Por fim, sugere que a direção do movimento nacionalista e democrático seja assumida por um PTB renovado, livre das «doenças infantis» que prejudicam a ação desse partido, atualmente.

Essas opiniões e especulações do sr. Guerreiro Ramos merecem, a nosso

ver, um exame cuidadoso e uma refutação enérgica por parte dos comunistas. Por um lado, porque são veiculadas por certos que, embora desgostados por certas atitudes infelizes que tomou, ultimamente, dispõe de algum prestígio em determinados setores da intelectualidade nacionalista. Por outro lado, porque refletem uma tendência ao aguçamento que se manifesta, em seguida ao pleito de 3 de outubro, na luta interna sempre inevitável entre as diversas forças que formam a frente única nacionalista e democrática.

Procuraremos mostrar, em um segundo artigo, além do caráter falso das conclusões a que chegou o sr. Guerreiro Ramos, a sua vinculação com o interesse da burguesia em colocar sob sua influência e orientação o movimento operário. Por hoje, queremos fixar-nos apenas nas premissas daquelas conclusões: a «imposição», e o «desastre».

Dizer que o PCB, por ser «a única organização partidária de esquerda no Brasil que dispõe de imprensa e quadros de militantes organizados e disciplinados», conseguiu impor a candidatura Lott, não apenas à «esquerda restante», mas a todo um poderoso esquema de forças partidárias, representadas, desde logo, para quem se apresenta como sociólogo, uma verdadeira extravagância. E julgar a história do ponto de vista do mais mediocre idealista; é ignorar todo o conjunto de condições objetivas das quais depende o desenrolar de um pleito tão importante como o que acabamos de assistir em nosso país, e entre as quais a atuação dos comunistas desempenhou um papel sem dúvida importante, mas longe de ser onipotente.

E, antes de tudo, contrariar a verdade dos fatos. Os comunistas não escolheram a candidatura Lott, nem foram os primeiros a apoiá-la. De certa maneira, ela lhes foi «imposta», tanto quanto a outros setores da frente única

nacionalista e democrática. Mas, foi imposta, isto sim, pela força das condições objetivas, pelos argumentos da realidade.

Os comunistas deram seu apoio à candidatura Lott quando ficou claro que o nome do marechal era o único susceptível de unir os diversos setores do movimento nacionalista, e, além disso, disputar o apoio dos partidos ditos situacionistas. Mas do que qualquer outra corrente democrática, linhados, os comunistas, razões para repelir os preconceitos e limitações demonstrados pelo marechal, em determinadas questões, e nunca escondemos nossas divergências com ele.

Mas a atuação inequivocamente patriótica do ex-ministro da Guerra, em defesa da legalidade, no 11 de Novembro, e como representante da principal corrente que, dentro do governo, garantiu a preservação do monopólio estatal do petróleo durante os últimos cinco anos, projetou o nome do marechal Lott em todo o país, como portador das ideias nacionalistas, e fez com que sua candidatura já estivesse nas ruas, anos antes do pleito, lançada pelos setores nacionalistas do Exército, e por outras alas influentes do movimento nacionalista. E a verdade é que, durante todo o longo período de gestão da candidatura de união dos nacionalistas, não apareceu nenhum outro nome capaz de superar, em prestígio e possibilidades, o do marechal Lott. E bom lembrar que tampouco o sr. Guerreiro Ramos pode apresentar, na época, uma sugestão melhor. Ninguém o impediu de fazê-lo.

E igualmente falso atribuir a derrota da candidatura nacionalista ao fato de ter sido o marechal Lott o candidato. E tomar um efeito por causa. O que foi derrotado nas urnas foi o esquema de compromissos a que teve de sujeitar-se a candidatura nacionalista. Dentro desse esquema, o Marechal foi

o candidato possível. O que nele eram preconceitos e limitações, para os setores democráticos e populares do sistema de forças que o apoiava, eram virtudes para os setores reacionários do governo, cujo apoio era pretendido pela aliança nacionalista. Mesmo com seus preconceitos antidemocráticos, ele foi saboteado até o fim pelas cúpulas partidárias situacionistas. Qualquer candidato mais radical e mais consequente do que ele, que representasse com maior fidelidade os setores democráticos e populares da aliança nacionalista, mas que precisamente por isso, não pudesse aspirar ao apoio das cúpulas governistas, estaria virtualmente condenado ao isolamento e, em consequência, a uma derrota ainda maior.

E' mais correto e mais realista dizer que o candidato dos nacionalistas perdeu as eleições porque o movimento nacionalista ainda não se mostrou suficientemente forte e organizado, e suficientemente enraizado na consciência das massas de nosso povo, para concorrer com candidato próprio ao pleito presidencial. Teve de apresentar-se na campanha ligado ao governo Kubitschek, e não teve meios nem condições para dissociar-se candidato, aos olhos das grandes massas, da política de conciliação com o imperialismo e de desenvolvimento baseado no sacrifício do povo que predominou no atual governo. A fragorosa derrota dessa política, que foi o fato central das eleições, arrastou consigo a candidatura Lott.

Mas, inclusive para poder aprender esta grande lição tirada do pleito — a do fracasso de esquemas baseados na aliança com agentes imperialistas e outros inimigos do povo — o movimento nacionalista teve de seguir o caminho da candidatura Lott. Hoje, é fácil «prever», como a faz o sr. Guerreiro Ramos, que o marechal estava previamente derrotado; antes de concluído o teste, no entanto, as previsões

não eram tão simples. O próprio sr. Guerreiro Ramos, dias antes do pleito, e na mesma «Última Hora», não hesitou em publicar um artigo assinado, em que provava «por a + b» que Lott seria vitorioso, além de ser o candidato certo.

Dando uma guinada de 180 graus em seu otimismo pré-eleitoral, o prof. Guerreiro Ramos, hoje, só vê o desastre nos resultados do pleito. Sua visão só alcança até os números do placar. Não vê o enorme saldo positivo que restou da candidatura Lott: em primeiro lugar, foi ela o fator decisivo para a própria realização do pleito, pois, em virtude da firmeza do marechal e das que o apoiaram, todas as inúmeras tentativas «continuístas» alimentadas pela entourage do sr. Kubitschek foram condenadas ao fracasso; ela permitiu que, pela primeira vez, a grande maioria das forças políticas que integram o movimento nacionalista tivessem uma experiência de unidade, numa luta política de envogadura; e teve outros méritos igualmente importantes.

O mais importante deles foi, porém, o fato de que, uma vez colocada na disputa a candidatura Lott, o Quadros se viu obrigado a orientar sua campanha demagógica pelo nacionalismo, pois de outra forma não teria apoio popular. O sr. Guerreiro Ramos, aliás, também aí enxergou as coisas à avessas. Procurou apontar o fato de que não houve uma polarização, durante a campanha, entre nacionalismo e entreguismo, como uma prova de fracasso da candidatura Lott.

Ora, o distinto professor esquece que, para haver polarização, é preciso haver dois polos. E Jânio, que não é tolo e é velha raposa, simplesmente se negou a assumir o papel de polo oposto do nacionalismo. Preferiu, ao contrário, disputar com Lott o título de mais nacionalista. E é difícil saber se a ta-

refa de esclarecimento das massas populares sobre a ação espoliadora dos imperialistas norte-americanos em nosso país teria lucrado mais se houvesse a polarização. O fato é que durante mais de um ano, a opinião pública foi bombardeada por uma intensa e mecânica propaganda contra os frustros norte-americanos, e estes mesmos frustros foram obrigados a financiar uma parte dessa propaganda.

O resultado do pleito não apagou as denúncias contra o imperialismo da consciência do povo. Em consequência dos rumos que foi obrigado a imprimir à sua campanha, Jânio não pode dizer hoje que as ideias vitoriosas no pleito são as daqueles que financiaram a sua candidatura; ele está com uma perna presa pelo povo.

Só estes fatos já autorizam a conclusão de que, se o candidato nacionalista foi derrotado, o movimento nacionalista em seu conjunto não está hoje em pior situação do que estava antes de 3 de outubro e, pelo contrário, também teve seus ganhos com as eleições. Falar em «desastre», nestas condições, é atitude de quem faz jus ao velho chavão: a visão da árvore lhe impede de ver a floresta.

(1) — Não sabemos se a série terminou. O último artigo saiu publicado no dia 29 de novembro, com o título «Doenças infantis do trabalhismo». Os demais, «Peripécias do nacionalismo», «Problemas da esquerda no Brasil», e «Tarefa urgente da esquerda no Brasil», foram publicadas, respectivamente, nos dias 26 e 28 de outubro e 2 de novembro.

NO IBIRAPUERA

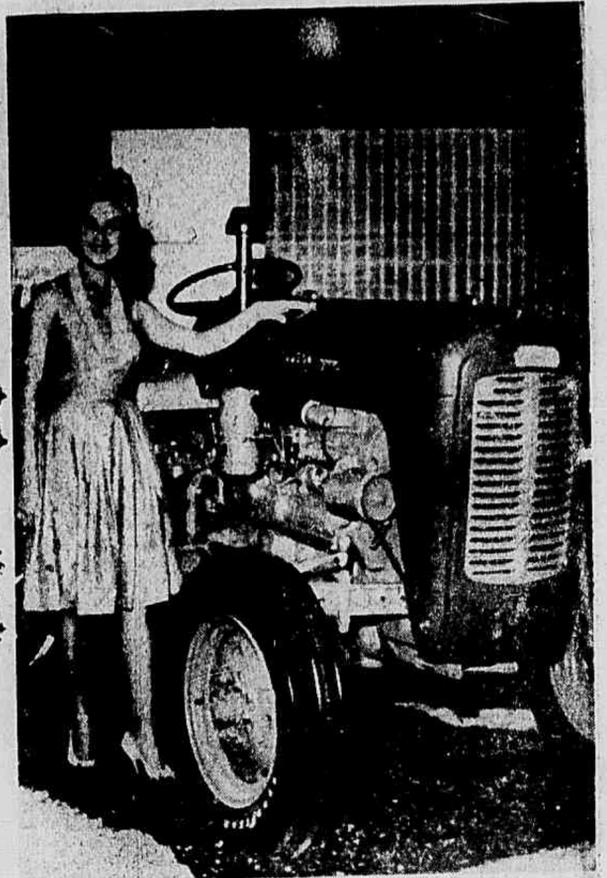
1º Salão Dos Veículos Nacionais: Boa ou má Brasil já Tem Indústria



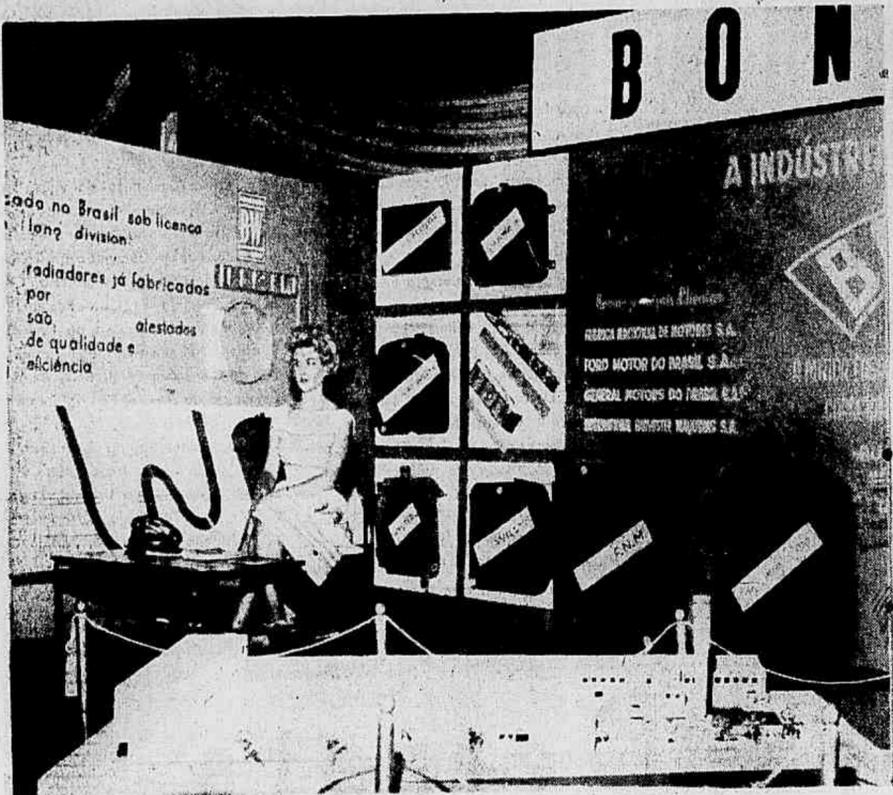
FNM: governo é padrasto

O "stand" do automóvel JK, da Fábrica Nacional de Motores, era como um símbolo de toda a indústria automobilística brasileira. Enquanto os "stands" das outras empresas, estrangeiras, contavam com a presença agradável e simpática das recepcionistas, o da companhia nacional mostrava apenas bonecos. A FNM utiliza os modelos de caminhão e automóvel da Alfa-Romeo e ambos são considerados de excelente qualidade e sua produção já é praticamente nacional em sua totalidade, mas a FNM foi a empresa que menos se beneficiou com o protecionismo à indústria automobilística.

Trator vai crescer



A produção de tratores estava sendo relegada a segundo plano. Atualmente já estão adiantados os planos para a instalação de fábricas nacionais, inclusive mediante a colaboração dos países socialistas.



Autopeças em perigo

Paralelamente à indústria automobilística, a de autopeças se desenvolveu bastante, com a particularidade de que as empresas que a constituíam, mais de um milhar, eram em sua maioria nacionais. Como a instalação da indústria automobilística foi feita desordenadamente, as grandes empresas estrangeiras começaram a fabricar também autopeças esmagando as nacionais.



Ford também é «brasileira»

A Ford produz no Brasil apenas dois tipos de caminhão e um de camioneta. Seu grau de nacionalização é dos mais baixos em suas categorias, apesar de toda a sua propaganda em sentido contrário. Foi das últimas a se decidir a montar fábrica no Brasil, mesmo com as vantagens concedidas pelo governo. Só veio para não perder o mercado.



Jipes de todo jeito.

A Willys Overland, segundo se informa, é a mais nacional das empresas automobilísticas, com exceção, é claro, da Fábrica Nacional de Motores, companhia estatal. A maioria das ações da Willys é de propriedade de brasileiros. Seus veículos são quase que totalmente produzidos no Brasil, a não ser o carro Dauphine, para cuja produção ela se associou à companhia francesa Renault e cujas peças são em sua maioria importadas. Sua produção de jipes é uma das mais afetadas pelo superdimensionamento da nossa indústria automobilística.

NOVOS RUMOS



Brasileiros só olham

A General Motors, a maior companhia da indústria automobilística norte-americana, só produz no Brasil um caminhão e uma camioneta. Foi também das que mais se aproveitou dos cem bilhões empregados pelo governo.